INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS**)**

IRLEY DA PENHA GUIJANSQUE

ERA UMA VEZ: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INCENTIVO À LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Vitória

2019

IRLEY DA PENHA GUIJANSQUE

ERA UMA VEZ: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INCENTIVO À LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Trabalho Final de Curso apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras/Profletras, ofertado pelo Instituto Federal do Espírito Santo – IFES, em rede nacional, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes.

Vitória

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

G952e Guijansque, Irley da Penha.

Era uma vez: a contação de histórias como incentivo à leitura no ensino fundamental II **/** Irley da Penha Guijansque. – 2019.

126 f**.**: il.; 30 cm

Orientador: Antônio Carlos Gomes.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras, Vitória, 2019.

1. Leitura – Estudo e ensino. **2.** Literatura – Estudo e ensino. **3.** Oralidade e comunicação. **4.** Arte de contar histórias. **5.** Língua portuguesa (Ensino Fundamental). I. Gomes, Antônio Carlos. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 372.4

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES - 656

IRLEY DA PENHA GUIJANSQUE

ERA UMA VEZ: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INCENTIVO À LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II.

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 12 de junho de 2019

COMISSÃO EXAMINADORA

Doutor Antônio Carlos Gomes
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Orientador

Doutor Lucas dos Passos e Silva
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno

Doutora Dilza Côco
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Externo

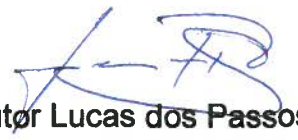
IRLEY DA PENHA GUIJANSQUE

GUIJANSQUE, Irley da Penha; GOMES, Antonio Carlos. **Contação de Histórias**: Formando Leitores no Ensino Fundamental II. Vitória: Ifes, 2019. 63 p. (Caderno em forma de Ebook).

Produto Educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em 12 de junho de 2019

COMISSÃO EXAMINADORA



Doutor Lucas dos Passos e Silva
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno

Doutora Dilza Côco
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Externo

DEDICATÓRIA

Dedico todo este trabalho ao meu avô Henrique Guijansque e suas memórias, que, mesmo analfabeto, conduziu-me ao amor pelas histórias e, consequentemente, à paixão pelos livros. Este amor e paixão tiveram início quando, em criança, ele de forma muito carinhosa e especial contava lindas histórias, despertando em mim a vontade de procurar, nos livros, as histórias que tanto me encantavam, estimulando, assim, meu interesse pela leitura, objeto principal desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Dizer obrigada, às vezes, não é suficiente para agradecer a generosidade das pessoas que nos ajudam durante jornadas desafiadoras. Ainda assim, agradeço a todos que estiveram presentes nos meus momentos de maior insegurança, apoiando-me e incentivando a prosseguir, mais especificamente, agradeço:

a Deus pela saúde e pela disposição para conclusão deste trabalho, aos meus pais pela vida e aos meus filhos Yuri e Yasmin, que são meus presentes para a vida inteira;

à diretora da UMEF Joffre Fraga, Marlúcia Schimith, a todo os meus alunos que me colaboram para a realização da pesquisa empírica. Sem a parceria deles este trabalho não seria possível;

a meus amigos de trabalho da UMEF Joffre Fraga e a todos os colegas do Profletras pelo incentivo e companheirismo; em especial, a Tânia, a Denise e a Bruno que se tornaram amigos para a vida;

a Márcio por sua paciência em me ouvir e não me permitir desanimar e aos professores do Profletras que, com dedicação e profissionalismo, compartilharam conhecimentos que certamente me tornarão melhor;

aos Professores Drs. Lucas e Antônio Carlos pela gentileza de socializarem muitas contribuições durante o exame de qualificação.

Por fim, de modo especial, agradeço à Professora Drª Karina Bersan Rocha, por toda paciência e ajuda durante boa parte da caminhada, e ao meu orientador na reta final do trabalho, Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes, por sua generosidade e disponibilidade em dar-me as mãos para seguirmos juntos até aqui.

Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências.

Jean de La Fontaine

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Espaço da UMEF onde foi realizada a pesquisa..... 65

Figura 2 - Hábitos de leitura dos alunos e de seus pais..... 66

Figura 3 - Sondagem junto aos alunos sobre contação de histórias..... 67

Figura 4 - Tipo de histórias que os alunos gostam de ouvir..... 67

Figura 5 - Contadores das histórias para os alunos 68

Figura 6 - Leituras do aluno 69

Figura 7 - Hábito de leitura dos familiares próximos 69

Figura 8 - Tipos de leitura feitas pelos familiares próximos 70

Figura 9 - Apresentação da contadora de histórias para as turmas..... 78

Figura 10 - Imagem do livro “As tranças de Bintou” 80

Figura 11 - Alunos assistindo aos vídeos sobre contação de histórias..... 88

Figura 12 - Aluna socializando os resultados das análises..... 88

Figura 13 - Momento de pesquisa..... 90

Figura 14 - Educandas especiais apresentando “Chapeuzinho Vermelho” 102

Figura 15 - Alunas da Educação Especial..... 102

Figura 16 - Alunas contando histórias..... 103

Figura 17 - Momento de contação para as turmas..... 104

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Pesquisas relacionadas à leitura e contação de histórias 18
Quadro 02 - Esquema da sequência didática 63

RESUMO

Este trabalho do Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo surgiu da necessidade de buscarmos meios para auxiliar, na escola, o estímulo à leitura. O objetivo da pesquisa é trabalhar a leitura e a formação do leitor no Ensino Fundamental II, utilizando atividades de contação de histórias. Pensamos no uso da contação de histórias para tal segmento porque supomos que essa arte, quando bem utilizada, pode favorecer positivamente o processo educacional e possibilitar ao aluno compreender melhor a si e ao mundo. Como embasamento teórico fundamentamos a pesquisa em autores como: Mikhail Bakhtin (1999), Roger Chatier (1999), Paulo Freire (2003), Antonio Candido (1995), Walter Benjamin (1994), Paul Zumthor (2007), entre outros. No desenvolvimento elaboramos uma pesquisa qualitativa com intervenção pedagógica por meio de oficinas de contação de história para interação com o texto literário, organizadas em uma sequência de atividades elaboradas de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Nessas oficinas os alunos tanto exercitaram a escuta de histórias quanto a sua apresentação aos colegas, utilizando para isso a oralidade e a expressão artística a fim de desenvolver a performance de contador de histórias. Os resultados obtidos, após a produção e análise de dados, foram transformados em sugestões de atividades em forma de um produto educacional. Por fim entendemos que a leitura do texto literário promove o diálogo e estimula a sensibilidade de quem lê ou ouve, por meio da imaginação, e, quando bem utilizada em sala de aula, torna as aulas mais atraentes e criativas.

Palavras-chave: Ensino. Leitura. Literatura. Contação de histórias. Oralidade.

ABSTRACT

This work of the Master's Degree in Literature of the Federal Institute of the Spirit Santo arose from the need to find means to help the school stimulate reading. The objective of the research is to work reading and the formation of the reader in Elementary School II, using activities of storytelling. We think about the use of storytelling for this segment because we assume that this art, when well used, can positively favor the educational process and enable the student to better understand himself and the world. As a theoretical basis we base the research on authors such as: Mikhail Bakhtin (1999), Roger Chatier (1999), Paulo Freire (2003), Antonio Candido (1995), Walter Benjamin (1994), Paul Zumthor (2007), among others. In the development we elaborated a qualitative research with pedagogical intervention through storytelling workshops for interaction with the literary text, organized in a sequence of activities according to Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004). In these workshops students both exercised listening to stories and their transmission to colleagues, using oral and artistic expression to develop storyteller performance. The results obtained, after the production and analysis of data, were transformed into suggestions of activities in the form of an educational product. Finally we understand that the reading of the literary text promotes dialogue and stimulates the sensibility of those who read or listen, through imagination and, when well used in the classroom, makes classes more attractive and efficient.

Keywords: Teaching. Reading. Literature. Storytelling. Orality

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 NOSSO TEMA EM DIÁLOGOS COM OUTRAS PESQUISAS 18
3 LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR 24
3.1 CONCEPÇÕES DE LEITURA 24
3.1.1 A Leitura e a Formação do Leitor Crítico 28
3.1.2 A Leitura no Brasil 30
3.1.3 A Leitura do Texto Literário na Escola 31
3.1.4 Mediação e Leitura 36
3.1.5 A Biblioteca Escolar como Espaço de Mediação de Leitura 40
4 AS PRÁTICAS DE ORALIDADE NA ESCOLA 42
4.1 A ARTE DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 44
4.2 O CONTADOR DE HISTÓRIAS CONTEMPORÂNEO 47
4.2.1 O Contador Urbano 49
4.3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INCENTIVO À LEITURA 51
4.4 TÉCNICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 53
4.4.1 Contar ou Ler? 55
4.4.2 Etapas que Devem Ser Observadas pelo Contador de Histórias 55
4.4.3 Preparando a Contação 56
4.4.4 Apresentando a História 56
4.4.5 Como Iniciar e o Tempo Necessário para a História 57
4.4.6 O Que Fazer Caso Ocorram Interrupções 58
4.4.7 Como Finalizar a História 58
4.4.8 Atividades pós Contação 58
5 METODOLOGIA 60
5.1 ABORDAGEM 60
5.2 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO 62
5.3 O LOCUS E OS SUJEITOS DA PESQUISA 64
5.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO 71
6 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA 75
6.1 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS POR MEIO DA SD 75
6.1.1 1 º Módulo: Sondagem Diagnóstica 75

6.1.2 2º Módulo: Apresentação do Filme "Narradores de Javé" 76
6.1.3 3º Módulo: Contar e Encantar "O Contador em Ação" 78
6.1.4 4º Módulo: Conhecendo o Gênero Entrevista 81
6.1.5 5º Módulo: Conhecendo as Histórias que Circulam na Comunidade..... 82
6.1.6 6º Módulo: Apreciação de Vídeos Sobre Contação de Histórias 86
6.1.7 7º Módulo: Pesquisando os Gêneros Narrativos 89
6.1.8 8º Módulo: Momento do Conto 91
6.1.9 9º Módulo: Preparação do Contador 93
6.1.10 10º Módulo: Concurso de Contadores de Histórias 100
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 107
REFERÊNCIAS 111
ANEXOS..... 116

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse pela leitura surgiu bem cedo na minha trajetória de vida, pautada por momentos inesquecíveis, proporcionados pela contação de histórias. Nasci em uma família composta de cinco filhos, sendo meu pai um torneiro mecânico e minha mãe dona de casa. Desde cedo fui muito curiosa, e me interessava muito o significado das palavras. Lembro-me de questionar minha mãe sobre o sentido de alguma palavra que eu havia ouvido, o porquê de uma outra possuir determinado nome, ou, ainda, quem a havia inventado. Minha mãe, por haver estudado somente até o antigo quarto ano primário, não conseguia me responder, ora afirmando que Deus a havia criado, ora me mandando ir brincar. Nas férias de final de ano, íamos a Minas Gerais na casa de meus avós e, após o jantar, sentávamos eu e meus irmãos em volta de meu avô e pedíamos a ele que nos contasse histórias. Nessa hora ele se punha a contar histórias que falavam de reis e rainhas, príncipes e princesas de lugares distantes. Sua fala mansa despertava minha imaginação e eu me via como a princesa das histórias contadas. Ficava tão encantada que surgiu uma vontade imensa de aprender a ler para que pudesse buscar sozinha as histórias que meu avô tão bem criava.

Após entrar na escola, logo aprendi a ler, e foi como se uma cortina tivesse sido retirada da frente de meus olhos. O que para mim era um mistério passou a ser uma grande descoberta. Lia tudo que pegava nas mãos, de bula de remédio a dicionário, mas do que mais gostava eram os contos de fadas. Eles sempre me levavam a um mundo encantado, bem diferente da realidade a minha volta.

O ensino primário aconteceu em escolas bem pequenas na região da cidade de Serra, e lá não havia bibliotecas, então meu contato com os livros vinha por meio dos poucos que havia em minha casa, comprados por meu pai, que gostava de ler em seus momentos de lazer. Após nossa mudança para Vila Velha, fui matriculada em uma escola do Estado para fazer o antigo ginásio. Nessa escola, havia uma pequena biblioteca, bastante frequentada por mim, tanto que ajudava a bibliotecária a fazer restauração e catalogação dos livros.

Foi somente no ensino médio, como aluna do Colégio Estadual, que, finalmente, tive contato com uma biblioteca de verdade, nela comecei a procurar os livros onde, para mim, estavam concentradas as histórias que meu avô me contava.

Lembro-me de buscar os livros mais velhos e mais amarelados, pois em minha cabeça havia a ideia de que, como meu avô já era idoso, suas histórias deveriam estar nesse tipo de livro. Até que um dia, percebi que ele por ser analfabeto não havia lido essas histórias em livro algum, certamente, havia ouvido de outras pessoas e as contou para nós. A partir desse dia, desisti dessa busca, mas já havia sido plantado dentro de mim o prazer pela leitura.

Passei parte de minha adolescência mergulhada nos livros, adorava e adoro ler romances, sempre me colocava no lugar da mocinha e por meio da leitura era transportada para outros lugares e culturas, Itens que ainda considero fascinantes. Porém, todas as vezes que minha mãe me pegava lendo, mandava-me fazer alguma coisa mais útil, pois para ela ler era algo de pouca importância.

Hoje, credito à leitura ter chegado até onde cheguei, pois, por meio dela, criou-se em mim o gosto pelos estudos, que transformou meu futuro, já que fui educada para ser mãe e esposa. Na época, imaginar uma filha fazendo um curso superior em uma faculdade pública era algo impensado para minha mãe e raro em minha família. Precisei vencer algumas barreiras, pois comecei a fazer minha graduação em Letras após alguns anos de casada, com dois filhos pequenos e uma renda familiar reduzida, já que estava desempregada.

Quando resolvi fazer inscrição para o vestibular da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) aos trinta anos, levei em consideração, para a escolha do curso, o meu gosto pela leitura. Um semestre após haver ingressado na faculdade, comecei a dar aulas em uma pequena escola particular para alunos do ensino fundamental. Desde o início, percebi nas crianças, principalmente nas maiores, certo desinteresse pela leitura, mesmo assim as levava à biblioteca para que pudessem ter contato com os livros e para que escolhessem aqueles que mais lhes agradassem. Lá eu lia alguns capítulos ou contava um pequeno trecho do que iriam encontrar em um ou outro livro, e isso incentivava-os a ler. Em outro momento, fazíamos rodas de leituras nas quais

os alunos deveriam recomendar ou não os livros lidos por eles. Lembro-me de que gostavam bastante. Uso tal prática até hoje.

Durante minha trajetória de trabalho, tenho percebido que a proficiência em leitura e interpretação de textos, tão exigida pelas provas de avaliação da Educação Pública Básica no Brasil, tais como a Prova Brasil, Saeb, Paebes, Ideb, entre outras, tem demonstrado, em seus resultados, que os alunos da educação básica no Brasil ainda não alcançam índices desejáveis nesse quesito. Diante de tal fato, senti necessidade de procurar alternativas que ajudassem a estimular a leitura nos alunos dos anos finais do ensino fundamental II.

Para isso, procurei cursos de aperfeiçoamento e comecei a procurar formas de investir na verticalização da minha formação, assim me inscrevi no Mestrado Profissional em Letras, por acreditar ser uma das melhores possibilidades de adquirir novos conhecimentos, pois, após muitos anos em sala de aula, sabemos a importância de nos atualizarmos, a fim de superar nossas barreiras internas no sentido de trabalhar a leitura, a escrita e outras operações relacionadas à linguagem.

Assim, no mestrado, considerando os problemas com o desinteresse pela leitura por parte dos alunos, decidimos fazer uma investigação sobre contação de histórias nas aulas de língua portuguesa, por acreditar que a escuta de histórias no ambiente escolar pode se tornar um instrumento eficiente para o desenvolvimento da prática leitora nos alunos. Dessa forma, nossa pesquisa tem como objetivo geral: Analisar os efeitos da contação de histórias no ensino fundamental II para estimular práticas de leitura e produção de texto. A fim de alcançar esse objetivo principal, traçamos outros objetivos mais específicos que são:

- refletir sobre a leitura na escola;
- conhecer e exercitar estratégias de contação de histórias e experiências a elas relacionadas voltadas para a aprendizagem;
- enfatizar a oralidade como fonte de conhecimento;
- elaborar uma sequência de atividades com oficinas de anotação de histórias.

Encontrar formas de envolver os alunos para estimular a leitura no ambiente escolar é um anseio da maioria dos profissionais da educação. Porém o dia a dia em nossas escolas tem mostrado uma realidade bem diferente daquela muitas vezes propagadas pelos governantes. Encontramos professores mal remunerados, alunos desestimulados, bibliotecas com espaço não adequado e acervo escasso, falta de bibliotecários etc. Esse contexto tem dificultado e limitado o trabalho do professor. Em vista disso, percebemos a necessidade de refletir e dialogar sobre novas abordagens para o ensino, buscando investigar meios que possam colaborar para a mudança desse cenário tão desanimador.

Entendemos que há relevância desta investigação sobre o estímulo à leitura como ferramenta pedagógica para nossa prática docente. Assim, para sistematizarmos esta pesquisa, a metodologia empregada respalda-se na abordagem qualitativa, tendo como método de produção e análise dos dados uma intervenção, que teve como princípio a dialogicidade por meio de uma sequência de atividades envolvendo a leitura, interpretação e contação de histórias com as quais pudemos explorar diversas possibilidades de o aluno constituir-se sujeitos por meio da língua(gem).

A nossa pesquisa está dividida em sete capítulos, sendo que neste primeiro registramos nosso memorial acompanhado da justificativa, problema e objetivos da pesquisa; no segundo, apresentaremos uma revisão de literatura ou diálogos com outros pesquisadores, evidenciando trabalhos que têm como foco o ensino-aprendizagem da língua com ênfase na leitura e na contação de histórias. No terceiro capítulo apresentamos como tópico inicial a leitura enquanto prática social, uma atividade que dialoga com os textos, e apropriando-se do capital cultural advindos dos conhecimentos acumulados por meio de atitudes e significados culturais. No quarto capítulo, abordamos a leitura como prática facilitadora para a transformação do indivíduo, pois sabemos da importância da leitura para a construção do conhecimento. Assim, buscamos em Paulo Freire a confirmação de que a leitura é capaz de transformar o indivíduo e o espaço em que vive. Ainda neste capítulo falaremos sobre a arte de contar histórias, ressaltando o papel do contador de histórias e sua contribuição para a sociedade, ao propagar a cultura e os valores sociais de um povo. No quinto capítulo, discutimos a metodologia, na qual fazemos a descrição da parte empírica que norteia este trabalho, nela abordamos as características do lócus da

pesquisa e seus sujeitos; descrevendo todo o processo, ações e recursos usados para o andamento da sequência didática, além dos procedimentos para a análise dos dados. No sexto capítulo, relatamos as atividades realizadas e o passo a passo para a concretização de cada etapa. E por fim, no sétimo e último capítulo, apresentamos as considerações sobre as ações realizadas e a avaliação em relação a todas as indagações que norteiam este trabalho, procurando instigar, a quem o ler a busca em outras fontes por mais dados.

2 NOSSO TEMA EM DIÁLOGO COM OUTRAS PESQUISAS

A prática de leitura na escola tem sido alvo de estudo em inúmeras pesquisas na área educacional. Considerando que pretendemos trabalhar a leitura e a formação do leitor no Ensino Fundamental, utilizando atividades de contação de histórias, neste capítulo, vamos apresentar outras pesquisas e dialogar com elas.

Buscamos no Portal da Capes teses e dissertações com os seguintes descritores: contação de histórias, leitura e formação do leitor. Optamos por trabalhar com pesquisas realizadas, entre os anos de 2013 e 2017, por se apresentarem mais atualizadas em relação às Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs), publicada em 2013. No total, localizamos para o descritor contação de histórias: 754422 dissertações de mestrado e 253537 teses de doutorado. Para o descritor leitura, identificamos 28283 dissertações de mestrado e 8684 teses de doutorado e para formação do leitor 729568 dissertações e 245093 teses de doutorado. Dessas, quatro foram escolhidas após nova busca, colocando-se cada entre aspas, e analisando os títulos. A escolha se deu por serem as que mais se aproximam do nosso objeto de pesquisa. Apresentamos no quadro 01 a descrição das pesquisas selecionadas:

Quadro 01: Pesquisas relacionadas à leitura e contação de histórias

AUTOR	TÍTULO	DOCUMENTO	PROGRAMA	UNIDADE	ANO
SOUSA, Franciane Lima	*Formação do leitor literário: contação de histórias nas ondas da rádio escolar.*	Dissertação	Mestrado Profletras	UERN/CAMEAN, Rio Grande do Norte	2015
FERREIRA, Daniela Lopes	*O contador de histórias como mediador de leitura: o significado e as contribuições que o curso "Encantadores de Histórias" traz para a formação do leitor e do mediador de leitura*	Dissertação	Mestrado em Educação	Universidade Católica de Petrópolis,	2014.
MOTA, Luciene Freitas	*Mulheres que educam: experiências de contadoras de histórias*	Dissertação	Mestrado em Letras	Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia	2017
ROSSONI, Janaína Cé	*A contação de histórias como possibilidade educativa: análise de dissertações e teses produzidas no contexto brasileiro*	Dissertação	Mestrado Profletras	Centro Universitário La Salle – Canoas – RS	2013

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Em sua dissertação, Sousa (2015) sugere que o ser humano necessita transmitir, por meio da oralidade, as dúvidas e indagações sobre seu lugar no mundo. Analisa, também, o que diferencia o contador de histórias de ontem do de hoje, e como o avanço da tecnologia tem influenciado em sua performance. Continua acrescentando que a escola se encontra engessada em sua prática de leitura, pois permanece com a metodologia de fragmentação de textos literários, tornando o ler por prazer algo distanciado da prática diária. Enfatiza, ainda, a importância da contação de histórias por contribuir com o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e linguístico tão necessários para a formação das crianças.

Essa dissertação de Sousa (2015) levou-nos a perceber que a contação de história está presente na vida do homem desde seu surgimento, e que, diferentemente do que é preconizado por alguns autores, o papel de contador de histórias está longe de ser extinto, está segundo a autora, sendo reformulado e adaptado para as exigências das novas maneiras de comunicação. A autora cita Yunes (2014), que afirma:

> O contador não está só, e não desapareceu: há uma complexa partitura de sons, sobretudo no mundo urbano, em que a voz humana resiste a nossa própria e a do outro, a interior e a expressa, integrando a paisagem sonora e ruidosa que atordoa e abafa, mas quer espaço e tempo para ecoar e demorar-se para além da mera existência (YUNES, 2014, apud SOUZA, 2015, p.22).

Já a dissertação de Ferreira (2014) trata da contribuição do curso “Encantadores de Histórias”, que ocorreu em Juiz de Fora, na Biblioteca Municipal Murilo Mendes, para a formação de professores. Esse projeto, com início em 2012, ofereceu oficinas literárias, baseadas na literatura infantojuvenil, voltadas para a sala de aula, na promoção da formação do leitor e da importância do mediador de leitura.

Ao trazer reflexões sobre a importância do ato de ler, usa como embasamento os teóricos Paulo Freire (1992), Manguel (1997) e Petit (2009), que têm em comum assinalar o acesso à leitura como ato de cidadania, em que se descortina um novo mundo para aquele que aprende a ler, um mundo mais crítico e cheio de possibilidades de desenvolvimento pessoal e social, e completa que hoje o acesso à tecnologia tem desmotivado os alunos para a leitura.

No segundo capítulo de seu trabalho, Ferreira (2014) discorre sobre a leitura na escola e sua importância na formação de leitores. Considera que a biblioteca, a leitura, a oralidade e a escrita, são peças fundamentais para a formação do leitor. Destaca sobre a necessidade de o professor ser um bom leitor para que possa incentivar seus alunos a fazer o mesmo. Por meio de relatos, a autora comprova a importância de a criança ter contato com alguém que gosta de ler e que consiga transmitir esse prazer.

Ferreira (2014) ressalta ainda que a escola tem negligenciado o conto em sua forma oral em detrimento de outras atividades, desvalorizando o trabalho com a oralidade ao privilegiar quase que exclusivamente o texto escrito. Defende, principalmente, a importância do curso de contadores de história para o aprimoramento das técnicas de contar histórias. E, por fim, após análise dos relatos colhidos nas entrevistas com os participantes do curso “Encantadores de histórias”, constata, por meio dos depoimentos de professores, que, ao ouvir histórias em sala de aula, alguns alunos manifestaram o interesse de também contar histórias, mostrando que o apreendido no curso potencializou a mediação da leitura.

Já Mota (2017) em sua dissertação, percorre a história da arte de contar histórias tendo a mulher como protagonista, passando por meio da narrativa de experiência seus valores éticos e morais, tornando assim o ato de contar histórias não apenas uma diversão, mas também um instrumento poderoso para a educação das crianças. Essa autora divide seu trabalho em duas etapas, sendo a primeira uma pesquisa sobre o percurso da mulher que conta histórias, desde a tradição oral até os dias atuais e de que maneira aconteceu.

Em um segundo momento, fez entrevistas com cinco mulheres que narraram sua trajetória e experiências, da infância como ouvintes e agora, como contadoras de histórias, e como consideram a narrativa um instrumento educacional. Para embasamento de seu trabalho promove um importante diálogo com teóricos e estudiosos, como Warner (1999), Zumthor (1993), Matos (2005), Bosi (2004), Vygotsky (2000) e Bakhtin (2011).

Ao final da leitura desse trabalho, notamos a importância das mulheres como divulgadoras dos ensinamentos e da educação das crianças por meio da contação de

histórias. Focamos nessa dissertação os temas de interesse para nossa área de pesquisa, tais como: a oralidade, a arte de contar histórias e sua contribuição na construção do sujeito.

E, finalmente, na dissertação de Rossoni (2013), que se intitula “A contação de histórias como possibilidade educativa: análise de dissertações e teses produzidas no contexto brasileiro”, a autora faz uma reflexão teórica sobre a importância da contação de histórias na escola e na formação do professor. Para isso, a autora usou como teoria os estudos de Vigotski (1998), Meirieu (1998), Ausubel (2003), Gauthier (2006), Nóvoa (2007), Pimenta (2012) e Tardif (2012), entre outros, para a abordagem referente ao ensino, a práticas educativas e à formação de professores. Para a contação de histórias, baseou-se nos estudos de Pellowski (1991), Dailey (1994), Collins e Cooper (2005) que defendem o uso dessa metodologia em sala de aula.

Nessa dissertação de Rossoni (2013), concentramo-nos nos tópicos contação de histórias, práticas educativas, formação docente e incentivo à leitura. A autora, em sua pesquisa, busca em várias fontes provar que a contação de histórias contribui de maneira efetiva para a promoção da aprendizagem dos alunos, servindo de suporte para a maioria dos componentes curriculares e até mesmo para a matemática, considerada uma disciplina que basicamente utiliza os números. Houve um momento de sua pesquisa que nos chamou a atenção, ao afirmar que

> Iniciamos a interlocução entre as autoras das dissertações com o trabalho de Pacheco (2009), cuja pesquisa nasceu diante de uma inquietação a respeito de uma situação atípica: acadêmicos do curso de Letras de uma IES particular, de Belém do Pará, assinaram um abaixo-assinado solicitando que a oficina ‘A arte de contar histórias’ não fosse ministrada. A justificativa foi que a oficina era insignificante e de que o público preferencial deveria ser de professores das séries iniciais e não os das séries finais do Ensino Fundamental (ROSSONI, 2013, p. 46).

Esse pensamento reforça a necessidade de se defender a contação de histórias para as séries finais do ensino fundamental. Por isso, buscamos reafirmar, por meio desta pesquisa, que tal arte pode colaborar com o processo de ensino-aprendizagem dos adolescentes, pois possibilita o estímulo à leitura, além de proporcionar o desenvolvimento da oralidade.

Em princípio, fizemos um levantamento no Banco de teses do portal da Capes, buscando trabalhos que versavam sobre o assunto contação de histórias e estímulo à leitura. Escolhemos em meio a várias dissertações e teses, esses quatro trabalhos entre os anos de 2013 a 2017, por mais se aproximarem de nossa proposta: apresentar a contação de histórias como estratégia para a formação de leitores. Outro ponto importante encontrado nesses trabalhos é a valorização do papel do professor como mediador e organizador de diferentes práticas capazes de levar o aluno a desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso real da linguagem.

A escolha dessas quatro dissertações se justifica pelas reflexões que cada uma traz sobre o ato de contar histórias e sua relevância para o despertar da leitura em sala de aula. Por meio delas pudemos ter uma visão diferenciada da contação de histórias, além de corroborar nossa linha de pesquisa. A dissertação de Souza (2015), por exemplo, ajudou-nos a analisar e compreender a formação do leitor literário a partir de narrativas de contos de terror; enquanto em Ferreira (2014), o mais relevante foi o relato sobre a criação do curso de contação de histórias, intitulado “Encantadores de histórias”, cujo objetivo foi apresentar as contribuições que ele possibilita para a formação do leitor e do mediador de leitura no ambiente escolar. Já em Mota (2017), chamou-nos a atenção a abordagem do papel da mulher na transmissão dos saberes por meio da contação de histórias. A partir da leitura de seu trabalho percebemos como o ato de narrar foi usado pelas mulheres como estratégia para a educação dos filhos e netos desde tempos remotos até hoje. Por fim, na dissertação de Rossoni (2013), o que nos interessou foi a pesquisa que faz de outras teses e dissertações cujo tema é contação de histórias como possibilidade educativa, proporcionando uma dimensão mais abrangente da importância dessa arte para a formação do leitor.

Durante nossa pesquisa em outras dissertações, percebemos a importância que a maioria dos que se preocupam com a educação e principalmente com a formação do leitor, dão a contação de histórias, uma arte que resiste ao tempo e à tecnologia e que sempre foi e sempre será importante para o registro e para a manutenção da cultura e dos valores que permeiam a sociedade. Sabemos que é por meio da interação, da escuta de experiências de outros que nos constituímos como indivíduo,

portanto ouvir histórias continuará sendo um importante veículo de divulgação dos saberes populares.

Com isso, buscamos constatar, por meio dessas pesquisas, que tal arte pode sim colaborar com o processo de ensino-aprendizagem dos adolescentes, pois possibilita o estímulo à leitura, além de desenvolver a oralidade.

3 LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR

3.1 CONCEPÇÕES DE LEITURA

Como nosso objetivo é trabalhar a leitura e a formação do leitor no Ensino Fundamental, utilizando atividades de contação de histórias, julgamos ser interessante fazer uma breve reflexão sobre leitura e leitor. A palavra leitura deriva do Latim "*lectura*", que tem como sentido original “eleição, escolha". Refere-se ao modo como se compreende determinadas formas de informação presentes em um suporte, e que podem ser transmitidas pelos mais variados códigos, não ficando restrita apenas à decodificação de textos escritos. Sobre isso Manguel afirma que:

> [...] Ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces. O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zoólogo lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora; a dançarina lendo as notações do coreógrafo e o público lendo os movimentos da dançarina no palco; o tecelão lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido [...] (MANGUEL, 2004, p. 6).

Com isso, percebe-se que a leitura possui uma definição bem mais ampla do que apenas a decodificação de um sistema de signos verbais. É uma atividade que promove as relações sociais e fomenta outras atividades, proporcionando a criação de conceitos próprios, possibilitando o esclarecimento dos questionamentos advindos da interação entre os indivíduos. Assim, conforme Zilberman (2009, p. 27), “[...] seja no âmbito coletivo, seja no plano individual, a conquista da habilidade de ler é simultaneamente o primeiro passo na direção da liberdade, de uma parte e de outra, para a assimilação dos valores da sociedade”.

Ao ler, o sujeito vai acrescentando um sentido próprio ao texto, referenciando-o à sua maneira, a partir de sua experiência de mundo, pois, segundo Geraldi (2011, p. 112) “a qualidade (profundidade) do mergulho de um leitor em um texto depende de seus mergulhos anteriores. Mergulho não só nas obras que leu, mas também na leitura que faz de sua vida.”

Chartier (2001), ao citar Borges, acrescenta também que o livro e seus significados vão mudando de acordo com as leituras feitas.

> O que são as palavras postas em um livro? O que são esses símbolos mortos? Nada absolutamente. O que é um livro se não o abrimos? É simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo estranho, creio que muda a cada vez. Heráclito disse (o repeti demasiadas vezes) que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio porque as águas mudam, mas o mais terrível é que nós não somos menos fluidos que o rio. Cada vez que lemos um livro, o livro mudou, a conotação das palavras é outra (BORGES apud CHARTIER, 2001, p.11).

Então, para que a compreensão e a interpretação do lido sejam satisfatórias, importa que a leitura aconteça a partir da experiência e dos conhecimentos prévios que o leitor já traz internalizados, e com isso estabeleça entre texto e leitor uma relação íntima, uma interlocução, e não apenas a compreensão de letras e sílabas, e nessa interação, leitor e texto transformam-se. De acordo com Koch (2006) a compreensão do lido modifica a realidade de quem lê, visto que ler e escrever não são atos aleatórios e sim consequências de experiências sociais e culturais.

Ainda segundo Koch e Elias, (2006, p. 11) a leitura é “[...] uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização.” Na interação com o texto, o leitor não deve se limitar a observar o sentido do texto como algo pronto e acabado, mas, sim, ir além dos dados textuais explícitos.

Também para Kleiman (2002) a compreensão de textos só se efetiva se o leitor utilizar seu conhecimento prévio sobre o assunto que será lido, e tal conhecimento advém de saberes acumulados pelo leitor durante sua vida, uma vez que ele é um sujeito inserido em determinada cultura e coparticipante de práticas sociais diversificadas. Esse conhecimento prévio é subdividido em três tipos: conhecimento linguístico, conhecimento textual e conhecimento de mundo, que podem ser definidos assim:

- *Conhecimento linguístico*: diz respeito às noções acumuladas sobre o funcionamento da língua, como: vocabulário, estruturas sintáticas, entre outros;

- *Conhecimento textual*: envolve o “conjunto de noções e conceitos sobre o texto” (Kleiman, 2009, p. 22), tais conhecimentos se referem ao tipo de gênero em que o texto está inserido e aos tipos textuais, como: descrição, narração, dissertação e injunção.
- *Conhecimento de mundo ou enciclopédico*: É aquele que, segundo Kleiman (2009, p. 22), “[...] abrange desde o domínio que um físico tem sobre sua especialidade até o conhecimento de fatos, do tipo como: ‘O gato é um mamífero’, ‘Angola está na África’, e ‘não se deve guardar fruta verde na geladeira’ [...]”.

Compreendemos, então, que, para ler e entender o texto, é necessário que quem o lê conheça o funcionamento da língua e ative seu conhecimento prévio sobre o assunto, inserindo-se, nesse momento, no processo de produção de sentidos, que permeia as atividades humanas, recurso que permite ao homem penetrar no universo da cultura, transformando-o em um ser culto e pensante.

Em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem,* Bakhtin (1997*)* argumenta que a construção de sentidos de uma palavra depende do contexto em que esta é inserida no momento da prática discursiva. Segundo ele, a língua deve ser considerada como lugar de constituição da subjetividade, de interação e não apenas um sistema de signos.

Bakhtin afirma que no momento da enunciação há um jogo discursivo dialógico por natureza: “A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados [...] a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 1997, p.112-113). Nessa interação, acontecem as trocas discursivas entre o eu e o outro, possibilitando a produção de enunciados concretizados a partir da compreensão entre os sujeitos que se comunicam. Um sujeito que prevê a existência de um interlocutor antevê o sentido produzido por seu texto sobre esse outro.

Esse teórico assegura ainda que compreender equivale a “opor à palavra do locutor uma contrapalavra” (BAKHTIN, 1997, p.105), ou seja, quando um locutor emite uma mensagem ao seu interlocutor, espera-se que este assuma uma posição ativa diante da mensagem e profira uma resposta, mesmo que de objeção. Essa resposta resulta

de uma postura ativa do interlocutor, que, ao compreender os enunciados do locutor, adquire uma posição de sujeito responsivo ativo. Essa responsividade, de acordo com Bakhtin (2007), é esperada pelo enunciador, pois a

> [...] compreensão responsiva nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta (seja qual for à forma de sua realização). O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução etc. (BAKHTIN, 2007, p. 291).

Nesta perspectiva, o interlocutor responsivo ativo surge quando concorda, faz uma objeção ou amplia o enunciado do locutor. Essa atitude, na leitura, ocorre quando há um diálogo entre o autor, o leitor e o texto. Para Bakhtin (2007), o escritor, tal qual o enunciador no momento do diálogo, espera uma resposta daquele que o lê.

Quando, ao ler, o leitor assume a posição de coprotagonista, consegue interpretar melhor o que foi escrito, sendo difícil assumir um comportamento passivo, impedindo-o de emitir suas impressões sobre o que leu. Sendo assim, o ato de ler e compreender o que foi escrito é o que confere a atitude responsiva ativa do leitor. Assim, o comportamento responsivo ativo de um leitor perante o texto promoverá um comportamento dialógico, possibilitando a elaboração e a compreensão de outros enunciados.

A leitura é um encontro entre leitor e autor por meio de um texto, momento em que a esfera da recepção é influenciada pela esfera da produção, enquanto esta, por outro lado, poderá influenciar a perspectiva em que se legitima, ou não, no circuito cultural:

> [...] em cada caso é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial. (MANGUEL, 1997, p. 3).

Nessa interação entre leitor, autor e texto, o leitor modifica sua compreensão e amplia sua concepção de mundo. Com isso pode alterar sua percepção em relação à

realidade que o cerca. O sujeito, quando concebe novo sentido ao texto, transforma-o, atribuindo-lhe vida.

3.1.1 A Leitura e a Formação do Leitor Crítico

Leitura e escrita são aspectos indissociáveis e indispensáveis nas sociedades modernas. Mesmo para aquelas em que os livros não são considerados bens culturais, a importância da escrita e da leitura para o indivíduo é algo inquestionável. Cagliari (2005) afirma que a leitura é atividade fundamental para o desenvolvimento do ser humano e, portanto, deve ser o foco de todo o trabalho conduzido pela escola. Segundo o autor:

> De tudo o que a escola pode oferecer de bom aos alunos é a leitura, sem dúvida, o melhor, a grande herança da educação. É o prolongamento da escola da vida, já que a maioria das pessoas, no seu dia a dia, lê muito mais do que escreve. Portanto, deveria se dar prioridade absoluta à leitura no ensino da língua portuguesa, desde a alfabetização (CAGLIARI, 2005, p. 160).

Para isso, a escola deve dispor das mais variadas atividades para despertar o interesse dos alunos pela leitura, retirando dela a impressão de uma atividade cansativa e sem sentido. É importante que o professor conduza suas aulas de forma que a leitura seja um meio de formação do senso crítico dos alunos, possibilitando a eles serem donos de sua própria palavra e não apenas meros transmissores das ideias de outrem, pois “[...]Tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno” (KLEIMAN, 1998, p. 61).

Por meio de um trabalho sistematizado com a leitura, a escola possibilita ao aluno conhecer a função social da língua, os elementos que a compõem e os saberes referentes à sociedade, à cultura, entre outros. Por isso, hoje, o professor tem como desafio buscar maneiras que se mostrem eficientes para levar seu aluno a adquirir o hábito de leitura.

O professor de Língua Portuguesa, como principal mediador de leitura, possui a responsabilidade de construir no imaginário do aluno uma poderosa voz na sua formação como leitor crítico. Porém a autoridade dessa voz pedagógica não pode ser um fim em si mesmo, ou seja, a proeminência da voz do professor deve ser apenas um meio que garanta ao aluno a constituição de sua própria voz. Sobre isso o pedagogo Paulo Freire afirma: “podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo” (FREIRE, 1997, p. 32).

Não se pode permitir nenhum tipo de restrição ao acesso à leitura por ser ela um ato político. O professor como mediador deve possibilitar que se extraia dela tudo o que pode oferecer ao leitor, sem dispensar nenhum de seus aspectos. Porque ler subentende-se criar significados, permitindo ao indivíduo reconhecer-se como sujeito de sua própria história, concedendo a ele viver a realidade de diferentes formas. Além disso, mostra-se um excelente meio para viver plenamente a cidadania, pois oportuniza a transformação de seu mundo e da realidade que o cerca. De acordo com Freire,

> Nada ou quase nada se faz no sentido de despertar e manter acesa, viva, curiosa, a reflexão conscientemente crítica, indispensável à leitura criadora, quer dizer, a leitura que é capaz de desdobrar-se na reescrita do texto lido, sendo esse o caminho para uma mudança efetiva dessa nossa realidade (FREIRE, 1997, p. 65).

Hoje a sociedade exige do indivíduo um bom desenvolvimento, e para isso a leitura é primordial. Porém, ler “[...] não é apenas ‘decorar bocados’ de palavras para depois repeti-las” (FREIRE, 1989, p. 65), e sim, compreender o lido agregando-o ao seu capital cultural. À escola cabe despertar no aluno uma visão da leitura como agente capaz de fomentar seu potencial intelectual e cultural.

É importante que a escola priorize um ensino que promova um diálogo multicultural entre os textos/discursos que circulam na cultura local do indivíduo com os textos/discursos privilegiados socialmente; “Assim, a escola formará um cidadão flexível, protagonista e multicultural em sua cultura” (ROJO, 2009, p. 115). Por isso, trabalhar a leitura de textos literários e incentivar o hábito de ler deve ser a função

principal da escola, por proporcionar ao aluno o autoconhecimento, possibilitando a ele ser o autor da sua própria história.

3.1.2 A Leitura no Brasil

Apesar de toda a importância da leitura para a formação de um cidadão crítico, os indicadores dos níveis de leitura e de compreensão de texto no Brasil apontam uma dura realidade: o brasileiro lê muito pouco. De acordo com dados da CBL (Câmara Brasileira do Livro) e do Instituto Pró-Livro, o brasileiro lê em torno de 1,8 livros por ano, enquanto em outros países, principalmente na Europa, as pessoas leem em média de cinco a sete livros anualmente.

Em uma pesquisa realizada pelo Ibope Inteligência sobre o hábito de leitura do brasileiro, sua organizadora Failla (2016) discorre sobre os desafios de se incentivar a leitura e formar leitores em um tempo “bombardeado” pela tecnologia. Sobre isso afirma que:

> O desafio é conseguir despertar para a leitura uma geração quase entorpecida pela comunicação em meio digital. Ler é uma prática que exige ficar só, que pede concentração, não oferece estímulo multimídia, mas, principalmente, pede o domínio da competência leitora e do letramento. Ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi “conquistado” e é impraticável para quem não compreende aquilo que lê (FAILLA, 2016, p. 20).

De acordo com o INAF – Indicador Nacional de Alfabetização Funcional - apesar de nos últimos quinze anos ter havido um aumento no percentual da população funcionalmente alfabetizada, constata-se que apenas um em cada quatro brasileiros domina a leitura e a escrita.

Por meio dessas pesquisas, nota-se que além da deficiência da leitura e da escrita, outra questão problemática é a interpretação. Os estudantes chegam ao final do ensino fundamental II com muita dificuldade em buscar e identificar informações em um texto, tanto explícitas quanto implícitas.

Na tentativa de buscar soluções para o desenvolvimento da competência leitora entre os jovens no país, três pilares são indispensáveis: o governo, a escola e a família. O governo, com a aplicação de recursos e projetos que privilegiem a leitura, com investimentos nas bibliotecas, tanto públicas quanto escolares; com livros de qualidade e em quantidade; com pessoas preparadas para atender adequadamente o público que as frequentam e com um espaço que promova a descontração e o prazer em ler.

À escola, cabe o papel de preparar seus professores para a promoção de projetos que estimulem seus alunos a lerem mais, com fruição e competência leitora. No início, de uma forma lúdica e prazerosa e aos poucos levando-os a ler textos mais complexos, inserindo-os no mundo da literatura. Desse modo, o professor irá oportunizar aos alunos conhecerem obras literárias de grandes autores, oferecendo o que Antônio Candido chama de direito à literatura. É interessante que sejam implantados projetos e estratégias que podem ser valiosas para o desenvolvimento e incentivo da leitura no espaço escolar.

Cabe à família, dentro de suas possibilidades, incentivar as crianças e os adolescentes a lerem mais, mostrando a eles a importância da leitura para sua formação, proporcionando um ambiente onde a leitura faça parte do seu dia a dia, pois sabemos o quão importante é para o indivíduo o contato diário com os mais variados gêneros textuais,. Todavia na comunidade onde a pesquisa foi realizada, o perfil sócio, econômico e cultural das famílias não favorece o desenvolvimento da competência leitora.

Enfim, a implementação de qualquer projeto que se mostre eficaz para ajudar a reverter o quadro social brasileiro de pouca leitura será sempre muito bem-vindo.

3.1.3 A Leitura do Texto Literário na Escola

Há um consenso entre os professores de Língua Portuguesa sobre a importância de se trabalhar textos literários em sala de aula. Porém, na prática é comum o uso de textos literários para fazer uma avaliação, ou para responder a fichas ou a

questionários pouco interessantes dos livros didáticos ou ainda para trabalhar a gramática, promovendo o que Soares (2003) chama de “escolarização” da literatura.

> [...] a literatura é sempre e inevitavelmente escolarizada, quando dela se apropria a escola; o que se pode é distinguir entre uma escolarização adequada da literatura - aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar - e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura - aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura (SOARES, 2003, p. 25).

Essas atividades reduzem a literatura a apenas um mero pretexto de que se vale o professor para trabalhar a gramática normativa. Isso acaba retirando do texto literário o prazer estético e funções essenciais, tais como: promover a reflexão, o questionamento e o senso crítico do leitor.

O crítico e sociólogo Antonio Candido, em seu ensaio “O direito à literatura”, afirma que a literatura precisa ser vista como um direito básico do ser humano, por se realizar de forma universal e possuir uma função humanizadora capaz de “confirmar a humanidade do homem”. Para Candido,

> A literatura [...] é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]. Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995 p. 249).

A humanização promovida pela literatura ocorre quando possibilita ao homem perceber sua humanidade, levando-o a refletir sobre sua vida e o seu papel no mundo. Candido afirma, ainda, que o homem tem necessidade da fantasia e da ficção, e que essa necessidade faz parte do ser humano, independentemente de sua classe social, idade ou grau de instrução. Para Candido a leitura de um texto literário na escola pode colaborar para a transformação do ser humano, pois contribui para modificar a maneira como o homem percebe a vida e a forma como vê o outro.

Essa função educativa ultrapassa a exclusividade do fazer pedagógico, pois, se a literatura possui um papel formador/transformador, certamente, isso não acontece no ensino tradicional. Segundo Candido, a literatura “age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, – com altos e baixos, luzes e sombras, fugindo da instrução moral e cívica” (CANDIDO, 1999, p.81), acrescentando que a literatura educa da mesma forma que a vida.

Candido (1995) insere a literatura o que ele chama de bens incompressíveis, como, alimento, casa e vestuário, que são os bens essenciais à vida, aqueles sem os quais não podemos viver. Já os cosméticos e enfeites são considerados, por ele, como bens compressíveis. No discurso desse autor,

> São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão, etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (CANDIDO, 1995, p. 241).

Com isso o autor mostra o quanto a literatura é importante, o quão é essencial à vida do homem. Acrescenta, ainda, que a época e sua cultura produzem critérios que mostrarão a diferença entre esses bens. Para o crítico, é necessário que haja um despertar individual e principalmente que seja facilitado às minorias o acesso aos bens materiais e culturais, derrubando a ideologia de que os menos favorecidos não precisam da leitura de bons textos, de assistir a boas peças teatrais ou até mesmo de um ensino de qualidade.

Fica evidente que a literatura não tem ocupado seu verdadeiro espaço na escola, às vezes, por falta de interesse de alguns que têm medo de que essa minoria comece a conhecer seus verdadeiros direitos e ameace os que estão no poder. Será por isso que a literatura tem sido usada na escola como um mero instrumento pedagógico, perdendo seu poder de agente transformador do homem e do mundo que o cerca?

Com toda essa importância, cabe ao professor buscar meios de trabalhar a leitura do texto literário em sala de aula, diferentemente daquela metodologia baseada apenas na memorização de datas, autores e características de determinado movimento literário, que torna a leitura tediosa e desinteressante para o aluno. Sobre isso, Rocco (1994) afirma que:

> A criança, o jovem que estuda - salvo exceções - **não suportam ler na escola**, já que os textos que lhes são propostos quase nunca despertam, mesmo sendo textos considerados clássicos, o necessário prazer que deve presidir toda a atividade do leitor. Leem mais por exigência de uma avaliação, muitas vezes, draconiana; leem para poderem responder às questões pouco interessantes e unidirecionais dos livros didáticos e cujas respostas são exigidas e avaliadas pelo professor. Quase nunca a leitura vem ligada à satisfação. Quase nunca a leitura corre em um espaço socializado e aberto (ROCCO, 1994, p. 42).

É necessário que o docente tenha como foco de ensino a compreensão e interpretação do texto literário; a análise dos recursos linguísticos; a reflexão sobre as relações entre o texto e seu contexto sociocultural, político e econômico; a ideologia e os valores presentes nele. Pois uma leitura proveitosa proporciona ao leitor a convicção de que as palavras podem contribuir para um conhecimento revelador do mundo e de si mesmo, levando-o a compreender o que se deseja alcançar e a relevância da leitura para sua formação.

O professor, ao selecionar uma obra literária, deve, em primeiro lugar, proporcionar um contato agradável do aluno com o texto, buscando estimulá-lo para a leitura. Deve, também, permitir a participação do aluno na escolha dos textos que serão lidos, levando-o a ter certa responsabilidade sobre o trabalho que será desenvolvido. Essa atitude evita, assim, um afastamento entre o leitor e o texto. Sobre isso Lajolo (1982 p. 25) afirma: “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer das nossas aulas”.

Ao trabalhar o texto literário, deve-se focar nos recursos linguísticos utilizados na produção da obra, a forma como se organiza, sua amplitude social, psicológica e humana, buscando dessa maneira despertar o interesse do aluno pela obra. Bem direcionado, quem lê passará a valorizar o texto literário e conseguirá estabelecer relações entre ele e sua própria vida, tornando-se assim coautor desse texto.
Quando recebeu pela Academia Sueca de Ciências o Prêmio Nobel de Literatura, em 2010, o escritor Mario Vargas Llosa confirmou a importância da leitura do texto literário para a sociedade e para a liberdade e enriquecimento do pensamento do indivíduo. Em seu discurso Llosa afirma que

> Sem as ficções seríamos menos conscientes da importância da liberdade para que a vida seja suportável e do inferno em que ela se converte quando dominada por um tirano, uma ideologia ou uma religião.

> Quem duvida que a literatura, além de nos levar ao sonho da beleza e da felicidade, nos alerta contra toda forma de opressão, pergunte por que todos os regimes empenhados em controlar a conduta dos cidadãos, do berço ao túmulo, a temem tanto a ponto de estabelecerem regras de censura para reprimi-la, e vigiam com tanta suspeita os escritores independentes. Fazem isso porque sabem o risco que correm ao deixarem que a imaginação flua pelos livros, como quão sediciosas se tornam as ficções quando o leitor compara a liberdade que as torna possíveis e que nelas se exerce, com o obscurantismo e o medo que o pressionam no mundo real.
> Queiram ou não, saibam disso ou não, os criadores de fábulas, ao inventar histórias, propagam a insatisfação, mostrando que o mundo é mal feito, que a vida da fantasia é mais rica que a rotina cotidiana. Essa constatação cria raízes na sensibilidade e na consciência, torna os cidadãos mais difíceis de manipular, de aceitar as mentiras que querem fazer com que aceite, de que entre cassetetes, inquisidores e carcereiros vivem mais seguros e melhor[1].

Esse pensamento do escritor traz a visão de que além do lazer, a literatura também possui, como função, desenvolver a capacidade de reflexão e do reconhecimento do sujeito como agente transformador de uma sociedade injusta e tirana.

O direito à literatura se confirma, e se faz mais atual e necessário do que nunca, visto o papel transformador que pode assumir frente às questões relacionadas às crises mundiais, à crescente violência urbana e até mesmo aos conflitos internos do ser humano. O texto literário se mostra, então, um meio valiosíssimo de que se pode valer o homem, para ajudá-lo a refletir sobre e a modificar o meio em que vive. Sobre isso Petit afirma que

> [...] são também os rigores ou as impossibilidades que se veem transformados. São os improváveis que, de repente, se veem esculpidos por novas luzes. A leitura pode garantir essas forças de vida? O que esperar dela – sem vãs ilusões – em lugares onde a crise é particularmente intensa, seja em contextos de guerra ou de repetidas violências, de deslocamentos de populações mais ou menos forçados, ou de vertiginosas recessões econômicas? Em tais contextos, crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma (PETIT, 2009, p. 34).

Para Petit (2009) a literatura pode contribuir para a reconstrução do ser que, tendo vivenciado uma crise, encontra, na arte e na literatura, condições de restabelecer seu mundo interior. A literatura colabora, assim, para a compreensão do outro e de si mesmo.

---

1 LLOSA, Mario Vargas. D**iscurso**. **al recibir el premio nobel de literatura** Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=QTkPLzysklY& feature = related. Acesso em: 05 ago. 2018.

Por isso, dada a sua importância, cabe à escola rever a abordagem dada ao texto literário, buscando torná-lo atraente para os alunos, e sua leitura uma prática comum no cotidiano dos jovens.

3.1.4 Mediação e Leitura

Mediador, de acordo com o dicionário, é aquele que serve de facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, colaborando para que o aprendiz consiga chegar aos objetivos desejados. Então, como agir para ser um bom mediador e despertar o hábito de leitura? De acordo com Rubens Alves (2004),

> A aprendizagem da música começa como percepção de uma totalidade – e nunca com o conhecimento das partes. Isto é verdadeiro também sobre aprender a ler. Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro [...]. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer. A criança volta-se para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – porque eles são a chave que abre o mundo das delícias que moram no livro! Deseja autonomia: ser capaz de chegar ao prazer do texto sem precisar da mediação da pessoa que o está a ler (ALVES, 2004)[2].

Assim como Alves (2004), alguns teóricos afirmam que o leitor nasce quando os pais leem para a criança antes de esta saber ler; ou quando um dos avós conta uma história para seu netinho; ou o professor lê uma história em capítulos para sua turma; ou mesmo quando há o contato com um adulto que transmite esse gostar de ler por meio de exemplos. A descoberta da leitura acontece de modo diferente para cada pessoa e ocorre em um determinado instante de sua formação como processo formativo, ela se aprimora por meio de práticas sociais de leitura e escrita.

Se antes havia a televisão, hoje são os jogos de computadores e as mídias sociais acessadas pela Internet que ocupam o topo da preferência em geral. A leitura para a maioria atrai de forma diferente e isso dificulta e atrapalha o trabalho em sala de aula. Há também o do formato do livro impresso, que frente as novas mídias, se mostra menos atrativo, pois não permite a mesma interação leitor/obra tal qual ocorre com os

[2] Disponível em: https://www.revistaeducacao.com.br/o-prazer-da-leitura/. Acesso em 05 de ago. 2018.

textos produzidos em ambiente virtual, como as *fanfictions*, os hipercontos, entre outros.

Apesar dessa dificuldade, o a escola não deve desanimar e deixar de lado seu empenho na formação desse leitor, pois a leitura, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) do Ensino Fundamental, possui uma grande relevância para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A evolução de sua competência leitora facilitará a aprendizagem das outras disciplinas e possibilitará que se torne capaz de escolher seus próprios textos como fonte do lazer e de busca pelo conhecimento, ou seja,

> Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de formas a atender a essa necessidade (BRASIL - PCN's, 1998, p. 15).

O professor deve estar ciente de que o processo de ensino e aprendizagem ocorre, geralmente, por meio da interação com o outro e que, principalmente, exige motivação e estratégias eficientes. Para a formação de leitores competentes, é necessário que o professor/mediador promova uma apropriação interativa entre texto e leitor e um bom método é fazer leituras para seus alunos. Quando realiza essa tarefa o docente não apenas está transmitindo o que está escrito, mas também apresentando a eles um caminho para a leitura, fazendo-os perceberem a entonação, as pausas; detalhes que irão colocá-los diante de uma situação de leitura.

Sobre isso Vygotsky (1994, p. 115) afirma: "o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam". Para explicar tal processo Vygotsky concebe um novo conceito sobre aprendizagem e o nomeia de "zona de desenvolvimento proximal", cujo sentido é a

> [...] distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1994, p. 112).

Seguindo essa linha, Vygotsky (1994) afirma ainda que "a zona de desenvolvimento proximal de hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã". Ou seja: o que hoje uma criança só faz com a ajuda de outro, amanhã, com certeza, conseguirá fazer sozinha**.** Por isso a interação entre as crianças no momento de aprendizagem deve ser estimulada pelo professor, quando desempenhará seu papel de mediador.

O mediador de leitura não necessariamente precisa estar na escola, pode estar em casa, na biblioteca, em feiras de livros, etc. Quando a criança ainda não lê, a leitura normalmente surge por meio de um adulto que vai dando significados às palavras que estão no texto, que sem sua presença e sua voz não existiriam. Assim, os principais mediadores de leitura na primeira infância são os pais, os avós e os professores da educação infantil. À medida que as crianças vão aprendendo a ler, surgem os bibliotecários e outros professores.

Percebe-se, então, que a função de mediador de leitura é importante para o desenvolvimento do hábito de leitura na criança. Para que isso ocorra de maneira eficiente, é necessário que o mediador também seja um bom leitor, aquele que se encanta com os livros e que, principalmente, deseja compartilhá-los com outros. Ao mediador “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p.145).

O ideal é que o primeiro mediador de leitura seja a família, pois é ela que estabelece a primeira ligação entre a criança e o mundo. Sabe-se também que as crianças quando envolvidas com leituras no seu dia a dia terão mais chances de serem leitores eficientes. Geralmente, os primeiros contatos das crianças com o universo da literatura vêm por meio dos adultos, a partir da leitura destes. De acordo com Abramovich (1993),

> [...] é importante na formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é ter todo um caminho de descoberta e de compreensão do mundo, absolutamente infinito [...] (ABRAMOVICH, 1993, p. 17).

É por meio da escuta de histórias que se aprende que as palavras nos livros têm uma composição própria, capaz de criar mundos imaginário, "abrir todas as comportas para

entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens" (ABRAMOVICH, 1989, p. 14)

Esse processo é muito importante para a formação de leitores. Mas, infelizmente, nem sempre as famílias possuem condições financeiras, tempo e até mesmo conhecimentos suficientes que permitam incluir o livro no contexto familiar, o que deixa para a escola a função de formação desse leitor.

A escritora Fanny Abramovich, em uma entrevista para a revista *Nova Escola,* em 2008, faz uma afirmação preocupante: o professor vem lendo cada vez menos e isso acaba por desestimular os alunos. Ora, como se pode fazer a mediação entre o texto e o aluno se o próprio mediador não gosta de ler? Eis um trecho de sua entrevista:

> Boas histórias atraem as pessoas através dos tempos. Não me consta que as pessoas deixaram de gostar das histórias da Bíblia ou de fadas. E não acredito que apenas as crianças leem menos. No sistema escolar, quem está lendo menos são os educadores. E eles influenciam bastante a leitura junto à garotada. Hoje, criam-se salas especiais de leitura, com professores especializados, cursos de mediação de leitura e mais uma série de recursos. Nesse processo, aquilo que era uma "simples gostosura" - sentar no chão e contar histórias - acaba se perdendo (ABRAMOVICH, 2008)[3].

Por isso, o professor tem como função valorizar o ato de ler. É ele que, na maioria das vezes, lê e apresenta a história, analisando-a, informando sobre as partes que a constituem, enfim, é aquele que compartilha sua experiência de leitor. Então, é necessário que o professor seja um leitor frequente e demonstre para seus alunos que sente prazer em ler, pois é raro um aluno passar a gostar de ler se não houver alguém que apresente a leitura como algo instigante, capaz de despertar as mais diferentes emoções.

Para isso os PCNs de Língua Portuguesa orientam sobre a forma como a escola deve agir para transformar o indivíduo em um leitor competente. Primeiramente, deve-se mostrar ao aluno o porquê de ler, ressaltando que se pode ler para se divertir, para escrever, para estudar, para descobrir o que deve ser feito, identificar a intenção do escritor, revisar, refletir etc. Estratégias diferenciadas, que demonstrem aos alunos a

[3] Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/livro-precisa-ser-vicio-423573.shtml. Acesso em 11 ago. 2018.

importância de ser um bom leitor, devem ser usados nos eventos pedagógicos. Em relação a isso, Solé (1998) afirma que

> [...] para ensinar as estratégias que podem ser adotadas quando há lacunas na compreensão não se deve fazer muito mais do que o imprescindível para compreensão do texto: mostrar aos alunos os objetivos da leitura, proporcionar e ativar os conhecimentos prévios, ensinar a inferir, a fazer conjeturas, a se arriscar e a buscar verificação para suas hipóteses; explicar o que podem fazer quando se deparar com problemas no texto (SOLÉ, 1998, p. 130)

A fim de obter um trabalho mais efetivo para o incentivo à leitura, deve-se oferecer aos alunos variados textos de gêneros diferentes, aumentando, aos poucos, o grau de complexidade. O amadurecimento do leitor crítico surge por meio das mais diferentes leituras que foram feitas durante sua vida. O ideal é que esse caminhar tenha início em casa, mas é fundamental que ela ocorra na escola até o momento em que a criança tenha total autonomia para escolher seus próprios livros.

Com isso, percebe-se a importância do professor como mediador e orientador do processo de ensino-aprendizagem da leitura, cabendo-lhe o papel de buscar as melhores estratégias pedagógicas para alcançar seu propósito, que é a formação de leitores eficientes e autônomos.

3.1.5 A Biblioteca Escolar como Espaço de Mediação de Leitura

A leitura pode estar presente em todas as situações dentro da escola, e a biblioteca é um importante espaço que deve ser utilizado pelos professores para incentivar a prática leitora nos alunos. A biblioteca escolar é reconhecidamente indispensável no processo de ensino-aprendizagem, sendo importante para o desenvolvimento de competências e para a busca de informação. Os PCNs do Ensino Fundamental preconizam que a biblioteca escolar é “[...] a primeira das condições favoráveis para a formação de bons leitores, ao lado do acervo de classe e das atividades de leitura” (BRASIL, 1997, p. 58).

A lei nº 12.244/2010 estabelece que deve haver uma biblioteca em cada escola até 2020. Porém, dados do Censo Escolar de 2016 mostram que apenas 37% das

unidades escolares possuem um espaço destinado à leitura. E em alguns casos, mesmo havendo esse espaço, ele é subutilizado, ora por problemas em seu acervo, ora por falta de profissionais qualificados. Já em algumas unidades de ensino, por não possuírem biblioteca, é improvisado um cantinho de leitura dentro das salas de aula, buscando dar aos alunos a possibilidade de contato com os livros.

Sabe-se que ensino e biblioteca são complementares, “uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto” (FILHO, 1944, apud SILVA, 2003, p. 67).

É também papel da biblioteca escolar levar o aluno a perceber o valor da leitura, e desse modo, proporcionar um aprendizado contínuo e permanente. No entanto, para que isso ocorra, é necessário oferecer condições de as bibliotecas terem uma função mais participativa no contexto educativo da escola.

A biblioteca deveria ser um espaço convidativo e agradável, com livros variados, lugares apropriados, bibliotecário para atendimento, tudo de forma a cativar e despertar no aluno o interesse pela leitura. No entanto, não é isso que acontece na maioria das escolas. Geralmente, o que se chama de biblioteca é, na realidade, um depósito de livros, sem a mínima estrutura para a formação leitores.

Com o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, a biblioteca escolar não pode se restringir a ser apenas difusora da informação que vem por meio dos livros. É necessário, para isso, que oportunize aos alunos as mais diversas fontes de informação, dessa forma participando ativamente no processo de ensino-aprendizagem.

À escola cabe o papel de preparar seus professores e promover projetos que envolvam a biblioteca, estimulando os alunos a valorizarem esse ambiente e o utilizarem de forma eficiente levando-os a ler mais, e uma das maneiras de promover a leitura é o estímulo à contação de histórias.

4 AS PRÁTICAS DE ORALIDADE NA ESCOLA

É comum acreditar que não é papel do professor trabalhar com a oralidade em sala de aula, pois ao entrar na escola o sujeito já sabe falar. Então, como resultado desse pensamento, presume-se que não haja necessidade de se ensinar algo que já é conhecido. Isso acaba por produzir o apagamento da oralidade e o esvaziamento de sua importância nas práticas sociais, reduzindo-a apenas ao ato de falar, seu uso mais informal. Todavia, nosso objetivo na pesquisa é trabalhar a leitura e a formação do leitor no Ensino Fundamental, utilizando atividades de contação de histórias o que coloca em evidência a oralidade. De acordo com Marcuschi (2010), oralidade é:

> Prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso (MARCUSCHI, 2010, p. 26).

Observando essa definição, percebe-se, então, que a "linguagem oral" não se resume apenas ao falar informal, pois referentes a ela são encontrados vários outros gêneros orais, tais como: entrevistas, debates, seminários e apresentações, entre outros, importantíssimos enquanto prática social e que, por isso, necessitam ser ensinados na escola. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa consideram que:

> O desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas (BRASIL - PCNs, 1997, p. 49).

Para que a oralidade passe a ser valorizada na sala de aula, é necessário que o professor em sua prática pedagógica leve em consideração a concepção interacionista da linguagem. Segundo Faraco e Castro (2000, p. 2), “o aprendizado com a linguagem se dá por meio do uso que fazemos dela na interação (oral ou escrita) que estabelecemos com o outro, seja ele real ou virtual.” Nela, a prática de oralidade deve observar o momento de uso e todas as suas implicações, tais como: interlocutores, intencionalidade discursiva, contexto social etc. Tudo isso se justifica na orientação dos PCNs sobre as estratégias de ensino e aprendizagem, em que o professor deve observar em sua prática o eixo uso-reflexão-uso, a fim de tornar o aluno preparado para interagir nos mais diferentes contextos sociais.

Trabalhar a oralidade em sala de aula leva o aluno a conhecer os gêneros orais mais usuais e a fazer distinção entre o falar e o escrever, levando-o a reconhecer que o discurso oral requer um planejamento específico, tal qual o uso da escrita. Importa, então, que o sujeito saiba que para a participação em vários setores da sociedade, há a necessidade de se desenvolver ambas as habilidades, rompendo com o conceito de que oralidade e escrita são opostas, que possuem características muito distintas e de que uma se sobrepõe à outra. Segundo Marcuschi:

> [...] não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. [...] Em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem a sua história e seu papel na sociedade (MARCUSCHI, 2005, p. 15).

Os PCNs do Ensino Fundamental propõem reflexões sobre a necessidade de se trabalhar o uso da língua também por meio da oralidade. E afirma que a ação pedagógica deve levar em consideração os diferentes interlocutores e os momentos de comunicação em que estão inseridos. Por isso,

> Não basta deixar que as crianças falem; apenas o falar cotidiano e a exposição ao falar alheio não garantem a aprendizagem necessária. É preciso que as atividades de uso e as de reflexão sobre a língua oral estejam contextualizadas em projetos de estudo, quer sejam da área de Língua Portuguesa, quer seja das demais áreas do conhecimento. A linguagem tem importante papel no processo de ensino, pois atravessa todas as áreas do conhecimento [...] (BRASIL-PCNs, 1997, p.39).

Cabe ao professor transmitir aos alunos a concepção de que fala e escrita têm funções importantes e que devem ser observadas em suas particularidades e usadas quando adequadamente requisitadas. É preciso entender também que as práticas da oralidade devem ser encaminhadas mediante um trabalho sistematizado, que enfatize as características relevantes dos gêneros orais, não sendo suficiente para o ensino que os alunos apenas conversem sobre o tema com o professor ou com os colegas. O estudante deve, também, participar de debates, seminários, relatos, entrevistas, contação de histórias, entre outros, com um planejamento adequado que irá potencializar as atividades por meio da oralidade, não se restringindo a apenas a oralização da escrita. Conforme Marcuschi,

> O que está posto nas escolas, em geral, trata-se de uma oralização da escrita, e não de oralidade, uma vez que a maioria das atividades parte de textos escritos para fazer reflexão sobre a língua falada, ou proporciona ao estudante apenas se expressar oralmente, ler em voz alta, corrigir um exercício, conversar ou discutir com os colegas sobre algum tema etc. Ou seja, não são atividades que trazem uma reflexão sobre a modalidade falada nem suas relações com a escrita nem mesmo constituem gêneros orais (MARCUSCHI, 1997, p. 47).

No processo de ensino/aprendizagem da língua, trabalhar com a oralidade é mostrar aos alunos que se trata de uma modalidade com características peculiares, levando-os a descobrir que existem situações em que deve adequar esse tipo de linguagem, podendo ser usada formalmente ou informalmente, de acordo com o exigido pelo contexto de enunciação.

Como prática de oralidade, contar histórias mostra-se uma ótima estratégia para o professor, pois estimula a desenvoltura oral dos adolescentes, ajudando-os a superarem a timidez em falar em público. Por meio da contação de histórias, também é possível levar os alunos a compreenderem e a construírem uma nova visão de mundo, posicionando-se criticamente frente ao que acontece na sociedade, além de levá-los a descobrir a identidade cultural do lugar onde vivem.

4.1 A ARTE DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O termo “contação de histórias” é uma expressão que até pouco tempo não existia e que apareceu para denominar a arte de contar histórias, uma das formas mais antigas de compartilhar, por meio da oralidade, os fatos ocorridos e as experiências a outros. Essas experiências, passadas de pai para filho por meio da oralidade, permitiram que se fixassem as memórias e atravessassem muitas gerações. Tal prática foi indispensável para a transmissão da cultura popular de muitos povos, representando, principalmente, as relações entre o homem e a natureza.

A contação de histórias é uma forma de resgatar essa arte de transmissão da experiência e, por ocorrer por meio da interação verbal entre contador e ouvinte, sempre vem impregnada de certa intencionalidade. Não é neutra e possui uma base ideológica por parte de quem conta, mesmo que inconscientemente. Com ela, quem

conta colabora com o desenvolvimento cognitivo dos adolescentes, proporcionando a eles a compreensão de seu estar no mundo, além da construção de conceitos relacionados ao seus papeis sociais. É também uma excelente estratégia para a fixação de valores, porque explicam de maneira figurada a forma como ocorrem os fatos, contextualizando-os.

Para que sejam adequadas, as histórias devem estar de acordo com a fase de desenvolvimento do ouvinte, além de condizente ao seu conhecimento de mundo. Pois, segundo Coelho (1988, p. 103), “contar histórias é uma arte que exige estudo, preparação, dedicação, muita leitura e criatividade aliados, é óbvio, a um gostar muito, tanto de literatura, quanto de gente”.

Ao contar uma história, quem narra geralmente faz uso recursos performáticos. Só que não há performances iguais, elas são em sua essência únicas em sua forma, pois, ainda que seja a mesma história, os ouvintes, o ambiente e as emoções não serão os mesmos. Existe ainda durante a contação de histórias a singularidade da voz de cada contador e de cada ouvinte. Para isso, estabelece-se questões de escolhas dos elementos que serão utilizados durante todo o processo da narrativa.

Além da voz, a narrativa tem ainda, a necessidade de existir por meio de gestos, o que permite a quem ouve percorrer as sensações proporcionadas pelo contador. “A voz emana do corpo, mas sem corpo a voz não é nada” (ZUMTHOR, 2005, p. 89). A voz sem o corpo perde parte desse efeito performático, pois são partes integrantes no texto, o que torna a narração da história algo afastado de seu objetivo maior, sensibilizar o ouvinte.

> Quanto à presença, não somente a voz, mas o corpo inteiro está lá, na performance. O corpo, por sua própria materialidade, socializa a performance, de forma fundamental [...] A performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido (ZUMTHOR, 2005, p. 86-7).

Assim, a maneira como o contador utiliza a voz e os gestos no momento da contação de histórias desempenha uma função muito importante: preencher os espaços vazios que uma simples leitura do texto não permite. Quando uma história é narrada, quem conta tem como desafio materializar as imagens por meio de seus gestos e voz e,

com isso, proporcionar ao ouvinte, por meio da performance, a conexão com a história, envolvendo-o em um clima mágico, provocado pelas mais diversas emoções e sensações**.**

Vale ressaltar a importância de o contador de histórias buscar aprimorar esses métodos e estratégias, pois são eles que, no momento da performance, ajudarão a envolver o ouvinte. Para que uma contação de histórias seja bem-sucedida, é necessário que se priorize uma gama de fatores que se intercomunicam, sendo primordial uma organização minuciosa, a fim de planejar a performance do narrador, assegurando-lhe segurança e naturalidade.

Para isso, o contador deve ter clareza sobre o que quer provocar em quem ouve, pois há sempre uma intencionalidade ao realizar a transmissão de uma história. Tahan (2002) salienta o impacto que uma narrativa pode provocar no ouvinte, podendo produzir desde uma sensação de ódio ou até mesmo de compaixão. “Conforme a palavra sempre eloquente do narrador os ouvintes se agitam ou se acalmam. À cólera violenta sucedem os sentimentos mais ternos; os risos estridentes são seguidos, não raro de prantos e lamentações” (TAHAN, 2002, p.14). Em **As mil e uma noites**, Sherazade sabia como eram importantes as narrativas para um homem. Contando histórias, enfeitiçou o sultão durante mil e uma noites, e conseguiu se livrar da morte certa. O sultão a escutava tão encantado que acabou por se apaixonar por ela, mostrando assim a força mágica das palavras e a importância de saber conduzir uma narração.

De acordo com Celso Sisto (2001), para ser eficiente na arte de contar, deve-se estar atento sobre o que contar, para quem e onde, e, principalmente, “quem conta tem que estar disposto a criar uma cumplicidade entre a história e o ouvinte, oferecendo espaço para o ouvinte se envolver e recriar” (SISTO, 2001, p. 22).

Com isso, percebemos que o ato de contar histórias não é uma atividade estática, pelo contrário, sempre impõe movimento e recriação, mostrando que raramente a mesma história é narrada de maneira semelhante pelo contador. A cada vez que é contada, a narrativa assume novos aspectos que surgem para acrescentar ou retirar dela algo já dito anteriormente, influenciados, talvez, pelo estado emocional do

narrador. Se bem contada a história narrada seduz quem a ouve, encantando pelo som e pelo ritmo conferidos a ela.

4.2 O CONTADOR DE HISTÓRIAS CONTEMPORÂNEO

Antes mesmo da existência da escrita, as histórias eram transmitidas oralmente de geração em geração e serviam como meio de repassar os conhecimentos importantes, os preceitos morais, as crenças e os valores. Tudo isso foi importante para a sobrevivência dessas sociedades, já que muitas formas de subsistência se disseminaram por meio da narrativa oral. Essa prática permitia, ainda, ao homem explicar vários fenômenos naturais que não conhecia, possibilitando que se tornasse um excelente meio de propagação e conservação da cultura e da memória de vários povos.

Por isso, os que narravam as histórias eram considerados pessoas importantes no local em que viviam. Considerando-se que a disseminação da escrita somente se deu a partir do século XIX na Europa e século XX no Brasil, com o avanço da escolarização, até então, a cultura dos povos dependia quase que exclusivamente do conhecimento passado oralmente de geração para geração. Segundo Walter Benjamin (1994), em uma comunidade havia dois tipos de narradores, o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. O camponês era um narrador por conhecer intimamente as histórias da comunidade em que vivia; já o marinheiro, narrava porque trazia histórias de outras terras, acrescentando conhecimentos para o povo local. Dessa forma, para esse autor,

> O grande narrador terá sempre as suas raízes no povo, em primeiro lugar nas camadas artesanais. Mas assim como essas abrangem os artífices camponeses, marítimos e urbanos, nos mais diversos estágios do seu desenvolvimento econômico e técnico, também se graduam muitas vezes os conceitos, nos quais é transmitido o resultado de sua experiência (BENJAMIN, 1994, p. 214).

Benjamin (1994) chamou de comunidade de ouvintes as reuniões que ocorriam entre o contador e os que o ouviam. Essas reuniões, normalmente, aconteciam com as pessoas sentadas em torno de uma fogueira para ouvir histórias ou trocar

experiências. Momentos que, geralmente, causavam encantamento e reflexão nos presentes, e que permitiam ao indivíduo retirar dessas histórias algum ensinamento, pois, durante a narrativa, além da história em si, transmite-se a gestualidade, a entonação, o olhar, isto é, a experiência de vida do contador se apresenta junto com a história, para depois recontá-las a outros acrescentando a elas novos significados e com isso se tornando também um narrador. Segundo Benjamin (1994, p. 201) “o narrador retira da experiência o que ele conta”. Essa troca era e é enriquecedora pois permite ao indivíduo ressignificar sua própria história.

Porém, essa arte, com o crescimento das cidades, o advento das tecnologias e a difusão da informação, acabou por se tornar rara nos encontros sociais e, consequentemente, o narrador como divulgador cultural perdeu o seu papel. Para Benjamin (1994), ele se tornou algo distante e que se distanciava cada vez mais.

É notório que a vida em sociedade, naquele ambiente pós-guerra, havia se tornado superficial, pois a tecnologia e o homem submetido às técnicas, ao consumismo, à preocupação com o acúmulo de bens, ao aumento das horas de trabalho e ao fácil acesso à informação causaram um empobrecimento das experiências humanas. Nesse contexto, as trocas de experiências, que antes eram tão importantes, perderam sentido. De acordo com o filósofo, esta capacidade de troca de experiência entre as pessoas estava se perdendo: “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Isso ocorria porque a capacidade de comunicar a própria experiência estava morrendo, e com ela morriam as interações. E completa: no "momento em que a experiência coletiva se perde, em que a tradição comum já não oferece nenhuma base segura, outras formas narrativas tornam-se predominante” (BENJAMIN, 1994, p. 14).

No momento em que a narrativa começou a ser trocada por outros modos de comunicação, o indivíduo passou a perder um importante meio para partilhar suas histórias e fixar a tradição. Para Benjamin, a difusão da informação dificultou a troca de experiência entre as pessoas, tornando difícil chegar até as pessoas as narrativas que antes vinham impregnadas de detalhes. Em vista disso, perdeu-se uma excelente forma de estimular a criatividade, pois a história já vinha pronta e acabada não

valorizando o criar e o recriar. O que antes chegava com uma gama de detalhes por meio da voz do outro começou a se perder.

> Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Enquanto a informação é instantânea e objetiva, a narrativa vai se construindo aos poucos, “ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 1994, p. 205). O autor contrapôs a “informação” ao compartilhamento das experiências coletivas e defendeu a transmissão da narrativa oral, que impregnava a história com a vida do narrador.

4.2.1 O Contador Urbano

A partir da segunda metade do século XX, após a implementação de novas tecnologias e o aperfeiçoamento de outras, o contador de histórias sentiu necessidade de se reinventar para que não desaparecesse de vez. Isso provocou o surgimento de um novo contador de histórias, o narrador urbano. Esse novo contador se ressignificou, assumindo novas funções e ocupando novos espaços. Hoje, sua arte está presente no cotidiano das escolas, nas bibliotecas, nos presídios e até mesmo em hospitais, onde a contação de histórias passou a levar um pouco de alívio a quem está sofrendo. Para se adaptar a essa nova realidade, o contador precisou se aperfeiçoar e criar formas de narrativa, o que antes era feito apenas por meio da transmissão oral da experiência vivida, hoje, é realizado por intermédio da narrativa de outros autores, que vem na maioria das vezes, a partir de leituras.

Com essa nova realidade, projetos e eventos vêm sendo desenvolvidos, uns para a formação de novos contadores, outros como forma de divulgação do trabalho desenvolvido, ou, ainda, para a troca de experiências. Como exemplo, podemos citar o Boca do Céu – Encontro Internacional de Contadores de Histórias, que ocorre em São Paulo e já está em sua 8ª edição. É um evento bienal cuja intenção é criar um

espaço onde é possível refletir sobre a arte de contar histórias e sua importância para a sociedade contemporânea. Sua função, segundo *Machado (2018)*[4], "é propiciar diferentes situações de contato com a arte da narração que possam inspirar ações educativas, culturais, sociais e estéticas ressaltando a importância das narrativas no mundo de hoje". Isso demonstra como essa arte tem ocupado um papel de destaque em nossa sociedade. Outro exemplo significativo é a ONG Instituto História Viva, de Curitiba, que já formou mais de dois mil contadores de histórias. Já em nosso Estado, no dia 8 de agosto de 2018, ocorreu o 3º Encontro de Contadores de Histórias e Narrativas no Museu Capixaba do Negro (Mucane)[5], evento que tem como objetivo estimular a transmissão de narrativas orais.

Nesse cenário, a contação de histórias se mostra um importante recurso pedagógico, podendo ocupar um espaço privilegiado nas salas de aula, principalmente para as séries finais do Ensino Fundamental II, pois os alunos nessa fase apresentam certa dificuldade quando se trata de atividades que envolvam escuta e fala. A dificuldade em escutar pode ser explicada, talvez, pela velocidade com que as informações chegam até eles a todo momento, prejudicando sua capacidade de concentração. Já a resistência em se expressar por meio da fala em uma situação de uso ocorre quando se requer deles a exposição de algum pensamento ou opinião ou até mesmo da leitura em voz alta. Por isso, acreditamos que essas dificuldades possam ser amenizadas se, em sala de aula, for usada como estratégia a contação de histórias, que estimula a escuta, a oralidade e a leitura, proporcionando um trabalho integral com o texto, além de valorizar a autonomia e o protagonismo do aluno.

Assim, presencia-se o surgimento de um novo personagem: o professor contador de histórias. Com sua arte, esse professor tem procurado estimular o ato de ler, além de trabalhar as habilidades de leitura e escrita. Porém, tal realidade, infelizmente, só é presenciada, ainda, nas salas de aula da Educação Infantil, cabendo, então, projetos

[4] Disponível em: http://bocadoceu.com.br/pagina-principal/. Acesso em 04 out. 2018.

[5] Localizado no centro da cidade de Vitória, o Museu Capixaba do Negro conta a história da cultura negra no Estado do ES. O Mucane está equipado com auditório, biblioteca, área para eventos, museu e mezaninos. O edifício original, com 716,00m², foi totalmente restaurado e ainda foi construído um anexo com 700 metros quadrados. O museu desenvolve atividades no campo das artes, ciências sociais, antropologia e história.

que possam implementar a contação de histórias, também, para as séries finais do Ensino Fundamental e, quem sabe, até para o Ensino Médio.

4.3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INCENTIVO À LEITURA

A relevância da contação de histórias para o desenvolvimento cognitivo, intelectual e formador dos jovens, no contexto escolar, vem sendo objeto de estudo de muitos pesquisadores. Isso ocorre pela importância que sempre teve para a educação e transmissão de preceitos morais, valores éticos e culturais de vários povos. Em tempos remotos, quem contava histórias eram os considerados sábios ou eram as pessoas mais velhas dentro de uma comunidade, que propagavam, por meio de suas narrativas, os ensinamentos que na época eram primordiais para a vida naquela sociedade. Em vista disso, vários autores argumentam sobre a necessidade de implementar a prática de contar histórias nas escolas, tanto para as crianças, quanto para os adolescentes**.**

E, por isso, sendo a escola espaço de ensino e aprendizagem, deve proporcionar a seus alunos atividades sistematizadas, envolvendo a contação de histórias que ocorre por meio da interação entre contador e ouvinte. Sabe-se que o sujeito aprende e dá sentido às coisas que o rodeiam por meio da relação dialógica com o outro, demonstrando que a construção do conhecimento é promovida pelo social. É através das palavras do outro e da troca de experiências que os indivíduos vão se tornando seres sociais.

Deve-se também, valorizar o que o indivíduo já traz internalizado, pois o conhecimento real deve ser o ponto de partida para o conhecimento potencial, levando-o a compreender a relevância do que irá aprender. De acordo com Freire (1996 p. 52), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Por isso é importante que o indivíduo participe ativamente de todo o processo de aprendizagem, sendo seu protagonista.

Para isso, é importante ter consciência de que ensinar não é apenas trabalhar os conteúdos de uma mesma forma. É necessário reformular a prática pedagógica, a fim

de melhorar o ensino e promover a aprendizagem. Uma boa estratégia é a escuta de histórias, que possibilita ao aluno a tomada de consciência dos fatos significativos da vida. Além de, auxiliar no desenvolvimento da concentração, de estimular a socialização e aumentar a capacidade cognitiva dos jovens, levando-os a compreenderem os valores básicos para a conduta humana e social.

Ao contar uma história por meio da leitura, o mediador/contador deve fazê-lo de modo a não impor suas ideias, oportunizando a quem ouve a capacidade de se posicionar perante ao lido. Isso promove, além da troca de experiências, o exercício da oralidade e da escuta. Coelho (1986) afirma que a escuta das leituras e a leitura individual intervêm nas dimensões da subjetividade, ao desenvolver, no jovem, a reflexão e a elaboração do senso crítico.

É interessante salientar que tanto o leitor quanto o ouvinte se envolvem com a história – contada oralmente ou lida – por meio da escuta, do olhar e da imaginação, e é este envolvimento e todas as emoções e sensações causadas por ele que serão responsáveis pelo despertar do interesse para a prática da leitura, pois o indivíduo irá procurar nos livros o prazer que sentiu quando ouviu histórias contadas por outros.

Outra colaboração para os processos de ensino/aprendizagem é o vínculo entre as diversas atividades que podem ser trabalhadas por meio da contação de histórias. Nela também podem ser objetos de ensino os textos literários, a oralidade, a escrita, os aspectos gramaticais e a escuta. Faculta, ainda, o reconhecimento do conceito de texto, de suas tipologias e seus gêneros, além das relações de textualidade. Com isso, ampliando, significantemente, o seu repertório linguístico e semântico.

Por todas essas contribuições é indiscutível a importância da contação de histórias para a formação do indivíduo. Logo, cabe ao mediador de leitura preparar-se para proporcionar ao aluno os recursos disponíveis para a escuta e a troca das histórias.

4.4 TÉCNICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Quando propomos técnicas objetivamos trazer meios que possam auxiliar o professor a transferi-las a seus alunos. Sabemos que o ato de contar histórias não se resume apenas a ler um livro para o outro ou a fazê-lo retirando da memória alguma narrativa. Pelo contrário, requer uma organização prévia para o preparo desse momento. Assim, como em uma peça teatral, aqui quem narra deve estar atento a todas as particularidades que envolvem a contação de histórias. Porém, o mais importante "é antes de querer saber como contar, é preciso compreender que as técnicas resultam de um processo de elaboração de presença" (MACHADO, 2004, p. 69). Presença que ocorre na interação entre o contador e o ouvinte, por meio da imaginação, da memória e da emoção. Por isso, há a necessidade de se compreender que essa técnica requer conhecimentos mais complexos, que vão além da simples narração da história. Sobre isso Machado afirma que

> A figura do rei, sua voz, olhar, gestos e, principalmente, sua respiração, nasce de um lugar interno onde o contador de histórias experimenta a qualidade da nobreza e da generosidade, como uma recordação. [...] É pela atualização dessa lembrança que ele dá vida ao rei. E assim, generosamente, o contador de histórias torna-se presente, presenteando a audiência com o gesto amoroso, luz lembrada, que é ao mesmo tempo um convite à recordação de cada ouvinte (MACHADO, 2004, p. 50).

O significado que o ouvinte atribui ao rei, por exemplo, se constrói por meio da interação com o contador no momento da narrativa, e de como esse ele conduz a história, dando vida às personagens. Segundo Busatto (2012, p. 9), "O contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado", significado que se constrói por meio da performance do contador. E, por isso, o contador deve estar atento aos recursos que irão auxiliá-lo em sua performance, focando sempre nas emoções que pretende causar em seus ouvintes; por isso deve-se observar que a história deve, primeiramente, sensibilizá-lo, permitindo a ele maior segurança ao conduzi-la.

Para Zumthor (2000, p. 35), uma boa performance é aquela que ocorre por meio de uma narrativa oral, em que aquele que ouve tem sua imaginação estimulada pelo momento da enunciação, diferente do que ocorre por meio de uma leitura solitária. E

por isso a forma de narrar exige métodos que irão definir o que narrar, o lugar, o modo, a finalidade, a duração e até mesmo a recepção do público. E afirma ainda que:

> A performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados, naquilo que a natureza da performance afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando ela o marca (ZUMTHOR, 2000, p. 37).

A performance faz referência tanto às formas como o contador se expressa quanto à recepção de quem o ouve, isto é, aponta uma situação de comunicação em que se percebe a presença da palavra como meio de interação entre o narrador e quem o ouve. Dessa forma Zumthor (2000, p. 62) afirma que o ato de se comunicar não possui apenas a função de transmitir uma informação, pretende, ainda, procurar de algum jeito modificar algo em quem está ouvindo, pois é difícil não se afetar por uma boa história.

Assim, para melhorar sua performance, quem narra pode fazer uso de técnicas teatrais, como o uso da voz e da expressão corporal. É a interação da voz e do corpo que carrega a história que o contador pretende transmitir, dando sentido a ela, é também o que permite a quem ouve imaginar os fatos narrados, criando sua própria história, estabelecendo uma conexão entre ele e o contador. Para isso, a voz do contador precisa estar repleta de significados do que quer transmitir ao ouvinte, integrando a ela outro elemento fundamental para a narrativa: os gestos do contador, a eles cabe transmitir as emoções vivenciadas, e por isso não devendo ser muito contidos, pois podem causar cansaço e desanimar quem está ouvindo.

A fim de tornar a contação de histórias eficiente, o contador, a princípio, deve realizar um estudo aprofundado da história, através de uma leitura criteriosa, buscando detalhes minuciosos que podem tornar a narrativa inesquecível para quem ouve. Outro aspecto importante diz respeito ao olhar do narrador, que deve ser triplicado no momento da narrativa. Ao mesmo tempo que olha a história, deve olhar a si mesmo e a seu público, mantendo uma conexão entre o ouvinte e o texto narrado.

Ao selecionar uma história é importante, ainda, conhecer de antemão o interesse que predomina em cada grupo de ouvintes, sendo importante que essas histórias sejam

condizentes ao seu público. A qualidade do texto é também um outro fator determinante para uma boa contação de histórias. Depois de escolhida a história é necessário estudá-la. Estudá-la é buscar sua essência, identificando o que constitui sua estrutura e quais recursos podem ser usados para incrementá-la. A forma como o contador realiza sua performance proporciona a quem ouve notar que parte das histórias que são contadas ali podem estar veiculadas em outros meios de divulgação, despertando a curiosidade e consequentemente o interesse pela leitura.

A seguir elencamos algumas técnicas adaptadas de sites da Internet[6]. Tais técnicas poderão auxiliar ao professor que deseja incrementar suas aulas, tornando-as mais interessantes e estimulantes para seus alunos.

4.4.1 Contar ou Ler?

O contador, após escolher a história, deverá decidir se a apresentará por meio da leitura ou se irá contá-la sem o auxílio do livro. Se optar por ler, é recomendável fazer uma leitura prévia, o que o ajudará a se familiarizar com a história, deixando-o mais seguro no momento da narrativa. Porém, a contação de uma história conhecida, desenvolvendo marcas como entonação, encenação de personagens, torna-se mais atraente e, consequentemente, mais interessante para o ouvinte pois promove uma maior interação entre ele e o contador, além de possibilitar maior flexibilidade no momento da contação, permitindo ao contador incluir novos elementos à história original e até mesmo podendo dar um leve toque de humor, caso queira.

4.4.2 Etapas que Devem Ser Observadas pelo Contador de Histórias

O contador de histórias deve observar, primeiramente, o local onde ocorrerá a narrativa: na sala de aula, no pátio, em um espaço separado para o evento, entre outros; observar como os ouvintes estarão dispostos: se ficarão sentados em almofadas, no chão, em cadeiras, bancos, etc., se o local apresenta sons externos,

6 O principal site pesquisado para descrição das etapas de contação de histórias, foi https://www.lendo.org/guia-definitivo-contacao-historias/. Acesso em 15 dez. 2018.

que possam atrapalhar sua performance; cenário; a contação em si, analisando todas as suas particularidades e por último como irá finalizar essa contação.

Outro aspecto relevante refere-se aos gêneros que podem ser usados para despertar o interesse de alunos do Ensino Fundamental II. De acordo com alguns autores as histórias podem ser as narrativas de viagens e aventuras; histórias baseadas em fatos; biografias, romances; histórias de terror (as preferidas) e os contos de suspense. Essas escolhas proporcionam um maior interesse e curiosidade dos alunos.

Os recursos visuais podem ser utilizados para enriquecer a contação. Por exemplo, temos: fantoches, tapetes de histórias, caixa cenário, avental de histórias, mala de histórias, varal de histórias, dobraduras, jogo de sombras, desenhos e o que mais a criatividade do contador puder trazer para dentro de sua história, valorizando o enredo e o momento da contação.

4.4.3 Preparando a Contação

Ao contar uma história, antecipadamente, o contador deve ter em mente as seguintes questões: quem serão os ouvintes, que história será contada, de que espaço dispõe, como esse espaço será arrumado. Além disso, o que vai ser utilizado: recursos visuais, roupas e, por fim, a técnica de contação.

Primeiro, o contador deve fazer uma leitura prévia do material que irá usar, de modo a ter segurança no momento de contar a história. Em seguida, deverá preparar o local onde ocorrerá a contação de modo a deixar os ouvintes confortáveis. Pode usar um tapete onde os ouvintes poderão se sentar para ouvir a história. Por fim deverá organizar os recursos que utilizará.

4.4.4 Apresentando a História

Em princípio, o contador deve fazer uma pequena apresentação da história,

informando, por exemplo, quem escreveu e quando, e se preferir, justificar a escolha do que será contado. É importante também, estabelecer algumas regras que devem ser observadas para o bom andamento da contação, por exemplo, pedindo à plateia que não interrompa no momento da narrativa para não atrapalhar. É interessante ainda, que se crie certo suspense em torno da história que será contada, buscando aguçar a curiosidade dos ouvintes.

O comportamento do contador deve ser de alguém que vivenciou a história, o que ajuda a despertar o interesse dos ouvintes. Caso prefira usar o livro, fazer a leitura de maneira bem pausada, buscando manter contato visual com a plateia. Ao final, o contador deve despedir-se de maneira enfática e teatral, usando para isso uma frase de efeito, o que contribuirá para tornar inesquecível esse momento. “O mais importante é que todos saiam satisfeitos, com a sensação de que a criação da beleza pode se dar em palavras” (SISTO, 2005, p. 21).

4.4.5 Como Iniciar e o Tempo Necessário para a História

É sempre interessante ao iniciar uma história, cumprimentar o público de maneira bem afetiva. Logo após estabeleça algumas regras para o momento da contação, e, principalmente, crie um certo suspense em torno da história que vai ser contada. As mais comuns são: “há muitos e muitos anos”, “certa vez”; “há muito tempo; “houve um tempo que...” - expressões que podem ser usadas para introduzir a história. Aqui o contador deve dar uma ênfase diferenciada, procurando despertar a curiosidade da plateia.

É importante que o contador na introdução da história mostre proximidade e intimidade com os fatos, demostrando ter participado da trama. Isso torna a história mais familiar e fascinante para quem ouve. O destaque dado na introdução ajuda a conduzir de maneira satisfatória todo o percurso da história.

Deve-se respeitar o nível de interesse dos presentes, sua faixa etária e o ambiente propício para a contação. Caso o contador perceba que não estão gostando da história, deve tentar encurtá-la, ou acrescentar algo engraçado.

4.4.6 O Que Fazer Caso Ocorram Interrupções

Mesmo o contador tendo pedido antecipadamente para que não o interrompam, é possível que isso aconteça. Nesse momento, o contador pode aproveitar para enriquecer a história, usando os comentários para interagir com os ouvintes.

4.4.7 Como Finalizar a História

É interessante que o final da história seja surpreendente, para isso o contador deve preparar um final que possa emocionar seu público, levando-o a ter uma memória positiva do momento. Existem inúmeras estratégias que podem auxiliá-lo na finalização da história. Uma forma bastante usada, por exemplo, é incentivar a público com: “Bata palmas quem gostou do era uma vez, quem não gostou que fique para outra vez!”.

E o mais importante: o contador precisa saber que não há necessidade de haver uma moral da história. É um momento que deve ser descontraído e, principalmente, divertido. Não há necessidade de explicar o comportamento das personagens e muito menos associá-lo ao dos alunos.

4.4.8 Atividades pós Contação

Em alguns casos, é interessante que o contador, após a contação de histórias, realize um trabalho com seus alunos, a fim de estimular a criatividade e a imaginação, e, principalmente, trabalhar a oralidade. Para isso o contador deve considerar a faixa etária dos ouvintes, cuidado que vai ajudá-lo a fazer escolhas mais coerentes com o interesse do grupo.

Para isso, o professor pode utilizar atividades variadas como: dobraduras, desenhos das personagens de acordo com a percepção do aluno; representação da história em forma de teatro; fantoches com os mais variados materiais, como: papel machê, material reciclado, etc.; produção de livros com histórias escritas pelos alunos; cartazes com desenhos produzidos pelos alunos a partir da histórias ouvidas; criação

das próprias histórias para ser contadas para os colegas; gravação da contação de histórias dos alunos; retextualização: transformação do texto oral para o escrito ou vice-versa, entre outros. Todas essas atividades colaboram para trabalhar a criatividade dos alunos, pois, de acordo com Bentes (2010, p. 137), a escola precisa "[...] não apenas dar oportunidade ao aluno de observar e de analisar determinadas práticas orais, como também deve fornecer os contextos, as motivações e as finalidades para o exercício de diferentes oralidades, na sala de aula e fora dela". Assim, nota-se a necessidade de o professor desenvolver práticas de leitura associadas às de oralidade para que os alunos aprendam métodos de entonação vocal e de expressão corporal, ajudando-os, também, a observarem o uso das pausas e pontuações presentes nos textos. Com isso, percebe-se como a contação de histórias pode se tornar um excelente recurso didático para auxiliar o professor em seu trabalho.

5 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho constituiu-se uma pesquisa qualitativa cujo objetivo é trabalhar a leitura e a formação do leitor no Ensino Fundamental, utilizando atividades de contação de histórias. Na perspectiva de alcançar tal objetivo, buscamos referenciais teóricos que abordam as narrativas de tradição oral e as particularidades características da oralidade, averiguando de que forma a contação de histórias pode promover o gosto pela leitura. No desenvolvimento da pesquisa empírica, propomos a realização de uma sequência de atividades baseada em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A elaboração e execução de tal sequência contém atividades variadas em forma de oficinas, com as quais acompanhamos o envolvimento e percepção dos alunos.

A coleta de dados teve início a partir de discussões em grupo, entrevistas individuais e em duplas, por intermédio de questionários, objetivando estimular os alunos a fazerem associações e comentários a respeito dos temas trabalhados nos textos usados nas oficinas, buscando, assim, levá-los a refletir sobre seus sentimentos, atitudes e crenças.

Por isso, escolhemos como método a observação participante que, de acordo com Moreira (2002, p. 52), é uma “estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”, o que muito se aproxima de nossa proposta de intervenção.

5.1 ABORDAGEM

A abordagem que escolhemos para este trabalho caracterizou-se por uma pesquisa qualitativa fundamentada por Minayo (1999), Creswell (2007) e Martinelli (1999), e teve como focos principais: a amostragem intencional, a coleta de dados da pesquisa e a análise e interpretação de textos ou de imagens do que foi encontrado. Essas informações foram importantes para que pudéssemos organizar nosso trabalho de modo a obter os supostos resultados.

Para nossa pesquisa é muito importante conhecer o contexto social e familiar dos sujeitos informantes, para a partir desse ponto iniciar o plano de intervenção. Conforme Minayo (1999, p. 22), deve-se considerar que os participantes da pesquisa são: “[...] sujeitos de estudo, pessoas em determinadas condições sociais, pertencentes a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados”, o que possibilita ao pesquisador obter as informações que irá empregar em sua análise.

Sobre o assunto Creswell (2007, p.15) afirma: “a pesquisa qualitativa se dá em um cenário natural no qual o participante conduz à pesquisa permitindo que o pesquisador desenvolva um nível de detalhes sobre a pessoa envolvida nas experiências reais”. Ou seja, a pesquisa qualitativa ocorre por meio dos dados que o pesquisado vai permitindo ao pesquisador entrever, quais os significados atribuídos pelo sujeito. Sobre a abordagem qualitativa, Creswell (2007, p.26) afirma ainda: “É um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”.

Em relação a esse tipo de pesquisa, Martinelli (1999) afirma que a análise qualitativa pode ser o levantamento de informações usadas para compreender e/ou interpretar algumas atitudes e expectativas. É um modelo que pode indicar Informações subjetivas, em que não há dados exatos pela sua natureza. Para isso Martinelli (1994) elenca alguns princípios que devem nortear uma pesquisa qualitativa:

> 1. reconhecimento da singularidade do sujeito, significando “conhecê-lo, ouvi-lo, escutá-lo permitindo-lhe que se revele.
> 2. reconhecimento da importância em se conhecer a experiência social do sujeito, o que significa compreender a sua trajetória histórica no contexto social.
> 3. o conhecimento do modo de vida do sujeito pressupõe o conhecimento de sua experiência social (MARTINELLI,1994, p. 14).

Acreditamos que o processo proposto para a realização desta pesquisa nos permitiu uma aproximação do que afirma Moita Lopes (1996), a saber:

> É essencial que professores em formação e professores já formados familiarizem-se com as práticas de fazer pesquisa de modo que o professor possa criticar seu próprio trabalho. [...] Dentre essas práticas destaco aqui a pesquisa-ação que é um tipo de investigação realizado por pessoas em ação em uma determinada prática social sobre essa mesma

> prática, em que os resultados são continuamente incorporados ao processo de pesquisa, constituindo novo tópico de investigação, de modo que os professores-pesquisadores, no caso em questão, estejam sempre atuando na produção de conhecimento sobre sua prática (LOPES, 1996, p. 185).

Essa reflexão permite-nos observar os aspectos relativos ao professor e ao ensino de língua portuguesa para o Ensino Fundamental II, considerando a importância de estarmos, constantemente, avaliando nossa prática educativa.

5.2 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) consideram a sequência didática como um meio de instrumentalizar o aluno, levando-o a escrever ou a falar de forma mais eficiente em uma situação de comunicação. Essa proposta organiza-se por intermédio de um conjunto variado de atividades, tendo o texto como objeto de ensino. Sempre se deve observar o gênero textual em que está inserido, tornando, assim, satisfatórias as estratégias de produção e compreensão de textos orais e/ou escritos. Esses autores definem sequência didática como:

> [...] um conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual. Estas têm o objetivo de dar acesso aos alunos a práticas de linguagens tipificadas, ou seja, de ajudá-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saberem usar a língua nas mais variadas situações sociais, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

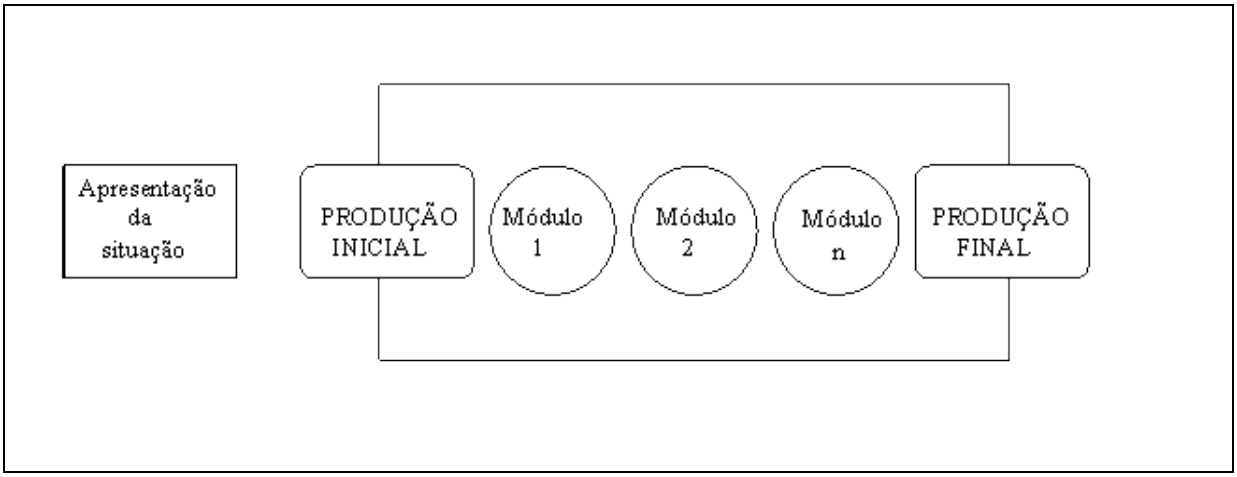
Tal procedimento metodológico permite um aprendizado sistematizado, pois nele há a preocupação de aproximar o conhecimento científico do cotidiano do aluno, levando-o a utilizar a língua em sua prática diária em toda a sua plenitude.

Quando se planeja as estratégias para a elaboração de um trabalho escolar através de uma sequência didática, deve-se observar algumas etapas necessárias para a sua execução, tais como: o tempo para a aplicação do projeto, as etapas para o desenvolvimento da sequência, os recursos didáticos e as formas de avaliação.

Uma Sequência Didática de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) é elaborada observando a seguinte estrutura: apresentação da situação, produção

inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final**,** conforme o esquema apresentado abaixo:

Quadro 02: Esquema da sequência didática



Fonte: (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 98).

A estrutura de uma sequência didática, como se observa na figura 02, é um processo constituído de quatro etapas: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final:

As etapas de planejamento de uma sequência didática, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 95-128), são:

1. Apresentação da sequência didática
   [a] apresentar o projeto para produção de gêneros textuais (o tipo de gênero, o destinatário, o suporte, etc.);
   [b] sensibilizar os alunos para que possam reconhecer a importância dos conteúdos que serão trabalhados.

2. Produção inicial
   [a] aplicar o gênero (a produção inicial, destinada à turma).
   [b] avaliar as primeiras aprendizagens.

3. Os módulos
   [a] trabalhar problemas de níveis diferentes;
   [b] variar as atividades e exercícios;

[c] capitalizar as aquisições

4. Produção final

[a] investigar as aprendizagens

[b] avaliar de forma somativa

Este projeto foi organizado de acordo com as sugestões das atividades didático-pedagógicas, que podem auxiliar o professor em seu trabalho de incentivo à leitura, permitindo aos alunos levarem essa prática para fora dos muros da escola, e com isso colaborando para a formação de um leitor consciente e participativo.

5.3 O LOCUS E OS SUJEITOS DA PESQUISA

As atividades desta pesquisa foram realizadas em uma escola de Ensino Fundamental do município de Vila Velha – ES, com três turmas de 9º anos, totalizando 62 alunos, durante o segundo semestre de 2018. A escolha desta escola ocorreu por ser o local de trabalho da pesquisadora. Quanto às turmas, foi uma escolha aleatória.

A escola está situada em um bairro da periferia de Vila Velha. Ela oferece o Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e EJA. No ano de 2018 constava com 226 alunos no Ensino Fundamental I e 611 no Ensino Fundamental II.

A unidade escolar em questão conta com um bom espaço externo, com quadra coberta, biblioteca, salas arejadas, laboratório de informática, com uma construção relativamente nova e com um projeto arquitetônico que torna esse espaço agradável para quem nele trabalha e estuda.

Figura 1 - Espaço de recreação da UMEF onde foi realizada a pesquisa

Fonte: Autor desconhecido (2018)

A biblioteca da escola tem um bom tamanho, climatizado, que conta com a presença de bibliotecários que atendem nos três turnos. Apesar da relativa variedade de obras, e da boa vontade do funcionário que trabalha no turno, notamos que ainda é pouco frequentada pelos alunos e subutilizada por boa parte dos professores. Um dos motivos apresentados pelos docentes está no fato de não haver mesas e cadeiras suficientes para os alunos, o que dificulta o trabalho com toda uma turma.

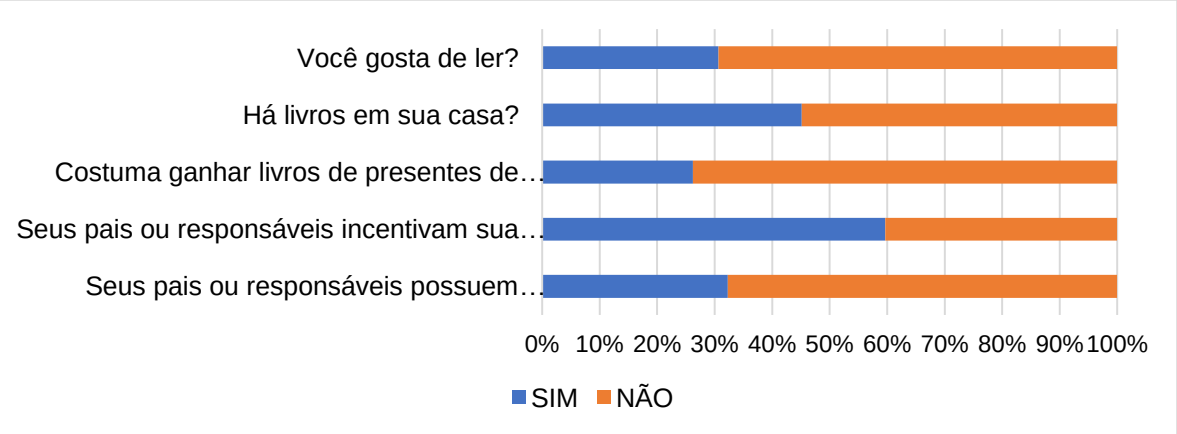
Identificamos também que a comunidade onde a escola está situada, é composta, em parte, por famílias pertencentes à classe média baixa e que grande parte não possui hábito de leitura. Em vista disso, cabe à escola buscar projetos que possam estimular o aprendizado e aproximar o aluno do universo da leitura.

Todos esses fatos nos motivaram a montar um projeto que contivesse estratégias que pudessem ser utilizadas pelos professores e mediadores de leitura para o estímulo ao ato de ler.

Assim, para a implementação desse projeto, fizemos uma sondagem, à princípio, por meio de uma conversa informal e logo após, com a aplicação de questionários sobre o hábito de leitura e escuta de histórias, tanto dos alunos, quanto de seus familiares.

E como forma de tornar clara as interpretações das respostas obtidas, optamos em organizá-las em gráficos, que serão apresentados a seguir:

Figura 2 - Hábitos de leitura dos alunos e de seus pais.



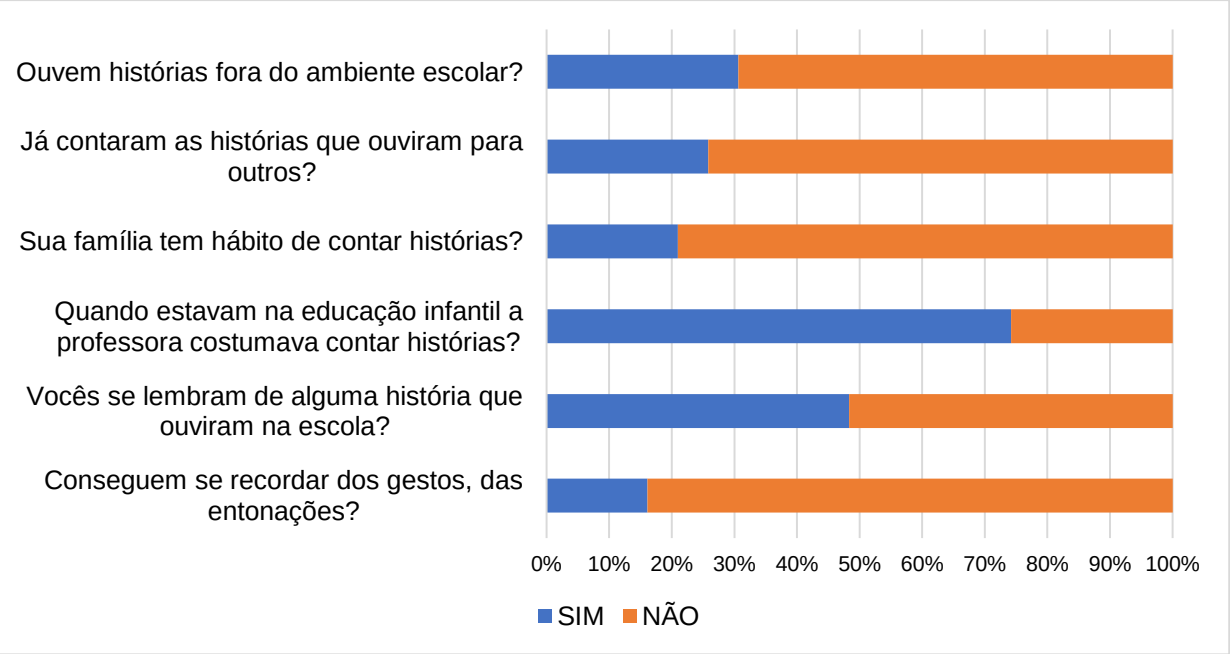
Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Percebemos, por meio da figura 2, que os alunos que têm maior contato com os livros em casa costumam ler mais; também, notamos que nessa comunidade os jovens não têm como hábito ganhar livros de presente, fato que demonstra o pouco valor dado à leitura e ao livro. Quanto ao incentivo à leitura, constatou-se que uma parte expressiva dos responsáveis consideram que ler é importante para seus filhos, por ser uma forma de adquirir conhecimento. Porém, poucos possuem o hábito de leitura, e dos que leem, a mãe é a leitora mais assídua. Tais resultados demonstram que nessa comunidade o hábito de leitura é inexpressivo, o que certamente reflete nas escolhas dos filhos, pois de acordo com Solé (1998),

> [...] Na aquisição do conhecimento, as experiências de leitura da criança no seio da família desempenham uma função importantíssima. Para além da existência de um ambiente em que se promova o uso dos livros e da disposição dos pais a adquiri-los e a ler, o fato de lerem para seus filhos relatos e histórias e a conversa posterior em torno dos mesmos parecem ter uma influência decisiva no desenvolvimento posterior destes com a leitura (SOLÉ, 1998, p.54).

A postura de leitor se constrói a partir do interesse da família pela leitura. Sabemos que mais do que palavras as crianças precisam de bons exemplos. Em relação à contação de histórias:

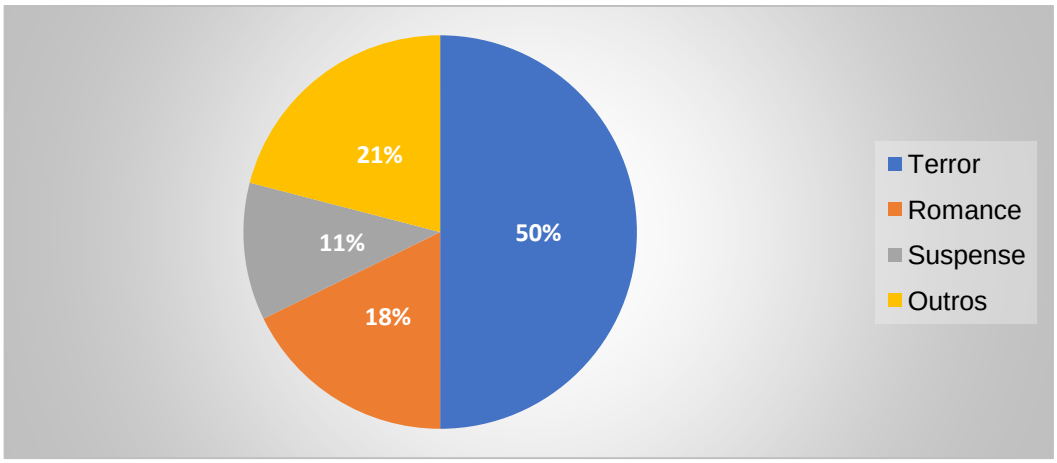
Figura 3 - Sondagem junto aos alunos sobre contação de histórias



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Notamos pela análise da figura 3, que apenas uma parte dos alunos ouve histórias fora do ambiente escolar. Ao serem perguntados sobre se haviam ouvido histórias na infância, a maioria respondeu que sim, e que o contador, geralmente, era a professora da Educação Infantil. Daqueles que demonstraram possuir lembranças agradáveis desses momentos, notou-se que alguns tinham maior contato com a leitura e liam com maior fluência, confirmando que a escuta de histórias pode colaborar para o estímulo e a formação do leitor. Buscamos conhecer o tipo de história que gostam:

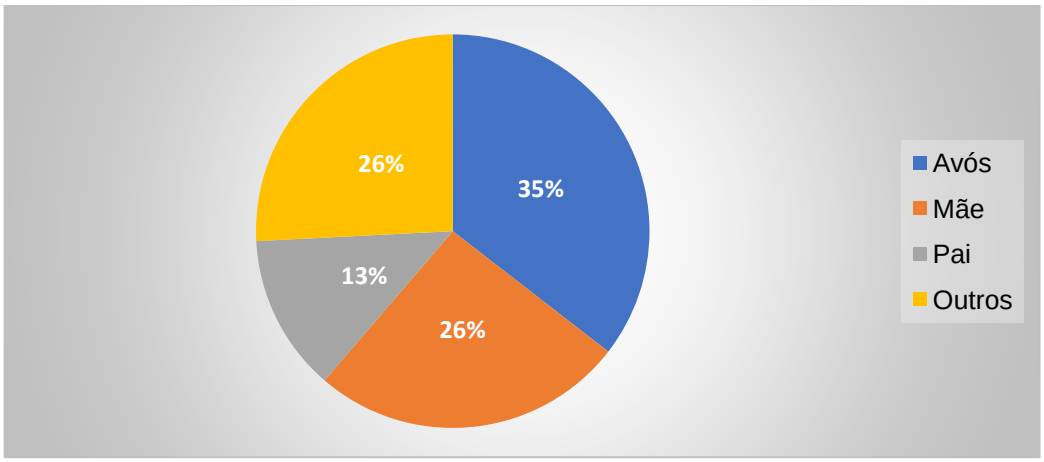
Figura 4 - Tipo de histórias que os alunos gostam de ouvir



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Nessa figura, percebemos o favoritismo dos adolescentes em relação aos contos de terror. Em sua maioria, foi respondido que normalmente esses contos são narrados por colegas em situações que provocam esse tipo de narrativa, tais como: acampamentos, passeios durante a noite, ou, às vezes, até na própria sala de aula. Na análise dos relatos percebemos o fascínio que esse gênero exerce nos adolescentes. Prieto (2007), em uma entrevista, teoriza o fascínio das histórias de terror pelas crianças e adolescentes: “Freud interpreta o sinistro como aquilo que foi convertido em espantoso, mas que em algum tempo foi familiar e conhecido”.

Figura 5 - Contadores das histórias para os alunos



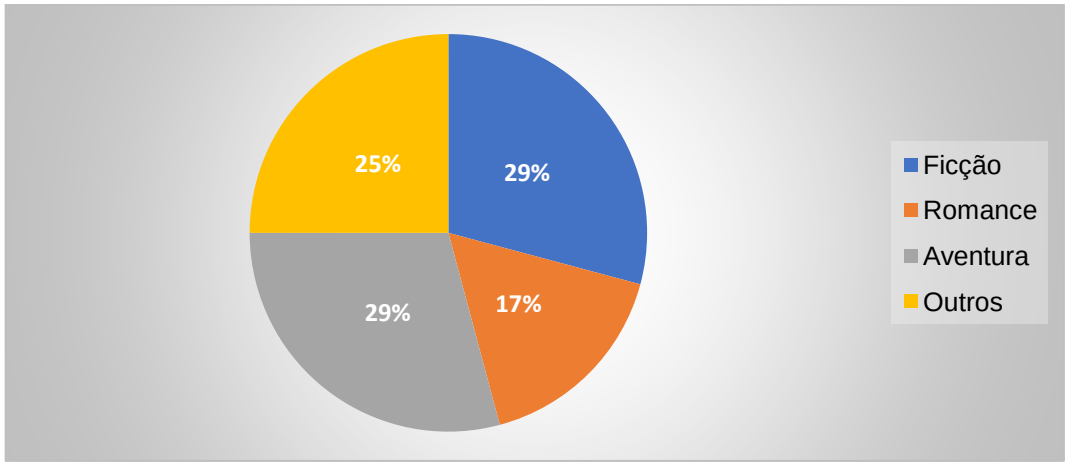
Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Após análise dessa figura, notamos que os avós são os principais responsáveis pela contação de histórias em família, e em segundo lugar vem a mãe com 26%. Isso leva a um questionamento: Qual o motivo para esse resultado? Seria o fato de as crianças ficarem com os avós enquanto os pais trabalham? Sobre isso Mota (2017, p. 49), em sua dissertação, afirma que a “[...] forte presença das mulheres como narradoras se dá por vários motivos, desde a sua perseverança em não se calar, em falar de si através das histórias, até o papel atribuído socialmente a ela de cuidar das crianças”. Observamos ainda por meio dos relatos, que os alunos que mais ouviam histórias demonstraram como a imaginação foi estimulada, pois conseguiam se expressar com maior riqueza de detalhes o que tinham ouvido.

Continuando nosso diagnóstico, buscamos conhecer sobre o tipo de leitura mais comum entre os discentes, para isso, investigamos as preferências de leitura desse

aluno/leitor e escolhemos fazer uma pergunta fechada para obter respostas mais objetivas. Obtivemos como resposta:

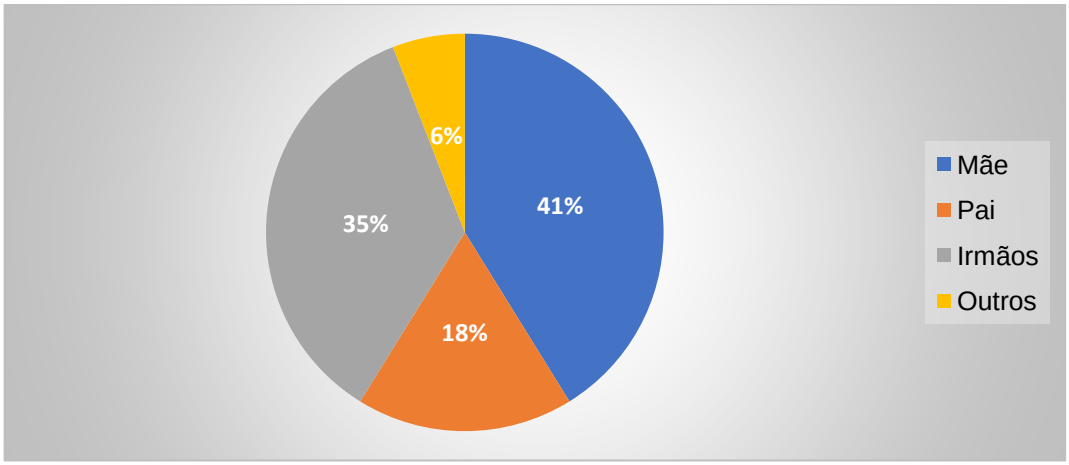
Figura 6 - Leituras do aluno



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Constatamos que dos 62 alunos participantes, 20 responderam que gostam de ler, mas poucos foram os que disseram sim quando se perguntou se frequentavam a biblioteca escolar, sem ser a pedido do professor. Tal resposta demonstrou que mesmo gostando de ler o aluno ainda precisa do auxílio de um mediador para a escolha do livro a ser lido. Buscamos também conhecer o comportamento dos familiares acerca da leitura.

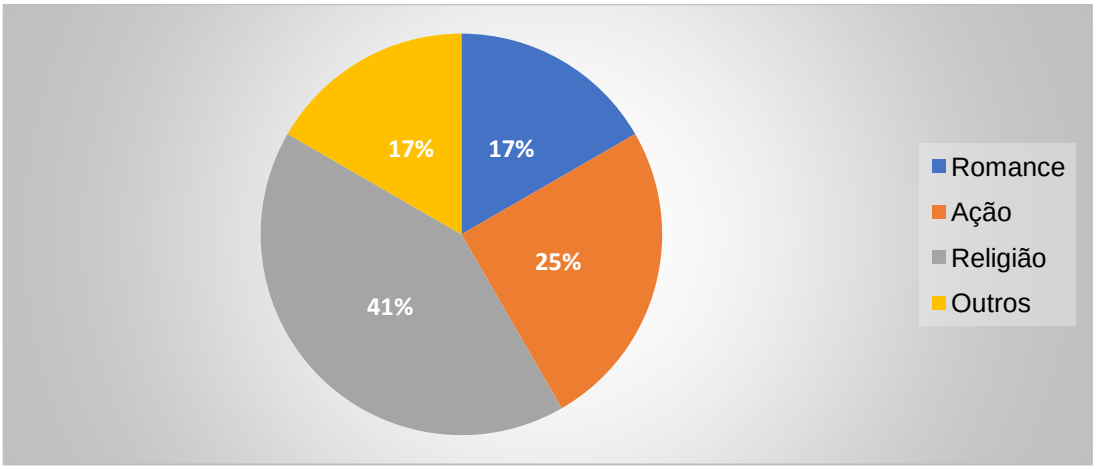
Figura 7 - Hábito de leitura dos familiares próximos



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018)

Nesse ponto da pesquisa, constatamos pela figura que a mãe é o familiar que mais lê, mesmo que como o já afirmado anteriormente, somente 07 das mães dos 62 alunos pesquisados leem com regularidade. A percepção de que um dos pais lê regularmente é sempre maior entre os alunos/leitores quando comparados aos "não leitores". Isso demonstra que o exemplo dos pais ou responsáveis é muito importante para a aquisição da prática de leitura. Quando, também em casa, um pai ou uma mãe partilha por meio da leitura uma matéria de jornal, um capítulo de um livro, ou um outro texto qualquer com os filhos, vai criando neles uma memória positiva e afetiva sobre a leitura. Sobre o tipo de leitura dos familiares, notamos

Figura 8 - Tipos de leitura feitas pelos familiares próximos



Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Após a análise das respostas dos alunos sobre os gêneros lidos por pais ou responsáveis, notamos a preferência por livros religiosos, comprovados pelos 41% dos entrevistados. Esses dados comprovam os da pesquisa realizada pela revista “Retratos da Leitura no Brasil”, em que também se verifica a escolha por esse tipo de leitura por parte dos brasileiros. Isso demonstra que a igreja consegue angariar mais leitores que a própria escola.

> Na análise por gênero de livros que costuma ler, verificamos que a soma de Bíblia e livros religiosos lidos atinge, em média, mais de 70% dos gêneros citados pela população com mais de 30 anos e mais de 80% na faixa acima de 40 anos. Esses números podem estar impactando o crescimento de leitores entre a população adulta. Os romances, apesar de serem os terceiros mais citados a partir dos 25 anos, são menos lidos do que os livros religiosos. Aqueles que estão fora da escola também estão lendo mais (de 38% para 46%), e indicam principalmente livros religiosos (50%) e Bíblia (FAILLA, 2016, p. 32)

Tais resultados nos trazem alguns questionamentos: se a igreja é capaz de estimular a leitura, por que o mesmo não acontece com a escola? Onde está a falha? O que podemos fazer?

Para nós, não há relevância sobre o que as pessoas estão lendo, se livros religiosos ou de autoajuda, importa mesmo é que esses gêneros têm levado o brasileiro, de uma forma ou de outra, a ler mais.

Em princípio, foi importante observar, por meio desta sondagem com os alunos, se eles têm contato com a contação de histórias em seu núcleo familiar, e se em caso positivo, quem costuma contá-las e em que momento essas contações acontecem. Observamos, ainda, alguns aspectos relevantes sobre contação de histórias, tais como: a importância da audição de histórias e sua contribuição para o desenvolvimento da leitura e da expressão oral.

A pesquisa mostrou que uma parte significativa dos alunos não tem alguém próximo exercendo o papel de contador, com isso propusemos a eles que se tornem contadores, para, assim, trazer uma necessária colaboração para o resgate das histórias da comunidade e da própria família. Para o bom andamento do trabalho, buscamos deixar os alunos bem à vontade aceitando novas ideias que pudessem colaborar com o projeto, tudo para que se sentissem coparticipantes e responsáveis pelo sucesso da empreitada.

A partir dos dados coletados, elaboramos uma sequência de atividades que pode ajudar no estímulo à leitura e à oralidade, além de tornar as aulas mais interessantes.

5.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A proposta de intervenção constitui-se de uma sequência de atividades composta por oficinas de contação de histórias para turmas de 9º anos do Ensino Fundamental, servindo como recurso didático para o docente de Língua Portuguesa e como mecanismo de aprendizagem para os alunos. Nela, os contadores são os próprios alunos, pois atividades que envolvem a oralidade e a escuta exercem uma importante

função na interface leitura/escrita, além de ser fonte de ludicidade. Esse tipo de trabalho, além de diversificar e enriquecer a capacidade de transmitir textos orais, também aperfeiçoa a capacidade de leitura/escuta; a compreensão e interpretação de textos, colaborando, ainda, para a formação de leitores, pois, de acordo com Dalvi (2013), é função do professor

> Formar leitores que leiam com gosto, com sensibilidade, com "conhecimento de causa" e com discernimento, na escola, fora da escola e para além da escola. O objetivo é formar leitores para a vida, no sentido plural desta expressão: leitores para toda a vida e leitores que buscam nos textos literários conhecimento, sabedoria, prazer, crítica e – por que não? – consolação indispensável à vida (DALVI, 2013 p. 79).

Por sabermos do desafio que é para o professor de Língua Portuguesa criar atividades de leitura que sejam tão atraentes para os alunos quanto as mídias sociais, pensamos em um projeto que nos pudesse auxiliar nessa árdua tarefa. Para isso elaboramos uma sequência de atividades cuja execução ocorreu entre os meses de agosto e dezembro de 2018, nas três turmas de 9º ano. Em princípio, todos os detalhes do projeto foram levados à direção da escola e à equipe pedagógica, que demonstraram interesse em ajudar na execução da proposta, pois, assim como nós, também acreditam que um trabalho bem direcionado pode colaborar para o estímulo à leitura e para melhoria da prática pedagógica.

Tanto a equipe pedagógica quanto nós acreditamos que todo trabalho que possa contribuir para o despertar do leitor é muito importante. Sabemos por experiência que uma parte significativa dos alunos das séries finais do Ensino Fundamental II apresenta dificuldades pontuais em compreender e interpretar textos. Isso é comprovado pelos resultados na Prova Brasil, que mede o que o aluno já sabe e aquilo que precisa ser desenvolvido em relação à leitura. Para isso, são usados como medida os descritores de Língua Portuguesa que são "uma associação entre conteúdos curriculares e operações mentais desenvolvidas pelo aluno que traduzem certas competências e habilidades" (PDE, 2011, p.17/18). Analisando os resultados obtidos por meio dessa avaliação, notamos que as principais dificuldades relativas aos procedimentos de leitura são as que se referem a: relação entre textos; coerência e coesão no processamento do texto e as relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido.

A forma como o livro didático aborda as questões relativas à leitura de textos, não têm favorecido a leitura de obras literárias, pois, geralmente, nas atividades de compreensão e interpretação são usados recortes de obras que não motivam os alunos a se interessarem pela leitura e, muitas vezes, servem apenas de pretexto para o trabalho com a gramática. Como possível solução, Dalvi (2013) propõe um ensino mais sistematizado, com leituras mais complexas e linguagem mais elaborada. A autora alerta, ainda, sobre outra prática bastante comum na escola, que é:

> [...] a adoção acrítica do discurso do "ler por prazer", que privilegia uma função hedonista para a literatura; essa opção tem por consequência o entendimento de que é "errado" que a literatura seja tratada (também) como conteúdo (inclusive político) que necessita ser aprendido-ensinado e, portanto, avaliado (no sentido também de problematizado). O estudante precisa, sim, ser incentivado a ter contato com formas mais sofisticadas, que exigirão seu esforço in(ter)ventivo como leitor, e precisa saber que há certos conteúdos e posicionamentos que a instituição escolar e a sociedade esperam que ele aprenda (DALVI, 2013, p. 74).

É importante enfatizar a necessidade de proporcionar ao aluno o contato com os mais diversos tipos de textos literários, destacando a finalidade da leitura, o contexto de sua produção e o ambiente social em que opera. Tudo isso permite a formação de um sujeito capaz de "pensar seu tempo, sua sociedade, seu lugar no mundo como indivíduo e como partícipe de uma teia de relações" (DALVI, 2018, p.13). Assim percebemos que para formar um leitor crítico não basta levá-lo a apenas ler, mas também a se posicionar em relação ao abordado no texto, a intencionalidade do autor e até mesmo sobre a forma como esse autor escreve.

Como já falamos, a fim de trabalhar a leitura e a formação do leitor no Ensino Fundamental, utilizando atividades de contação de histórias, organizamos uma proposta de intervenção em forma de uma sequência de atividades. Para o desenvolvimento da intervenção foram destinadas duas aulas semanais. A sequência foi dividida em dez módulos, para permitir aos alunos a apropriação das técnicas de contadores de histórias. Os encontros, geralmente, deveriam iniciar com leituras e encerrar com a contação de uma história pelo professor ou por algum aluno.

Com a sistematização das oficinas em módulos buscamos facilitar o aprendizado dos alunos, levando-os a reconhecerem a importância do papel de um contador de histórias, e como essas atividades podem estimulá-los a ler com maior eficiência,

servindo para a fruição da leitura e o desenvolvimento da oralidade. Para esse momento, foram propostas diferentes atividades a fim de oportunizar aos alunos o reconhecimento de alguns gêneros narrativos, tais como: contos, fábulas, mitos entre outros.

Acreditamos que, ao utilizarmos com alunos as oficinas de contação de histórias, podemos despertar o “contador de histórias” presente em cada um deles. Buscamos por meio desse trabalho estimular a exposição oral de forma criativa, além de despertá-lo para a leitura e de aproximá-lo do universo literário. Bettelheim (1980) afirma que é através da leitura de textos literários que se desenvolve a criatividade e a reflexão, tornando o sujeito apto a refletir, a indagar, a questionar e a argumentar com desenvoltura, processo importante para qualquer fase escolar.

A avaliação das oficinas ocorrerá durante todo o processo e desenvolvimento do trabalho, em que observaremos a participação individual e em grupo; as leituras feitas oralmente; as pesquisas realizadas; as atividades propostas; o uso da voz observando: a entonação e o ritmo; a memorização e apresentação das histórias e as expressões faciais e corporais.

Apresentamos para isso atividades diferenciadas, como: escuta de histórias realizadas por um colega; pesquisas sobre gêneros narrativos; entrevistas com familiares e conhecidos sobre as histórias que compõem a memória local; apresentação de filme, visita de alguém para contar história afim de demonstrar a importância da performance para quem conta; análise de vídeos, entre outras que foram muito importantes para confirmar a validade do trabalho.

Por fim, realizamos um concurso de contadores de histórias, no qual foi escolhido o melhor contador de cada turma. Depois dessa escolha feita pelos próprios colegas e por outros professores, os ganhadores se apresentaram para os alunos de outras turmas da própria escola, que se mostraram muito participativos e encantados pelas histórias contadas. Todas essas ações acenaram para a validade da estratégia na formação do leitor e da necessidade da contação de histórias nas famílias e na comunidade como forma de fortalecimento das memórias locais.

6 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA

6.1 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS POR MEIO DA SD

6.1.1 - 1 º Módulo: Sondagem Diagnóstica

a) Planejamento

Atividade	Apresentação do projeto e sondagem do conhecimento prévio dos alunos
Duração	2 aulas
Objetivos	- Sensibilizar os alunos para a importância da participação no projeto. - Criar um ambiente propício para a execução do trabalho. - Verificar o conhecimento dos alunos sobre contação de histórias e as lembranças que trazem delas.
Procedimentos metodológicos	1- Estimular as lembranças sobre contação de histórias por meio de uma conversa informal. 2- Distribuir questionários para a sondagem sobre o hábito de leitura dos alunos e de seus familiares.
Avaliação	Considerar a participação do aluno, tanto em relação as respostas dadas oralmente, quanto as respondidas nos questionários.

b) Desenvolvimento e avaliação

Esse foi o primeiro contato dos alunos com o trabalho, aqui ocorreu a apresentação da pesquisa, seu objetivo e importância para o desenvolvimento do hábito de leitura. Expomos, também, a forma como seriam realizados os módulos e suas respectivas dinâmicas.

A seguir, fizemos um levantamento sobre as histórias que os alunos ouviram em casa, no ambiente escolar ou em outros espaços. Essas perguntas foram feitas por meio de um questionário e respondidas oralmente, tendo como objetivo levá-los a fazer associações com o que já vivenciaram e com o que iriam aprender. Buscamos nesse momento ouvir e valorizar todos os relatos.

Questionário para sondagem dos alunos:
[a] você ouve histórias fora do ambiente escolar? Se sim, quem as conta?
[b] já contou as histórias que ouviu para outros? Conte como aconteceu.
[c] que tipo (s) de histórias gosta?
[d] sua família tem o hábito de contar histórias? Em que momento isso acontece?
[e] quando estava na educação infantil a professora costumava contar histórias?
[f] você se lembra de alguma história que ouviu na escola? Poderia contá-las?
[g] consegue se recordar dos gestos, das entonações de quem contou as histórias?

Por meio desse questionário, pudemos constatar que estávamos no caminho certo, pois notamos que o contato com a contação de histórias é mais frequente na infância, tanto em casa quanto na escola, e que, à medida que vão crescendo, ela vai ficando mais distante da realidade deles. Assim, toda e qualquer estratégia que insira a contação de histórias para essa fase escolar mostra-se muito bem-vinda, pois sabemos como ela é relevante para o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e para o estímulo à leitura. De acordo com Candido (1972) “Quem sabe os contos, as crônicas, os romances, o cinema, possam agir da mesma forma que a escola e a família na formação do ser humano.”

6.1.2 - 2º Módulo: Apresentação do Filme “Narradores de Javé”

a) Planejamento

Atividade	Apresentação do filme “Narradores de Javé”.
Duração	2 aulas
Objetivos	- Motivar a participação dos alunos para a execução do projeto. - Levá-los a reconhecer a função de um contador de histórias e sua importância para a fixação da memória e da cultura local.
Procedimentos metodológicos	1- Apresentar o filme aos alunos. 2- Solicitar aos alunos que prestem atenção nos detalhes referentes aos aspectos formais do filme. 3- Pedir que observem os aspectos relativos à contação de histórias e sua importância para a fixação da memória local. 4. Organizar uma roda de conversa e pedir aos alunos que compartilhem oralmente com os colegas o que mais chamou atenção no filme.

Avaliação	Observar a participação dos alunos e sua desenvoltura ao relatar os aspectos formais do filme e seu enredo.

O filme “Narradores de Javé” é um filme brasileiro, produzido em 2001, dirigido por Eliane Caffé e rodado na cidade de Gameleiro da Lapa, no interior da Bahia. É a história de um vilarejo chamado Javé, que está prestes a ser inundado pelas águas de uma usina hidrelétrica e para que não desaparecesse, até mesmo da memória do povo, seus habitantes encontraram como solução, escrever a história do lugar, e com isso preservar o passado. Para isso, contrataram Antônio Biá, um dos poucos moradores da localidade que sabia ler e escrever e que recebeu a tarefa de escrever um livro sobre a história do lugar na tentativa de transformar a cidade em patrimônio histórico e cultural.

b) Desenvolvimento e avaliação da atividade

Para essa atividade os alunos foram orientados a observar os aspectos formais do filme, tais como: personagens, enredo, espaço e, principalmente, o papel da contação de histórias no desenrolar da trama e como as narrativas contadas pelos moradores locais foram essenciais para a manutenção da memória e para o resgate da cultura local. Em sala de aula, os alunos expuseram suas impressões sobre o filme e relataram o que mais lhes chamou a atenção. Para direcionar a tarefa foi entregue a eles o questionário a seguir, cujas respostas foram compartilhadas com os colegas.

Questionário utilizado para a análise do filme “Narradores de Javé”:

[a] qual o tema do filme?
[b] o que a história quis transmitir?
[c] como são abordadas às questões referentes à memória local?
[d] o que você conseguiu aprender com a história?
[e] do que mais gostou?
[f] por que, para os moradores de Javé, era importante resgatar a memória do lugar?
[g] conhece algum fato parecido com o assunto abordado no filme?

Observamos que, de um modo geral, os meninos não se interessaram muito pelo filme, pois não há muita ação; em contrapartida, afirmaram que gostaram do enredo e, principalmente, do humor presente em grande parte da trama. Notamos, ainda,

pelas respostas obtidas por meio do questionário, o destaque que a maioria deu para a importância das histórias na construção da identidade do lugar e das pessoas que vivem nele. Essa análise indica o quanto a atividade foi válida, pois além de trabalhar o senso crítico do aluno, houve a oportunidade de se criar uma situação de comunicação onde puderam se expressar oralmente.

6.1.3 - 3º Módulo: Contar e Encantar "O Contador em Ação"

a) Planejamento

Atividade	Apresentação de uma contadora de histórias às turmas
Duração	2 aulas
Objetivos	- Proporcionar aos alunos contato com uma contadora de histórias. - Levar os alunos a observarem os recursos utilizados pela contadora para tornar a história mais interessante para os ouvintes.
Procedimentos metodológicos	1- Organizar um espaço em que seja propício à contação de histórias. 2- Combinar com os alunos o que deverão observar durante a contação. 3- Formar um círculo com os alunos após o retorno à sala de aula, para que compartilhem suas impressões.
Avaliação	Observar a participação e o envolvimento do aluno na atividade.

Figura 9 - Apresentação da contadora de histórias para as turmas

Fonte: Imagem produzida pela autora (2018)

b) Desenvolvimento e avaliação

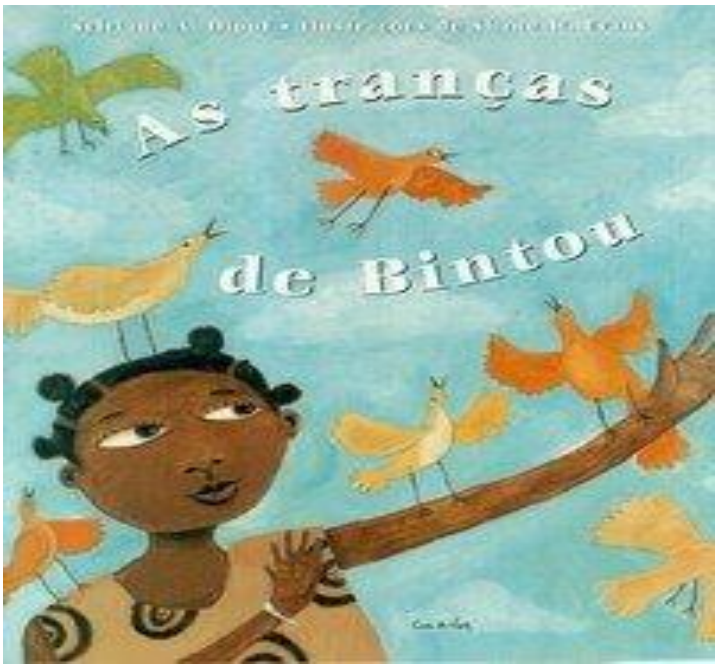
Para a apresentação da contadora de histórias, preparamos junto com os alunos um cenário na biblioteca da escola, que tem uma organização que não é comum em outras escolas, possibilitando uma maior interação com os alunos, fazendo-os se sentirem parte do processo.

Antes de iniciar a atividade, acordamos com eles detalhes que deveriam ser observados no decorrer da apresentação: desenvolver a escuta crítica e a compreensão sobre o que seria narrado. Para isso, fariam anotações sobre o que consideraram mais importante ao longo da narrativa, para serem comentadas posteriormente em uma roda de conversa.

Iniciamos a atividade com a apresentação da contadora de histórias Elaine Vieira, que também é professora de Educação Infantil. A princípio, ela descreveu sua trajetória e falou sobre o que a motivou a contar histórias, ressaltando sua paixão pelo ofício e como considera importante a contação de histórias para o estímulo da imaginação, independentemente da idade da pessoa. A contadora, que também é atriz, explicou ainda, que a arte de contar histórias se assemelha em muitos pontos ao teatro, por haver a necessidade de se representar as personagens, exigindo do contador o conhecimento de técnicas com a finalidade de encantar e envolver o ouvinte.

Em seguida, contou a história “As tranças de Bintou”, de Sylviane A. Diouf; nela a personagem principal é uma menina que vive em um país africano e não se conforma em usar “birotes” no cabelo e sonha em ter tranças compridas e enfeitadas com contas coloridas e conchinhas como as de sua irmã mais velha. Apesar de ser uma história direcionada ao público infantil, os alunos ficaram encantados com a singeleza da história e, principalmente, com a forma cativante como foi apresentada pela contadora, tornando o momento ímpar.

Figura 10 - Imagem do livro “As tranças de Bintou”



Fonte: Sylviane A. Diouf (2010)

Cabe ressaltar a relevância da história, pois mesmo sendo direcionada ao público infantil, aborda de maneira sensível questões referentes ao cabelo da mulher afrodescendente e a importância dele para construção da identidade das meninas dessa etnia. Tema que inclusive, pode auxiliar em debates que envolvam o “bullying” sofrido por alguns adolescentes por conta de seu tipo de cabelo.

Ao final da apresentação, os alunos fizeram perguntas variadas à contadora, demonstrando um real interesse pela atividade e muita curiosidade, principalmente sobre como ela havia desenvolvido a habilidade de se apresentar de maneira tão expressiva. Depois, em sala de aula, os alunos em uma roda de conversa, avaliaram a atividade, por meio das anotações que fizeram durante a apresentação e teceram comentários sobre a história narrada e a performance da contadora, que segundo eles, ajudou-os a perceber sua importância para manutenção da atenção e interesse pelo desenrolar da narrativa.

Essa demonstração de interesse foi muito gratificante, pois nos mostrou que estávamos no caminho certo. Certamente, a principal fonte de estímulo foi a forma lúdica utilizada pela contadora e sua interação com os alunos durante a contação, que

fizeram com que se sentissem valorizados e participantes de todo o processo. Outro detalhe que merece destaque foi que uma parte dos estudantes quis conhecer e ler o livro de onde foi retirada a história, confirmando a validade desse tipo de atividade para o estímulo à leitura.

6.1.4 - 4º Módulo: Conhecendo o Gênero Entrevista

a) Planejamento

Atividade	Conhecer como se elabora e se realiza uma entrevista
Duração	3 aulas e pesquisa extraclasse
Objetivos	1- Levar os alunos a conhecerem o gênero oral entrevista. 2- Oportunizar a transposição do relato oral para o relato escrito, ou seja, a retextualização. 3 – Selecionar os dados mais importantes da entrevista e apresentá-los com clareza aos colegas.
Procedimentos metodológicos	1- Dividir os alunos em grupos. 2- Explicar os procedimentos necessários para a realização de uma entrevista. 3- Explicar como ocorre uma retextualização, auxiliando-os a transpor o oral para o escrito.
Avaliação	Observar o empenho dos grupos, a participação e o interesse demonstrados durante a atividade.

b) Desenvolvimento e avaliação

Para esse módulo, explicamos aos alunos as condições de produção do gênero entrevista, sua relevância e importância social. Para isso, começamos a atividade apresentando o gênero a ser produzido, qual seu objetivo e o público destinado a ele. Essas etapas são necessárias para esclarecer as possíveis dúvidas que possam surgir durante o processo.

Em seguida, trouxemos para a sala de aula trechos de entrevistas que foram lidos e comentados; logo após, os alunos responderam alguns exercícios referentes aos

textos, que objetivavam o reconhecimento das características básicas do gênero. A seguir, destacamos que para realizar uma entrevista são necessárias uma organização prévia e uma retextualização, que de acordo com Marchuschi (2004), é a passagem do texto oral para o escrito. Sobre isso, o autor afirma que

> Esse processo não é mecânico já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita (MARCUSCHI, 2001, p. 46).

Julgamos necessária a atividade de retextualização, por se mostrar pertinente para a realização da atividade posterior constituída de audição e da transposição para a produção escrita da entrevista; isso propiciou a oportunidade para a reflexão sobre as particularidades desse gênero e para uma interessante atividade. A seguir, pedimos a eles que realizassem uma entrevista oral com um colega e depois a transformassem em uma entrevista escrita. Essa atividade ofereceu a oportunidade aos alunos de exercitarem o processo de retextualização.

6.1.5 - 5º Módulo: Conhecendo as Histórias que Circulam na Comunidade

a) Planejamento

Atividade	Entrevista com moradores sobre as história que fazem parte da memória da comunidade do Vale Encantado.
Duração	2 aulas
Objetivos	- Resgatar a memória. - Valorizar a identidade local. - Promover a reflexão. - Ajudar a desenvolver a produção oral e escrita, além de estimular a leitura. - Auxiliar o aluno a escrever de modo mais adequado em uma situação de comunicação.
Procedimentos metodológicos	1- Dividir os alunos em grupos. 2- Explicar os procedimentos referentes à pesquisa que deverão realizar com seus familiares e ou moradores antigos. 3- Distribuir as perguntas que deverão ser feitas aos entrevistados; 4- Recolher as histórias contadas sobre o bairro. 5- Reunir os alunos em rodas de conversa para o compartilhamento das histórias.

	6- Explorar o conhecimento dos alunos em relação às histórias narradas; 7- Pedir aos alunos que recontem as histórias e relatem o que sentiram quando as escutaram.
Avaliação	Avaliar a capacidade de abstração do aluno, sua desenvoltura ao narrar, a disposição em ouvir o outro e, principalmente, a produção dos textos apresentados.

b) Desenvolvimento e avaliação

Para essa etapa, os alunos em grupo deveriam entrevistar familiares e/ou moradores antigos da comunidade sobre seu contato com a contação de histórias na infância e também sobre a origem do bairro e fatos importantes ocorridos nele. Tudo isso com o objetivo de levá-los a conhecer a comunidade onde moram, as histórias que circulam sobre ela e sua importância para a manutenção da memória e identidade local.

Para o desenvolvimento dessa atividade, os alunos poderiam usar as perguntas abaixo ou adaptá-las:

a) Qual sua idade?
b) Grau de escolaridade?
c) Qual sua ocupação/profissão?
c) Há quanto tempo vive no bairro?
e) O que sabe sobre a origem do bairro?
d) Conhece fatos importantes ocorridos no bairro?
e) Ouvia histórias quando era criança?
f) Se sim quem as contava?
g) Que emoções a recordação dessas histórias, ainda causam nele(a)?
h) Que memórias são despertadas ao se lembrar dessas histórias?
i) O entrevistado conhece alguma história que envolve o bairro e seus moradores?

Em aula posterior, os resultados foram apresentados para a turma. Aqui, mais uma vez, chamamos a atenção sobre a necessidade de uma escuta atenta para valorizar o trabalho apresentado pelos colegas.

A seguir destacamos alguns dados coletados nas entrevistas e que achamos relevantes para o trabalho:

- a maioria dos entrevistados ouvia histórias quando criança;
- normalmente, quem contava as histórias eram os avós;
- as lembranças das histórias despertavam saudades da infância, de um tempo de muitas brincadeiras de rua.

Durante a apresentação, notamos nos alunos certo “orgulho” de pertencer àquela comunidade. Por isso, consideramos que o contato que tiveram por meio da audição das entrevistas realizadas foi muito enriquecedor, pois oportunizou o conhecimento das histórias referentes ao bairro onde vivem gerando nos alunos uma sensação de pertencimento.

A cada narrativa, ficavam evidentes o entusiasmo e a curiosidade despertados, demonstrando o quanto estavam empolgados, perguntando e comentando sobre as histórias ouvidas, havendo até a necessidade de intervir para organizar os relatos. Ao final, as histórias recolhidas foram afixadas no mural da sala, oportunizando a todos conhecê-las. Essa atividade permitiu um momento de prática de leitura não obrigatória e um importante incentivo para outras leituras.

Abaixo trazemos cinco histórias recolhidas pelos alunos para exemplificar o trabalho:

História 1

A lagoa encantada

Comenta-se, ainda hoje, entre os moradores mais antigos do Vale Encantado mitos e lendas sobre a Lagoa Encantada.

Segundo minha avó, um grupo de meninos foram praticar suas travessuras próximo à lagoa; até que decidiram se banhar na mesma...e nunca mais foram vistos.

Há rumores de que as almas desses meninos assombram o local até hoje.

Segundo outros moradores, havia uma idosa com doenças mentais que morava aqui no bairro há muito tempo, um dia ela sumiu... quando a família percebeu a sua falta, era tarde. A mesma foi encontrada morta atolada na lama da lagoa.

E outros ainda dizem que quem se banhava na lagoa, sempre perdia algum objeto que jamais era encontrado.

Verdade ou mentira?

História 2

Areal dos mortos

Minha mãe contou que o famoso areal do bairro foi usado como uma espécie de cemitério ilegal. Quando os assassinos queriam esconder os corpos de suas vítimas sem serem descobertos, enterravam nesse areal. Quando ela contou essa história fiquei meio assustado, porque eu e meus amigos sempre íamos brincar naquele lugar, porém, até hoje não sei se é verdade ou não a lenda do "Areal dos Mortos".

História 3

Contam que uma pessoa estava pegando areia para realizar um trabalho, quando terminou percebeu que perto de uma cerca havia um saco, e que quando abriu o saco para ver o que tinha dentro, encontrou uma cabeça arrancada de seu corpo. Depois disso várias cabeças foram encontradas nesse mesmo local.

História 4

Há relatos de pessoas que viam um caboclinho d'água no areal. Ele corria atrás das pessoas quando iam à lagoa pescar. Ele era pequeno, mas tinha muita força e se pegasse alguém, matava e comia.

História 5

O bairro surgiu na década de 1960, a partir de um loteamento feito nas terras da família Laranja. Devido a lenda de que uma lagoa nas redondezas era encantada, o bairro passou a ser chamado de "Vale Encantado" que antes era conhecido como "Lagoa Encantada."

Percebemos, com essa atividade, a importância para os alunos de ouvirem e compartilharem essas narrativas. O resgate dessas histórias permitiu a construção de uma identidade própria para esse bairro. Assim, buscamos demonstrar que o ato de contar histórias vai além do divertimento e da recreação. Sobre isso, Busatto (2003) afirma:

> Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reavivar o sagrado (BUSATTO, 2003, p. 45-46).

Comprovamos por meio dessa atividade, a afirmação de Busatto, pois descobrimos fatos relevantes que não conhecíamos sobre o bairro: o porquê do nome Vale Encantado, originado de uma lagoa existente no bairro, chamada de Lagoa Encantada; a forma como ocorreu sua fundação; quem foram seus primeiros moradores; e, principalmente, alguns fatos importantes ocorridos na comunidade, colaborando, portanto, para a manutenção e valorização da memória local.

Ao final da atividade, o que mais nos chamou atenção foi o interesse dos alunos em partilhar as histórias ouvidas de seus pais, avós e vizinhos. A parte mais agradável foi ouvi-los contar de forma tão divertida as histórias que fazem parte da comunidade onde vivem. Cada história ouvida dos moradores, certamente, enriqueceu seu repertório de forma positiva, levando-os a se reconhecer como pertencente àquela comunidade.

6.1.6 - 6º Módulo: Apreciação de Vídeos Sobre Contação de Histórias

a) Planejamento

Atividade	Apresentação de dois vídeos: “O pescador, o anel e o rei” e “A história do grande livro de histórias”.
Duração	2 aulas
Objetivos	- Levar o aluno a perceber a importância de se conhecer as técnicas de contação de histórias para o bom desempenho do contador. - Estabelecer relações entre os dois vídeos, de modo que analisem as semelhanças e diferenças entre eles. - Estimular o respeito pela opinião do outro. - Trabalhar oralidade e a escuta.
Procedimentos metodológicos	1- Apreciar os vídeos. 2- Dividir da turma em grupo. 3- Reunir as turmas em rodas de conversa entre os grupos para a análise do desempenho das duas contadoras. 4- Escolher um aluno de cada grupo para socializar a resposta com os outros grupos.
Avaliação	Observar a participação e o envolvimento dos grupos na atividade e o desempenho por meio da oralidade do aluno escolhido para partilhar o que foi observado.

b) Desenvolvimento e avaliação

Iniciamos essa atividade exibindo para os alunos dois vídeos disponíveis no canal *Youtube*: “O pescador, o anel e o rei”, da escritora e contadora de histórias Bia Bedran, e a “A história do grande livro de histórias”. Essas duas histórias se diferenciam pela forma de narrar. Na primeira, percebe-se todo um trabalho para a apresentação, como o uso de instrumentos musicais e interpretação primorosa da contadora, enquanto na segunda, a narradora conta sua história sentada, o que torna a primeira muito mais agradável para quem assiste. Essa aula serviu para demonstrar o quão importante é a performance do contador para prender a atenção do ouvinte.

Após assistirem aos vídeos, em sala de aula, dividimos, mais uma vez, os alunos em grupos, a fim de que analisassem a forma como as narrativas foram conduzidas pelas contadoras: seus gestos, o uso da voz, as expressões faciais etc. Orientamos, ainda, que prestassem atenção na intencionalidade da narradora ao escolher determinados gestos e expressões.

Depois de dialogarem entre si, cada grupo escolheu um representante para apresentar as conclusões a que chegaram sobre os dois vídeos. Nessa etapa, percebemos como a forma de narrar influencia a aceitação ou rejeição da história.

À medida que os alunos foram se apresentando, fomos avaliando a desenvoltura e a coerência das análises realizadas, que revelaram a importância da atividade para a percepção dos aspectos referentes à contação de histórias.

Figura 11 - Alunos assistindo aos vídeos sobre contação de histórias

Fonte: imagem produzida pela autora (2018)

Figura 12 - Aluna socializando os resultados das análises

Fonte: Imagem produzida pela autora (2018)

Logo após a apresentação dos vídeos, em uma roda de conversa, os alunos relataram que preferiram o primeiro vídeo, pois perceberam nele um trabalho mais elaborado para a narração da história, notando que os recursos utilizados pela contadora de histórias tornaram a narrativa mais interessante. Para a apresentação, além da música, que segundo os alunos foi o aspecto mais marcante, o cuidado com a escolha dos instrumentos, o vestuário e a entonação diferenciada para cada personagem enriqueceram a performance da contadora. Tudo isso provocou a curiosidade dos alunos, que demonstraram interesse em conhecer o livro de onde foi retirada a história. Com essas atividades, confirmamos que os recursos, quando bem utilizados, servem para enriquecer e valorizar a contação de histórias.

6.1.7 - 7º Módulo: Pesquisando os Gêneros Narrativos

a) Planejamento

Atividade	Pesquisa sobre alguns tipos de textos do gênero narrativo
Duração	2 aulas
Objetivos	- Enriquecer por meio dos diferentes gêneros narrativos, o desempenho linguístico dos alunos. - Reconhecer alguns gêneros textuais. - Estimular a leitura.
Procedimentos metodológicos	1- Levar os alunos ao laboratório de informática para que pesquisem em diferentes sites, alguns gêneros narrativos, como, fábulas, mitos, contos e os apólogos. 2- Solicitar que entreguem por escrito a pesquisa. 3- Sortear entre os grupos um gênero específico que depois será apresentado juntamente com uma história que faça parte do gênero.
Avaliação	Observar a participação e o envolvimento do aluno na atividade.

b) Desenvolvimento e avaliação

Essa tarefa foi desenvolvida nas três turmas de 9º ano, cada uma separadamente. Em princípio, os alunos foram levados à sala de informática para que, divididos em grupos, pesquisassem diferentes gêneros narrativos como: mitos, fábulas, crônicas,

contos, apólogos e lendas, entre outros. Orientamos que buscassem em diferentes sites os aspectos que particularizam cada gênero e que os anotassem para posterior apresentação. Ao término da pesquisa, por meio de um sorteio, os alunos retornaram à Internet à procura de um texto referente ao gênero sorteado, a fim de apresentá-los à turma.

Figura 13 - Momento de pesquisa

Fonte: Imagem produzida pela autora (2018)

Nessa atividade, um integrante de cada grupo apresentou o gênero sorteado e fez a leitura do texto. Essa etapa foi muito importante, pois a maioria dos alunos conseguiu identificar as particularidades dos gêneros pesquisados, demonstrando a validade do que foi proposto. Para a avaliação, baseamo-nos na observação dos seguintes critérios: participação, interesse e desempenho dos grupos e dos alunos, individualmente e nas atividades.

Ao considerarmos o empenho dos alunos, notamos que ações bem direcionadas estimulam os alunos para o aprendizado, demonstrando a necessidade de um planejamento sério e com estratégias bem definidas. Caso contrário os alunos ficarão desestimulados e o objetivo será perdido.

6.1.8 - 8º Módulo: Momento do Conto

a) Planejamento

Atividade	Identificando os elementos da narrativa
Duração	2 aulas
Objetivos	- Levar os alunos a identificarem os elementos que constituem uma narrativa. - Incentivar a leitura de textos narrativos e instigar a curiosidade. - Fazer relações entre os textos e construir conhecimentos. - Trabalhar a oralidade.
Procedimentos metodológicos	1- Dividir a turma em grupos. 2- Distribuir textos. 3- Pedir que busquem no texto que receberam, os elementos da narrativa e depois de anotado, compartilhem com os colegas. 4- Solicitar aos alunos que façam a leitura do texto e escolham um integrante a fim de contar a história sem ler.
Avaliação	Observar o desempenho do grupo no momento do trabalho e a desenvoltura do componente escolhido para compartilhar a história.

b) Desenvolvimento e avaliação

Nesse módulo, os alunos em grupos, receberam um conto a fim de buscarem nele os elementos da narrativa, tais como: personagens, tempo, foco narrativo, espaço, clímax, enredo, etc. Ao término dessa atividade, cada grupo escolheu um representante para apresentar os elementos da narrativa encontrados no texto recebido. Após essa etapa os alunos tiveram de escolher um outro integrante para apresentar o texto, agora em forma de contação de histórias. Aqui eles seriam os contadores.

Para auxiliá-los nessa tarefa, explicamos algumas técnicas que os ajudariam no momento da contação. Pedimos que ficassem atentos para a forma de narrar, os gestos, o olhar, o uso das mãos, a forma de se deslocar pela sala, os vícios de linguagem e a clareza da voz. Pois segundo Rossoni (2013), o educador precisa ter claro os objetivos educacionais que pretende alcançar com cada história, facilitando o planejamento. Isso acontece mediante o estudo da narrativa e de seus elementos. Para tanto, é necessário proporcionar ao aluno o contato com obras literárias, levando-o a se imaginar como um personagem da narrativa, buscando elementos que fazem parte de sua composição e que devem e precisam ser trabalhados, pois atuam na imaginação dos leitores.

Notamos que para essa atividade os alunos, ao apresentarem as histórias, conseguiram fazê-lo de forma bem expressiva, uns com maior desenvoltura e outros com muita timidez, mas empenhados em realizar uma boa performance. A turma, durante as apresentações, ficou bem empolgada, interagindo com o aluno/contador, enriquecendo a atividade e deixando-a mais dinâmica.

A seguir, os grupos foram orientados a se avaliarem e para isso deveriam observar a explicação dos elementos pesquisados no texto, a participação e a desenvoltura na apresentação da história.

Lista dos contos (anexo 3) que foram utilizados para o desenvolvimento dessas atividades:

- “Os três companheiros” - (Luiz da Câmara Cascudo)
- “A velha contrabandista” - (Stanislaw Ponte Preta)
- “O caso do espelho” - (Ricardo Azevedo)
- “A vendedora de fósforos” - (Hans Christian Ardensen)
- “Os sete corvos” - (Irmão Grimm)

Mais uma vez, é importante ressaltar o papel de mediador do professor nesse tipo de proposta, que tem como finalidade estimular o trabalho em grupo e a procura de informações, possibilitando ao aluno ser protagonista na construção de seu próprio conhecimento. Dessa forma, compartilhar experiências por meio de atividades que envolvam a leitura enriquece a prática educativa, pois nosso objetivo principal como

professores de Língua Portuguesa é buscar estratégias que ajudem na formação do leitor autônomo e crítico, desenvolvendo o gosto pela literatura e, com isso, ampliando o horizonte cultural de nossos alunos. Para que isso aconteça, devemos cuidar para que nossas aulas não produzam o efeito inverso, o desestímulo.

6.1.9 - 9º Módulo: Preparação do Contador

a) Planejamento

Atividade	Aplicação das técnicas de contação de histórias
Duração	2 aulas
Objetivos	- Incentivar a leitura. - Estimular a criatividade. - Promover o hábito de escuta. - Praticar a oralidade. - Desenvolver a escrita.
Procedimentos metodológicos	1- Sugerir a leitura dramática de alguns textos, com entoação apropriada. 2- Solicitar aos alunos que fiquem atentos às particularidades de cada personagem.
Avaliação	Analisar a performance dos alunos no momento da aplicação das técnicas de contação.

b) Desenvolvimento e avaliação

Para esse módulo, além de uma explicação mais detalhada sobre a atividade que seria desenvolvida, enfatizamos mais uma vez a importância de se contar histórias. Salientamos ainda, a necessidade de se conhecer as técnicas de contação a fim de que pudesse ocorrer de maneira mais eficiente. Para trabalhar essas técnicas, fizemos uso de algumas dinâmicas que se mostraram eficazes para o estímulo à imaginação e à criatividade; no trabalho com a oralidade; na expressão corporal, entre outros. A seguir listamos algumas técnicas que se mostraram eficazes para o desenvolvimento dessas tarefas.

6.1.9.1 - Técnicas de Contação de Histórias

1º– Conhecer a história, pesquisando suas características e particularidades. Sendo importante interpretá-la, prestando atenção na sequência dos fatos narrados para transmitir com apuro as emoções, levando o ouvinte a se interessar pela narrativa.
2º – Quem conta deve se encantar pela história, sem isso não afetará o ouvinte.
3º – Estar seguro sobre o que irá narrar, pois de outra forma, não conseguirá atingir seu objetivo, que é levar o ouvinte a "viajar" na história.
4º – O contador de histórias deve levar o ouvinte a crer no que está ouvindo, por mais fictício que pareça, tem que passar credibilidade.
5º – Olhar para a plateia. O olhar é fundamental para a ligação entre o narrador e o ouvinte, fazendo que o mesmo passe a creditar no que é contado.
6º - Falar de forma clara e agradável. Contar a história com naturalidade de maneira audível e agradável, sem afetação.
7º - Os gestos deverão aparecer no momento adequado, não devendo ser exagerados, pois quando fizer um que seja necessário para melhor entender a história, tal gesto não será notado.

A seguir, relatamos o trabalho realizado com três dinâmicas usadas para realizar as técnicas de contação com os alunos. Convém observar que as dinâmicas presentes neste trabalho são adaptações de outras e que foram retiradas de sites variados da Internet e de trabalhos que tratam sobre o assunto.

Dinâmica 1:

Para a realização dessa atividade foi feita uma dobradura de papel em forma de leque. Em cada dobra foram escritas as seguintes perguntas:

a) Quem era?
b) De onde veio?
c) O que pretendia?
d) Com quem se encontrou?
e) Em que se transformou?
f) Por quem foi transformado?
g) Por que foi transformado?
h) Que rumo tomou?

Esse leque foi passado de mão em mão e ao pegá-lo o participante deveria responder à pergunta destinada a ele sem ler o que havia sido respondido anteriormente por

outro colega. Isso ocorreu sucessivamente, até que todas as perguntas fossem respondidas. Por fim, o leque foi desdobrado e foram lidas as respostas montando, assim, uma história.

Essa técnica possibilitou ao aluno demonstrar sua criatividade e sua capacidade de improvisação. Foi uma atividade considerada muito engraçada e por isso os adolescentes a adoraram, tornando esse momento muito especial.

Dinâmica 2

Nesta dinâmica, os alunos em círculo receberam uma cópia do conto “Felicidade clandestina” de Clarice Lispector, história que gira em torno de uma menina, cujo sonho é ler o livro “Reinações de Narizinho”, e todas as tentativas que faz para que uma coleguinha de sua turma o empreste a ela. Vejamos um fragmento:

> Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme; enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria [...].[7]

Nessa narrativa, a menina, sob a ótica da autora, apresenta atitudes consideradas negativas. Por não se sentir parte do grupo, tal menina sente a necessidade de se destacar nele e por isso, aproveita o fato de o pai ser o dono de livraria para castigar uma colega que tem paixão por livros. Assim, nesse conto Clarice Lispector expõe características próprias da literatura Infantojuvenil atual, em que não se observa mais a presença de um herói e, sim, personagens com atitudes reais, e, às vezes, até reprováveis, o que possibilita ao adolescente reconhecer em si mesmo, esses e/ou outros comportamentos por meio da história. Por isso, consideramos esse conto um ótimo texto para a realização dessa atividade.

Para realizá-la, iniciamos com a apresentação da autora e suas obras. Depois os alunos leram o conto silenciosamente e a seguir foram orientados a prestar atenção

7 Disponível em: http://pagina-de-vida.blogspot.com.br/2007/05/felicidade-clandestinaclarice.html. Acesso em: 14 jan. 2019.

nas partes importantes para sua construção, aquelas que são essenciais para a sequência lógica como: personagens, enredo, espaço, clímax que depois foram partilhadas entre eles, pois, de acordo com Zilberman,

> Os objetivos de leitura e estudo de um texto literário são específicos a este tipo de texto, devem privilegiar aqueles conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias à formação de um bom leitor de literatura: a análise do gênero do texto, dos recursos de expressão e de recriação da realidade, das figuras autonarrador, personagem, ponto-de-vista, a interpretação de analogias, comparações, metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, enfim, o estudo daquilo que é literário (ZILBERMAN, 1998, p. 43).

Essa afirmativa corrobora com nosso objetivo: desenvolver um trabalho que envolva atividades de leitura com o intuito de despertar no aluno a vontade de conhecer outros pensamentos, atitudes e até mesmo outra visão de mundo, e, com isso, provocar a curiosidade e o interesse de buscar em outros textos o vivenciado naquele momento.

Para isso, como forma de direcionar essa tarefa, elaboramos algumas perguntas para ser respondidas e depois partilhadas pelos alunos:

a) Você acha que a filha do dono da livraria era realmente má?
b) E a atitude da mãe? Você acha que ela agiu certo? Por quê? O que você faria no lugar dela?
c) Você já passou por uma experiência parecida como a da menina do conto? Já quis muito ler um livro, mas encontrou dificuldades em consegui-lo?
d) Caso fosse a protagonista da história, como você reagiria em uma situação como essa?

Os alunos gostaram bastante dessa atividade, respondendo de acordo com suas vivências, o que nos levou a perceber o quanto é necessário abrir espaço para que se expressem oralmente, partilhando suas experiências. Assim, possibilitamos a eles uma situação de comunicação que favoreceu à leitura e à compreensão do gênero trabalhado.

Após essa etapa, convidamos um aluno a contar a história sem olhar o texto. Terminada a apresentação, sugerimos, no quadro, algumas técnicas de contação de histórias, tais como: a forma de narrar, os gestos, o olhar (deve olhar para os ouvintes), o modo de usar as mãos, o comportamento do contador (se anda pela sala), etc.

Pedimos, também, que prestassem atenção nos vícios de linguagens, como o uso excessivo do aí; e ressaltamos a clareza da voz.

Em seguida, solicitamos ao mesmo aluno, que retornasse ao centro do círculo e contasse novamente a história, desta vez, observando as técnicas trabalhadas. Finalizada a atividade, os colegas partilharam suas impressões sobre o antes e o depois de cada momento de contação. Com essa dinâmica, os alunos perceberam o quão importante é o conhecimento das técnicas de contação, além de proporcionar um contato com o texto literário.

Dinâmica 3

Essa atividade foi dividida em dois momentos. No primeiro pedimos aos alunos que se sentassem em círculo para escutarem a história “A Moça Tecelã” de Marina Colassanti. Neste conto a protagonista é uma jovem com uma habilidade mágica no tear, tudo o que tece torna-se real. Por se sentir muito sozinha, decide-se casar e para isso tece um marido e todas as coisas que poderiam lhe fazer feliz. Porém, com o passar do tempo, a ambição do marido faz com que se torne prisioneira de sua própria arte, levando-a a desmanchar tudo o que havia tecido a pedido do marido, até mesmo ele. Por exemplo, para fazer o céu azul, ela usava lã da mesma cor, para a chuva, fios cinzentos e assim ia tecendo as mais variadas formas e usando cores próprias para isso. Até mesmo para seus sentimentos as cores estavam presentes.

A partir da leitura do conto, explicamos que as cores, em determinados momentos, podem remeter a sensações, provocando as mais variadas emoções, e que algumas cores podem simbolizar alguns elementos. A seguir, pedimos aos alunos que respondessem oralmente as seguintes perguntas:

a) Qual pode ser o cheiro da chuva?
b) O calor tem cor? Qual seria essa cor?
c) E a cor da alegria?
d) Qual a cor do som?
e) Qual a cor do amor?
f) Qual seria a cor da saudade?
g) E a cor da tristeza?

O resultado dessa atividade foi bastante interessante, pois obtivemos algumas respostas muito parecidas, como por exemplo: uma parte respondeu que a cor do calor é vermelha, pois remete a fogo; a cor da alegria é amarela; a cor do amor é vermelha; a da saudade é lilás e a da tristeza é cinza (lembraram que quando estamos tristes a vida perde a cor). Essas atividades têm como finalidade enfatizar os efeitos sensoriais provocados pelas cores por meio das imagens. Sobre isso Bosi (1977, p. 13) afirma: “A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizada no corpo. A imagem é afim à sensação visual. O ser vivo tem a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor”. Confirmando a influência das cores em nossas emoções.

Para o segundo momento, os alunos produziram textos, contando alguma passagem de suas vidas associada a uma cor. O que mais nos chamou a atenção foi que, na maioria parte das histórias, a cor remetia a memórias positivas. Para essa produção, o aluno precisou ativar memórias com as cores para escrever seu texto.

Selecionamos algumas produções para demonstração da atividade:

Texto 1

“Um passeio colorido”

Em um final de semana fui passear com meus familiares em um lugar lindo. Lá havia um campo cheio de girassóis que de tão amarelos me deixaram encantada. Além dos girassóis o céu estava lindo, de um azul bem alegre.

Eu e meus primos encontramos um cachorrinho muito dócil e divertido em quem colocamos o nome de Pintadinho, porque tinha manchas pretas e brancas. Nesse dia brincamos muito com ele e na hora de irmos embora, queríamos levá-lo pra casa, só que nossos pais não permitiram. Quase chorando, percebemos um rapaz que se aproximou de Pintadinho e o chamou de Jonas que saiu correndo feliz. Com isso, ficamos mais tranquilos.

Sempre que eu e meus primos nos lembramos daquele dia alegre e colorido, ficamos muito felizes.

Texto 2

Há duas cores que me causam lembranças. A primeira é a azul, pois quando eu era criança minha avó sempre usava um vestido dessa cor, todo florido e essa é a única lembrança que tenho dela. A segunda é a vermelha, que me lembra um vestido que eu amava.

Texto 3

O vestidinho rosa

A cor rosa me lembra de um vestidinho que usei em meu batizado, um dia muito especial em minha vida. Lembro que o pegava e brincava de princesa, nele havia um laço que eu chamava de real. Com o passar dos anos não consegui entrar nele e fiquei muito triste, pois amava meu vestidinho rosa. Minha mãe, então o deu para outra criança o que me deixou muito brava, mas por fim acabei me acostumando com a ideia, pois percebi que ele estava alegrando outra criança.

Texto 4

As cores, lembranças...

As lembranças vêm de algo que passou e você recordou. Determinadas cores me fazem lembrar de momentos felizes ou infelizes. Por exemplo, a cor branca me faz lembrar do Ano Novo, todos se vestindo de branco, inclusive eu que vestia uma blusinha branca no churrasco da família, um dia muito bom.
O vermelho me fez lembrar do Natal, as luzes piscando, os familiares se abraçando. Enfim....
E o azul que me faz lembrar do mar, com suas ondas batendo contra a areia.

Texto 5

A cor

Estava andando na rua, quando vi no chão uma embalagem de chiclete cor de rosa que me fez lembrar do dia mais especial de minha vida, meu aniversário de 15 anos. Ele foi do jeito que sonhei, todo cor de rosa e me fez sentir a pessoa mais amada do mundo.
Ao meu lado estavam as pessoas que mais amo, meus pais, meus avós, meus irmãos e meu namorado que fizeram tudo para meu dia ser muito feliz. Jamais me esquecerei desse dia e do esforço de todos em fazer a minha festa a melhor de todas.

Texto 6

Meu tênis preto

Eu tive um tênis preto que considerava "Meu tênis da sorte", porque todas às vezes que eu o usava algo bom acontecia.
Um dia fui à escola com ele, não era meu costume, pois só o usava para passear. Nesse dia houve prova de ciências e fique com muito medo de tirar uma nota baixa, pois não havia estudado. Porém, para minha surpresa havia tirado a maior nota da sala, nesse momento me lembrei que estava com meu tênis da sorte.
Em outra ocasião estava indo ao shopping e ao olhar para o chão achei uma nota de cinquenta Reais, mais uma vez percebi que estava com meu tênis preto. Só que infelizmente, um certo dia tropecei e rasguei o bico dele e depois disso ele nunca mais me deu sorte

Pedimos a alguns que lessem seu texto, pois essas leituras feitas pelos alunos favorecem a desinibição e encoraja a expressão oral. Sabemos por experiência que uma das práticas mais eficientes de interação com o texto é a leitura oral para os colegas. Há sempre um aluno que deseja ler seu texto em voz alta, o que acaba estimulando os outros a lerem também.

Finalizamos essa atividade com a colagem dos textos no mural, a fim de que estivessem à vista para a apreciação dos colegas. Mais uma vez, percebemos a curiosidade de quem lia e o orgulho dos que tiveram seus textos elogiados. Como forma de avaliação da atividade, observamos a desenvoltura dos alunos ao responder as perguntas e as produções escritas. Avaliamos essa dinâmica como uma boa estratégia de leitura e escrita.

6.1.10 - 10º Módulo: Concurso de Contadores de Histórias

a) Planejamento

Atividade	Montar um concurso para a escolha do melhor contador de histórias de cada turma.
Duração	4 aulas
Objetivos	- Desenvolver a oralidade. - Estimular a criatividade. - Trabalhar a capacidade de memorização. - Estimular a leitura; - Aplicar as técnicas de contação.
Procedimentos metodológicos	1- Propor um concurso de contação de histórias entre os alunos. 2- Preparar o espaço e os recursos que serão utilizados nas atividades. 3- Orientar os alunos sobre os critérios usados para a votação do melhor contador. 4- Convidar professores de outras turmas para assistirem, avaliarem as atividades e colaborarem com o professor. 5- Registrar as apresentações.
Avaliação	Analisar o desempenho do aluno-contador, sua performance e se foram observadas as técnicas aplicadas.

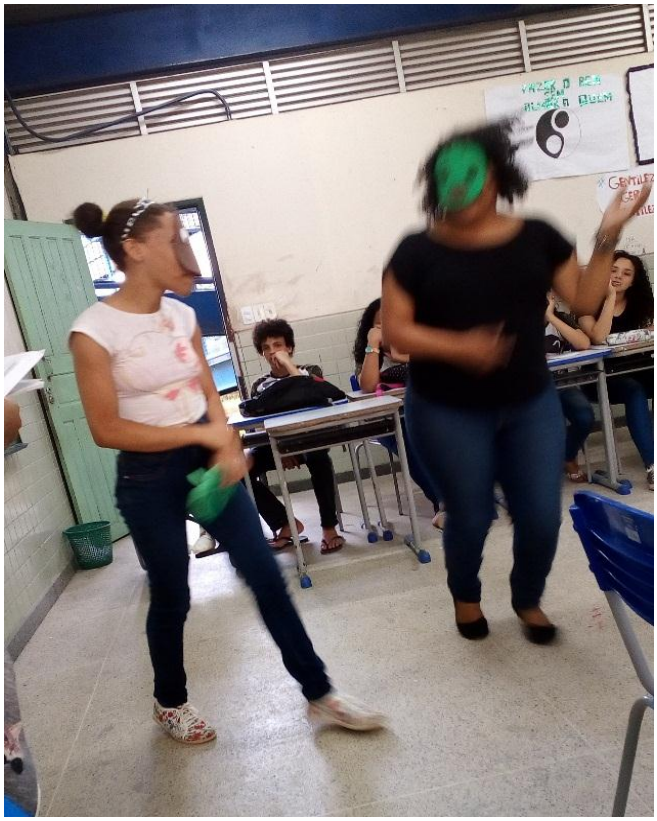
b) Desenvolvimento e avaliação

Essa atividade consistiu em um concurso de contadores de histórias. Para a apresentação dessa proposta, reunimos os alunos em círculos e expusemos o que deveriam fazer, depois pedimos que escolhessem uma história (autoral ou conhecida) para contarem aos colegas para o concurso de melhor contador. Ao final dessa etapa, cada ganhador se apresentou para uma das turmas de 6º ano da escola, atividade que pode ser realizada em dupla ou individualmente.

No início, a proposta causou certa apreensão nos alunos, pois a maioria não gosta de falar em público, principalmente para outras turmas. Mas, a partir do momento em que foram ouvindo os outros, começaram a ficar mais à vontade. Todas as intervenções se mostraram importantes para ajudar os alunos a vencerem a timidez de se apresentar em público, além de demonstrar que, quando temos um objetivo, precisamos nos empenhar para atingi-lo.

O momento de maior destaque foi a apresentação da professora da Educação Especial e duas de suas alunas, que contaram a história “Chapeuzinho Vermelho”. O mais emocionante foi a participação de uma delas, que mesmo sem saber ler, conseguiu apresentar a história aos colegas da turma. Isso demonstra que o ato de contar histórias atrai e empolga a todos, independentemente até de certas limitações, mostrando-se importante para a inclusão no ambiente escolar.

Figura 14 - Educandas especiais apresentando “Chapeuzinho Vermelho”



Fonte: imagem produzida pela autora (2018)

Figura 15 - Alunas da Educação Especial

Fonte: Imagem produzida pela autora (2018)

A cada apresentação ficávamos mais e mais surpreendidos, pois alunos que sempre se mostraram tímidos acabaram por se revelar excelentes contadores, provocando uma reflexão sobre o potencial que está ali esperando para ser descoberto e trabalhado.

Para algumas histórias os alunos utilizaram recursos como fantasias e objetos que deixaram o ato de contar histórias mais interessante, tornando a experiência muito enriquecedora, o que nos permitiu avaliar a criatividade deles.

Figura 16 - Alunas contando histórias

Fonte: Imagem produzida pela autora (2018)

Finalizamos todo o trabalho com a votação do melhor contador de cada turma, escolha que foi feita pelos próprios alunos, além da professora. Para esse momento os alunos deveriam levar em consideração: a criatividade, a desenvoltura, as expressões usadas, os recursos, entre outros. A votação ocorreu na sala de aula, onde eles

anotaram, em papeis, o nome daquele(a) que consideraram o(a) melhor contador(a). Essa forma de escolha mostrou-se a mais democrática. O vitorioso de cada turma ganhou chocolates e balas, tornando o momento muito especial.

Após o sorteio, os ganhadores foram convidados a apresentarem suas histórias para as turmas de 6º ano. No início, houve certa resistência por parte dos alunos, pois ainda se sentiam um pouco inseguros sobre se apresentar para outras turmas, mas com alguma insistência conseguimos convencê-los. Por fim, a experiência se mostrou bem interessante, porque deixaram a insegurança de lado e encantaram os alunos menores, que se mostraram bem receptivos.

Figura 17 - Momento de contação para as turmas

Fonte: imagem produzida pela autora (2018)

Como forma de sistematizar estes dados elaboramos um questionário, a fim de investigar o resultado do projeto de Contação de Histórias para a formação do leitor, agora individualmente. A partir desse questionário procuramos analisar em que aspectos esse trabalho contribuiu para o desenvolvimento dos alunos. A seguir

apresentamos as perguntas que foram feitas aos alunos e as conclusões a que chegamos a partir das respostas recolhidas.

Questionário sobre os resultados observados após as oficinas de contação de histórias:

a) As atividades ajudaram você a se expressar melhor?
b) As atividades possibilitaram a ampliação de seu o vocabulário?
c) Sentiu-se mais estimulado para a leitura?
d) Tem frequentado mais a biblioteca da escola?
e) As atividades ajudaram a perder a vergonha de falar em público?
f) As atividades colaboraram para o reconhecimento da leitura como forma de aprendizagem?
g) Sentiu mais motivado para as atividades que envolvem a oralidade?
h) As atividades o (a) ajudaram no desempenho nas aulas de Português?
i) Sua memória e imaginação foram estimuladas?
j) As atividades melhoraram sua capacidade argumentativa?

Com as respostas obtidas por meio do questionário, constatamos que as atividades, para a maioria, serviram como facilitadoras para a aprendizagem, constituindo-se um impacto positivo na construção do conhecimento observado durante o desenvolvimento de cada atividade, pois quem escuta apropria-se de experiências e de saberes de outros.

Alguns afirmaram que depois das oficinas começaram a se sentir mais seguros em falar em público e que graças a elas estavam frequentando mais a biblioteca. Outros relataram que gostaram de contar histórias para os colegas, e a maioria adorou ouvir as histórias contadas, principalmente as mais engraçadas.

Percebemos, também, mudanças significativas na postura dos alunos que demonstraram uma maior disponibilidade para a escuta, além de uma maior facilidade em expressar opiniões, sentimentos e reflexões, observadas nas rodas de conversa. Notamos ainda que em uma parte dos alunos houve uma maior desenvoltura ao se expressar em público e um leve desenvolvimento da criatividade e da memorização. Os resultados obtidos com as oficinas confirmaram que o contato com textos literários como contos, fábulas e mitos e com a literatura em geral estimula a imaginação, facilita

a aprendizagem e estimula a leitura crítica e autônoma, além de promover o diálogo. Aqui nos reportarmos aos objetivos gerais desta pesquisa, demonstrando que conseguimos alcançar o que nos propusemos por meio desse trabalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Sou feita de retalhos.
> Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.
> Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.
> Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...
> Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...
> Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.
> Cris Pizzimenti

Constatamos que apesar de haver uma boa quantidade de pesquisas referentes à contação de histórias, poucos abordam a forma como a contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento da formação social e crítica do adolescente ou ainda, de que modo ela pode colaborar para o desenvolvimento do repertório linguístico e semântico dos jovens nas séries finais do Ensino Fundamental, pois imaginamos que acreditam que a escuta de histórias está restrita a Educação Infantil. Isso nos motivou a elaborar uma Sequência Didática cujo objeto foi a contação de histórias usando-a como recurso pedagógico, pois acreditamos que a escola deve capacitar o aluno a ler e escrever com proficiência, além de estimular as práticas de oralidade.

Nós somos constituídos de várias histórias que entrelaçadas a outras nos fazem ser o que somos. Como numa colcha de retalhos, essas histórias se cruzam e se unem, tornando-se imprescindíveis para a construção da identidade de uma pessoa ou até mesmo de uma geração inteira. Essa identidade se estabelece na relação entre os “retalhos” que formam o sujeito, por meio da consciência de si, do outro e da compreensão do mundo que o rodeia, além das variadas vivências com a cultura e a arte que o ato de contar histórias proporciona. Conforme Busatto (2011),

> O conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos. O conto pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde as diferentes áreas de conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas (BUSATTO, 2011, p. 37).

Isso posto, inferimos a importância em trazer a contação de histórias para o ambiente escolar como elemento provocador do despertar do hábito de leitura, principalmente a de textos literários, pois o que temos presenciado é a falta de interesse dos jovens pela leitura, que é um fato comum em muitas escolas brasileiras , o que prejudica o desempenho escolar dos mesmos. Esse fato é comprovado pelo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) que aponta as sérias dificuldades dos estudantes, referentes à compreensão e à interpretação textos, ocasionadas por uma leitura deficiente e insuficiente. Assim, é necessário que criemos ambientes favoráveis à leitura, espaços onde os alunos possam ter acesso a livros variados, levando-os a lerem mais e melhor e/ou quaisquer outras tentativas que possam colaborar para o aumento dessa atividade que é muito importante.

Por isso, notamos a importância de proporcionar subsídios que mudem o cotidiano da sala de aula, tornando esse ambiente propício para o estímulo à leitura de livros, pois, segundo Petit (2008), “um mediador pode influenciar um destino” ao que se acrescenta “o gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca podem se tornar letra morta se ninguém lhe der vida” (PETIT, 2008, p. 158). Isso demonstra a necessidade de propostas de trabalho que auxiliem na formação de mediadores para a leitura. Dessa maneira, esperamos que as atividades aqui apresentadas possam ser utilizadas e até mesmo adaptadas de acordo com a realidade de cada escola e de outros docentes.

Sabemos, também, que o estímulo à leitura é uma ação que ocorre dentro e fora da escola, por isso o exemplo familiar também é muito importante para a formação do leitor. Em nossa pesquisa notamos que alunos, cujos pais são leitores, tendem a ser bons leitores. Porém, infelizmente, constatamos que uma parte significativa das famílias de nossos alunos, por dificuldades variadas, não possui o hábito de leitura, o que dificulta a percepção dos jovens de que ler é muito importante para a sua formação. A justificativa dada é a falta de tempo, deixando para a escola a total responsabilidade de buscar mecanismos que possam estimular e promover novos leitores.

Por isso, como forma de auxiliar professores e outros mediadores de leitura para

essa importante tarefa, propomos como estratégia pedagógica oficinas de contação de histórias com o objetivo de estimular a formação do leitor. Através delas buscamos reacender nos alunos o prazer e o interesse pelo ato de ler e também da escuta de histórias, demonstrados nos primeiros anos de escola, porém com o decorrer dos anos foram sendo perdidos.

Além disso, buscamos confirmar a validade da contação de histórias como estímulo à leitura do texto literário. De acordo com Yunes (2014) Tal atividade: “[...] passa a ser uma arma poderosa em favor da disseminação da literatura e uma provocação com gosto de ‘quero-mais’, a contação de histórias, tal como se oferece de imediato à fruição do público” (YUNES, 2014, p.12).

E, para que se possa assumir como um contador de histórias, trouxemos algumas considerações sobre o jeito de contar e o que produz subsídios para essas práticas respeitando os diferentes tipos de contadores, pois o contador tem como incumbência se preparar e preparar a história que será contada. Enfim, ao ouvir seus alunos contando histórias e envolvendo seus ouvintes, o professor terá atingido seu objetivo. Por isso, trouxemos como sujeitos dessa pesquisa o aluno e o professor, pois acreditamos que ambos podem protagonizar o ato de contar histórias, ajudando a difundir uma arte que tem sido esquecida, mas que sempre demonstrou ser importante para a manutenção da memória popular. Assim, os questionamentos que foram surgindo ao longo da pesquisa, serviram para direcionar as buscas sobre a formação de um contador, qual sua essência e sua importância para uma sociedade e nos levou a descobrir que o contador de histórias tem buscado se adaptar a essa nova realidade que a televisão e a Internet, com suas redes sociais, têm ocupado.

Durante a pesquisa e elaboração da síntese de todo o processo de estudo, notamos o retorno significativo dos alunos, que corresponderam às nossas expectativas, colaborando ativamente e demonstrando o aprendido. Confirmamos, ainda, que ler e ouvir é imprescindível para os mais jovens, pois a troca de experiência produz a construção, o aprendizado e a transformação do sujeito. Constatamos, por meio de relatos e nas rodas de conversa, como foi enriquecedor para os alunos participarem das oficinas de contação de histórias.

Aprendemos, com este trabalho, que atividades bem direcionadas envolvendo a contação de histórias e leitura de bons textos são capazes de enriquecer o universo pessoal do adolescente, levando-o a descobrir os mais diferentes recursos expressivos. Um planejamento coerente e criativo de exercícios com práticas de leitura melhora a compreensão, a interpretação e a produção de textos, capacitando o estudante a entender e a incorporar novos temas e formas ao que foi lido, além de ajudá-lo a amadurecer e a conquistar a própria linguagem. Confirmamos, também, que a literatura por ser arte, promove o diálogo e estimula a sensibilidade de quem lê ou ouve, por meio da imaginação, e que quando bem utilizada em sala de aula, torna as aulas mais atrativas e eficientes. Certificamo-nos de que a leitura de textos literários é indispensável ao amadurecimento humano em todos os sentidos.

Enfim, concluímos que é muito importante a implementação de estratégias que rompam com a rotina entediante dos exercícios repetitivos e que provoquem nos jovens a vontade de participar mais ativamente das atividades, possibilitando a criação de estratégias de ensino que favoreçam a aprendizagem. Para isso, a contação de histórias não pode e não deve se restringir apenas ao espaço escolar infantil. Sendo necessário, também, o surgimento de mais contadores de histórias capazes de envolver seus ouvintes, proporcionando outros modos de ver o mundo e a aquisição de variados conhecimentos e experiências.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione,1993.

_____. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/livro-precisa-ser-vicio-423573.shtml 2008>. Acesso em: 26 ago. 2018.

ALVES, Rubens. **Gaiolas ou asas a arte do voo ou a busca da alegria de aprender.** Porto: Edições Asa, 2004 (excertos adaptados)

ANDERSEN, Hans Christian. **A pequena vendedora de fósforos.** Disponível em: <https://pt.wikisource.org/wiki/ContosAndersen/A_pequena_vendedora_de_fósforos >. Acesso em: 16 jan. 2019.

AZEVEDO, Ricardo. **O caso do espelho**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7454/o-caso-do-espelho>. Acesso em: 16 de jan. 2019.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: BENJAMIN, Walter**. Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENTES, Anna Christina. **Linguagem oral no espaço escolar**: rediscutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola. Cap. 6. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19)

BETTELHEIM, Bruno**. A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix; Esp, 1977.

BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: RJ: Vozes, 2003.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa*.* Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2005. (Coleção Pensamento e Ação no Magistério)

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos.** 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **A literatura e a formação do homem**. In: Remate de males. Departamento de Teoria Literária IEL/Unicamp, Número Especial, Antonio Candido. Campinas, 1999.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun. 1ª reimpressão. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1998.

COLASSANTI, Marina**. A moça tecelã.** Disponível em**:** <https://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/1413748>. Acesso em: 18 jan. 2019.

CRESWEL, Jonh. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto / John W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed,2007.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.). **Leitura e literatura na escola**. São Paulo - SP: Parábola, 2013.

_____. (org.) [et al]. **Literatura e educação**: história, formação e experiência. – Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil** 4. Rio de Janeiro: Sextante – Pró Livro. Disponível em:<http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_ LIVRO_EM_ PDF_FINAL_COM_CAPA. Pdf >. Acesso em: 28 ago. 2018.

FERREIRA, Daniela Lopes. **O contador de histórias como mediador de leitura**: o significado e as contribuições que o curso “Encantadores de Histórias” traz para a formação do leitor e do mediador de leitura. Universidade Católica de Petrópolis, Centro de Teologia e Humanidades, Mestrado em Educação. Petrópolis, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **A importância do ato de ler** - em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v. 4) - 80 páginas.

GAZOLA, André. **Contação de histórias**: guia definitivo. disponível em: <https://www.lendo.org/guia-definitivo-contacao-historias/>. Acesso em 15 jan. 2019.

GERALDI, J. W. (org.) **O texto na sala de aula**: leitura e produção. Cascavel: Assoeste; Campinas-SP: Unicamp, 1984.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Os sete corvos**. Disponível em: <https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/os_sete_corvos>. Acesso em: 16 jan. 2019.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 4.ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vânia Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Disponível em: <http://pagina-de-vida.blogspot.com.br/2007/05/felicidade-clandestinaclarice.html>. Acesso em: 14 jan. 2019.

LOCAIS de Vila Velha. <https://pt-br.facebook.com> Locais > Vila Velha > Ensino Fundamental. Acesso: 15 de jan. 2019.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social. In: _____ (org.). **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras editora, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. – **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002

MOTA, Luciene Freitas. **Mulheres que educam**: experiências de contadoras de histórias. 2017. 141 f. il. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2017.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliana Caffé; roteiro, Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé; produção, Vânia Catani. Brasil: Lumiere/Vídeofilmes. 2003. 1 DVD (102 min.), son., color.

PDE Prova Brasil. **Matrizes de referência, temas tópicos e descritores.** Plano de Desenvolvimento da Educação. Brasília: 2009. p. 24.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: ed. 34, 2009.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Técnicas para contar histórias**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/tecnicas-para-contar-historias/26048>. Acesso: 14 jan. 2019.

PRIETO, Benita. **Grupo faz de conta**: entrevista de Benita Prieto, disponível em: http://grupofazdeconta.blogspot.com/2009/06/entrevista-de-benita-prieto.html. Acesso em 12 nov. 2018.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto** - Série Ideias n.13. São Paulo: FDE, 1994.

ROSSONI, Janaína Cé*.* **A contação de histórias como possibilidade educativa:** análise de dissertações e teses produzidas no contexto brasileiro*.* 2013. 161 f. (Mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle – UNILASALLE – Canoas – RS.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquin. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas – SP. Mercado das Letras, 2004.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos da arte de contar histórias***.* Chapecó: Argos, 2001.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, Franciane Lima. **Formação do leitor literário**: contação de histórias nas ondas da rádio escolar. 2015. (Mestrado profissional em letras - Profletras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/CAMEAN, Rio Grande do Norte.

TAHAN*,* Malba. **A arte de ler *e* contar histórias***.* 5.ed*.* São Paulo*:* Conquista*,* 1966.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Ed. Aymará, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZUMTHOR, Paul**. Performance, recepção, leitura**. Tradução de: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ANEXO A: Modelo de termo de autorização de pesquisa

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu,_____, de número de CPF_____, responsável pelo aluno(a) _____, matriculado(a) no 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Joffre Fraga", autorizo a participação desse educando na pesquisa "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INCENTIVO À LEITURA E À ORALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL II" – do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, campus Vitória", conduzida pela pesquisadora Irley da Penha Guijansque, que será realizada no campus Vitória. Entendo que neste estudo o aluno irá realizar atividades dentro e fora da escola com o objetivo de analisar as potencialidades de produção textual no ensino fundamental em articulação com as necessidades educativas de uma escola básica do município de Vila Velha. Sei que poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes, para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou qualquer outra informação que for necessária através do e-mail ética.pesquisa@ifes.edu.br ou pelo telefone (27) 33577518, bem como com a pesquisadora na Diretoria de Ensino do Campus Vitória ou pelo telefone (27) 3331-2247. Ficam claros para mim que embora mínimos sempre há a possibilidade de pequenos riscos ao participar da pesquisa bem como o desagrado com algo que alguém diga ou faça. Também tenho ciência que a pesquisa pode trazer inúmeros benefícios para o aluno, para a escola e para a sociedade. Sei também que há garantia de que as informações e o uso de imagens (caso necessário) desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do aluno.

Vitória, _____ de _____ de 2018.

_____

ANEXO B: Termo de consentimento livre e esclarecido

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar da pesquisa “A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INCENTIVO À LEITURA E À ORALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL II” – do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, do campus Vitória”, sob a responsabilidade da pesquisadora Irley da Penha Guijansque. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista, oficinas de contação de histórias e/ou participação em grupo de estudos sobre o tema. Se você aceitar participar, contribuirá com a elaboração de um material educativo que tem como objetivo apresentar as potencialidades da contação de histórias para a formação do leitor e escritor no ensino fundamental, de modo a contribuir com o ensino de Língua e Literatura nas escolas básicas. Após a finalização de tal material ele será apresentado a outros alunos e professores do Ifes – campus Vitória.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora na Diretoria de Ensino do Campus Vitória, pelo telefone (27) 3331-2247.

Consentimento Pós–Informação

Eu,_____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Vitória, _____ de _____ de 2016.

_____

Assinatura do Participante

ANEXO C: Amostras de entrevistas realizadas pelos alunos

Entrevista 01

1- Ouvia histórias do bairro quando criança? R: Sim
2- Há quanto tempo mora no bairro? E do que se lembra?

R: Moro no Vale Encantado há 29 anos. Quando cheguei, o bairro não tinha asfalto e contava com apenas uma rua de terra. Aqui existia o Areal, considerado um local de desova de cadáveres. Havia, também, uma lagoa chamada de encantada, onde segundo relatos desapareceram várias pessoas, animais, etc...

3-Ouviu essas histórias de quem? R: Dos ‘’mais velhos do bairro’’

4-Essas histórias despertam alguma emoção? Qual?

R: Sim. Quando eu passava por lá perto sempre íamos com um grupo pois tínhamos um medo absurdo daquele lugar.

Entrevista 2

1- Qual sua idade? Há quanto tempo mora no bairro? R: 68, há 18 anos.

2- Conhece histórias sobre o bairro? Sua fundação? Histórias de moradores locais?

R: Quando cheguei aqui no Vale, falavam que havia um lago que um xamã amaldiçoou tornando-o encantado e toda pessoa que fosse lá se banhar sumia e nunca mais era vista. Soube que foi fundado no terreno de uma família influente do bairro.

3- Quais memórias são despertadas ao se lembrar dessa história?

R: Não tenho uma memória específica pois foi há muito tempo, logo após eu vir morar aqui.

Entrevista 3

1- Há quanto tempo mora no bairro? R= 43 anos

2- Qual sua idade? R= 43 anos

3- Conhece histórias sobre o bairro? Sua fundação? História de moradores locais?

R=. Havia muito mato no bairro e todas as ruas eram de barro, não havia luz e para pegar ônibus, tinham de ir até o bairro Rio Marinho.

4- Que memórias são despertadas ao se lembrar dessas histórias?

R= Lembro que nessa época todos brincavam na rua até tarde, não havia celular e as pessoas tinham apenas uma muda de roupa para todos os dias, mas mesmo assim todos eram felizes.

Entrevista 4

Idade: 35

1- O entrevistado conhece alguma história que envolve o bairro e os moradores? Quem contou? De quem ouviu?

R: " Sim, conheço a lenda do Areal dos mortos, quem me contou foi minha mãe e quem contou para ela foi meu avô."

2- Que emoções e recordações causam essas histórias?

R: " Me causa um pouco de medo e curiosidade porque até hoje não sei se realmente brinquei em cima de mortos."

3- Que memórias são despertadas ao se lembrar dessas histórias?

R: "Lembra minha infância, meus amigos."

4- Quanto tempo mora no bairro?

R: " Desde que nasci."

Entrevista 5

1- Há quanto tempo mora no bairro? R: 30 anos
2- Qual sua idade? R: 78
3- Conhece histórias sobre o bairro? Sua fundação? História de moradores locais?
R: Quando cheguei aqui, as ruas não eram asfaltadas, só havia mato e muitos homicídios. A lenda de que me lembro, é da lagoa encantada, que é de onde vem o nome Vale Encantado. Reza a lenda que essa lagoa mudava de lugar não possuindo um lugar fixo, mas não mudava para longe, ficava sempre por perto.

4- Que memórias são despertadas ao se lembrar dessas histórias?
R: Lembra uma época muito violenta, mas muito farta.

Anexo D: Textos usados na pesquisa

O Caso do Espelho

Ricardo Azevedo

Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora.

O homem quase caiu de costas. Abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou espantado com o espelho nas mãos:

— Mas o que é que o retrato do meu pai está fazendo aqui?

— Isso é um espelho — explicou o dono da loja.

— Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai.

Os olhos do homem ficaram molhados.

— O senhor... conheceu meu falecido pai? — perguntou ele ao comerciante.

O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira

— É não! — respondeu o outro. — Isso é o retrato do meu pai. É ele sim! Olha esse rosto. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito?

O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros, embrulhou e vendeu o espelho, baratinho.

Naquele dia, o homem que não sabia quase nada entrou em casa todo contente. Guardou, cuidadoso, o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira.

A mulher ficou só olhando.

No outro dia, esperou o marido sair para o trabalho e correu até o quarto. Abrindo a penteadeira, desembrulhou o espelho, olhou e deu um passo para trás. Fez o sinal-da-cruz tapando a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu andando e chorando.

— Ah, meu Deus! — gritava ela, desnorteada. — É o retrato de outra mulher! Meu marido não gosta mais de mim! A outra é linda demais! Que olhos bonitos! Que cabeleira solta! Que pele macia! A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça do que eu!

Quando o homem voltou no fim do dia, encontrou a casa toda desarrumada. A mulher, chorando sentada no chão, não tinha feito nem comida.

— Que foi isso, mulher?

— Ah, seu traidor desgramado de uma figa! Quem é aquela jararaca do retrato?

— Retrato?

— Aquele mesmo que você, seu safado, escondeu na gaveta da penteadeira!

O homem não estava entendendo nada.

— Mas aquilo é o retrato do meu pai!

Indignada, a mulher colocou as mãos no peito:

— Cachorro nojento miserável! Pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jabiraca sem-vergonha horrorosa?

A discussão fervia feito água na chaleira.
— Velho lazarento coisa nenhuma! — gritou o homem ofendido.
A mãe da moça morava perto. Escutando a gritaria, veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha soluçando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar.
— Que é isso, menina?
— Aquele cachorro cafajeste arranjou outra!
— Ela ficou maluca — berrou o homem — e ainda chamou meu pai de velho lazarento!
— Ontem vi ele escondendo um pacote na gaveta lá no quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver. Tá lá! É o retrato de outra mulher!
A boa senhora resolveu, ela mesmo, verificar o tal retrato.
Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembrulhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos. Olhou de novo. No fim, soltou uma sonora gargalhada:
— Só se for o retrato da tataravó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha, encardida, cacarenta, murcha, arruinada, capenga, careca, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje!
E foi feliz abraçar a filha:
– Fica tranquila. Essa bruaca do retrato é tão velha que parece até que morreu e esqueceram de enterrar!

A pequena vendedora de fósforos

Hans Christian Andersen

Fazia um frio terrível; caía a neve e estava quase escuro; a noite descia: a última noite do ano. Em meio ao frio e à escuridão uma pobre menininha, de pés no chão e cabeça descoberta, caminhava pelas ruas. Quando saiu de casa trazia chinelos; mas de nada adiantavam, eram chinelos tão grandes para seus pequenos pezinhos, eram os antigos chinelos de sua mãe.
A menininha os perdera quando escorregara na estrada, onde duas carruagens passaram terrivelmente depressa, sacolejando.
Um dos chinelos não mais foi encontrado, e um menino se apoderara do outro e fugira correndo. Depois disso a menininha caminhou de pés nus - já vermelhos e roxos de frio.
Dentro de um velho avental carregava alguns fósforos, e um feixinho deles na mão.
Ninguém lhe comprara nenhum naquele dia, e ela não ganhara sequer um níquel.
Tremendo de frio e fome, lá ia quase de rastos a pobre menina, verdadeira imagem da miséria!
Os flocos de neve lhe cobriam os longos cabelos, que lhe caíam sobre o pescoço em lindos cachos; mas agora ela não pensava nisso.

Luzes brilhavam em todas as janelas, e enchia o ar um delicioso cheiro de ganso assado, pois era véspera de Ano-Novo.
Sim: nisso ela pensava!

Numa esquina formada por duas casas, uma das quais avançava mais que a outra, a menininha ficou sentada; levantara os pés, mas sentia um frio ainda maior.
Não ousava voltar para casa sem vender sequer um fósforo e, portanto sem levar um único tostão.
O pai naturalmente a espancaria e, além disso, em casa fazia frio, pois nada tinham como abrigo, exceto um telhado onde o vento assobiava através das frinchas maiores, tapadas com palha e trapos. Suas mãozinhas estavam duras de frio.
Ah! bem que um fósforo lhe faria bem, se ela pudesse tirar só um do embrulho, riscá-lo na parede e aquecer as mãos à sua luz!
Tirou um: trec! O fósforo lançou faíscas, acendeu-se.
Era uma cálida chama luminosa; parecia uma vela pequenina quando ela o abrigou na mão em concha... Que luz maravilhosa!
Com aquela chama acesa a menininha imaginava que estava sentada diante de um grande fogão polido, com lustrosa base de cobre, assim como a coifa.
Como o fogo ardia! Como era confortável!
Mas a pequenina chama se apagou, o fogão desapareceu, e ficaram-lhe na mão apenas os restos do fósforo queimado.
Riscou um segundo fósforo.
Ele ardeu, e quando a sua luz caiu em cheio na parede ela se tornou transparente como um véu de gaze, e a menininha pôde enxergar a sala do outro lado. Na mesa se estendia uma toalha branca como a neve e sobre ela havia um brilhante serviço de jantar. O ganso assado fumegava maravilhosamente, recheado de maçãs e ameixas pretas. Ainda mais maravilhoso era ver o ganso saltar da travessa e sair bamboleando em sua direção, com a faca e o garfo espetados no peito!
Então o fósforo se apagou, deixando à sua frente apenas a parede áspera, úmida e fria.
Acendeu outro fósforo, e se viu sentada debaixo de uma linda árvore de Natal. Era maior e mais enfeitada do que a árvore que tinha visto pela porta de vidro do rico negociante. Milhares de velas ardiam nos verdes ramos, e cartões coloridos, iguais aos que se veem nas papelarias, estavam voltados para ela. A menininha espichou a mão para os cartões, mas nisso o fósforo apagou-se. As luzes do Natal subiam mais altas. Ela as via como se fossem estrelas no céu: uma delas caiu, formando um longo rastilho de fogo.

"Alguém está morrendo", pensou a menininha, pois sua vovozinha, a única pessoa que amara e que agora estava morta, lhe dissera que quando uma estrela cala, uma alma subia para Deus.
Ela riscou outro fósforo na parede; ele se acendeu e, à sua luz, a avozinha da menina apareceu clara e luminosa, muito linda e terna.
- Vovó! - exclamou a criança.
- Oh! leva-me contigo! Sei que desaparecerás quando o fósforo se apagar!
Dissipar-te-ás, como as cálidas chamas do fogo, a comida fumegante e a grande e maravilhosa árvore de Natal!
E rapidamente acendeu todo o feixe de fósforos, pois queria reter diante da vista sua querida vovó. E os fósforos brilhavam com tanto fulgor que iluminavam mais que a luz do dia. Sua avó nunca lhe parecera grande e tão bela. Tornou a menininha nos braços, e ambas voaram em luminosidade e alegria acima da terra, subindo cada vez mais alto para onde não havia frio nem fome nem preocupações - subindo para Deus.

Mas na esquina das duas casas, encostada na parede, ficou sentada a pobre menininha de rosadas faces e boca sorridente, que a morte enregelara na derradeira noite do ano velho.
O sol do novo ano se levantou sobre um pequeno cadáver.
A criança lá ficou, paralisada, um feixe inteiro de fósforos queimados. - Queria aquecer-se - diziam os passantes.
Porém, ninguém imaginava como era belo o que estavam vendo, nem a glória para onde ela se fora com a avó e a felicidade que sentia no dia do Ano Novo.

Os sete corvos

Irmãos Grimm

Um homem tinha sete filhos e nunca tinha uma filha, por mais que desejasse. Até que, finalmente, sua mulher lhe deu esperanças de novo e, quando a criança veio ao mundo, era uma menina. A alegria foi enorme, mas a criança era franzina e miúda e, por causa dessa fraqueza, foi preciso que lhe dessem logo os sacramentos. O pai mandou um dos filhos ir correndo até a fonte, buscar água para o batismo. Os outros seis foram atrás do irmão e, como cada um queria ser o primeiro a puxar a água para cima, acabaram deixando o balde cair no fundo do poço. Aí eles ficaram assustados, sem saber o que deviam fazer, e nenhum dos sete tinha coragem de voltar para casa. Foram ficando por lá, sem sair do l ugar.Como estavam demorando muito, o pai foi ficando cada vez mais impaciente e disse: - Na certa ficaram brincando e se esqueceram de voltar, aqueles moleques levados. Começou a ficar com medo de que a menininha morresse sem ser batizada e, com raiva, gritou:
- Tomara que eles todos virem corvos!
Mal o pai acabou de dizer essas palavras, ouviu um barulho de asas batendo no ar, por cima da cabeça. Levantou os olhos e viu sete corvos negros como carvão. voando de um lado para outro.
Os pais ficaram tristíssimos, mas não conseguiram fazer nada para quebrar o encanto. Felizmente, puderam se consolar um pouco com sua filhinha querida, que logo recuperou as forças e cada dia ia ficando mais bonita. Durante muito tempo, ela ficou sem saber que tinha tido irmãos, porque os pais tinham o maior cuidado de nunca falar nisso. Mas um dia, ela ouviu por acaso umas pessoas comentando que era uma pena que uma menina assim tão bonita como ela fosse a responsável pela infelicidade dos irmãos.
A menina ficou muito aflita e foi logo perguntar aos pais se era verdade que ela já tinha tido irmãos, e o que tinha acontecido com eles. Os pais não puderam continuar guardando segredo. Mas explicaram que o que aconteceu tinha sido um desígnio do céu, e que o nascimento dela não tinha culpa de nada. Só que a menina começou a ter remorsos todos os dias e resolveu que precisava dar um jeito de livrar os irmãos do encanto. Não sossegou enquanto não saiu escondida, tentando encontrar algum sinal deles em algum lugar, custasse o que custasse. Não levou quase nada: só um anelzinho como lembrança dos pais, uma garrafinha d'água para matar a sede e uma cadeirinha para descansar.
Andou, andou, andou, cada vez para mais longe, até o fim do mundo. Aí, ela chegou junto do sol. Mas ele era quente demais e muito terrível, porque comia os próprios filhos. Ela saiu correndo, fugindo, para bem longe, até que chegou junto da lua. Mas a lua era fria demais e muito malvada e cruel. Assim que viu a menina, disse:
- Huuummm sinto cheiro de carne humana...

A menina saiu correndo bem depressa, fugindo para bem longe, até que chegou junto das estrelas.
As estrelas foram muito amáveis e boazinhas com ela, cada uma sentada em uma cadeirinha separada.
Então, a estrela da manhã se levantou, deu um ossinho de galinha à menina e disse:
- Sem este ossinho, você não vai conseguir abrir a montanha de vidro. E é na montanha de vidro que estão os seus irmãos.
A menina pegou no ossinho, embrulhou-o com todo cuidado num lenço e continuou seu caminho, até que chegou à montanha de vidro. A porta estava bem fechada, trancada com chave, e ela resolveu pegar o ossinho de galinha que estava guardado no lenço. Mas quando desembrulhou, viu que não tinha nada dentro do pano e que ela tinha perdido o presente que as boas estrelas tinham dado. Ficou sem saber o que fazer. Queria muito salvar os irmãos, mas não tinha mais a chave da montanha de vidro. Então, a boa irmãzinha pegou uma faca, cortou um dedo mindinho, enfiou na fechadura e deu um jeito de abrir a porta. Assim que entrou, um gnomo veio ao seu encontro e lhe perguntou:
- Minha filha, o que é que você está procurando?
- Procuro meus irmãos, os sete corvos - respondeu ela. O gnomo então disse:
- Os senhores Corvos não estão em casa, mas se quiser esperar até que eles cheguem, entre e fique à vontade.
Lá em cima, o gnomo pôs a mesa para o jantar dos corvos, com sete pratinhos e sete copinhos. A irmã então comeu um pouco da comida de cada prato e bebeu um gole de cada copo. Mas no último, deixou cair o anelzinho que tinha trazido.
De repente, ouviu-se nos ares um barulho de gritos e batidas de asas. Então o gnomo disse:
- São os senhores Corvos que estão chegando.
Eram eles mesmos, com fome e com sede. Foram logo em direção aos pratos e copos. E, um por um, foram gritando:
- Quem comeu no meu prato? Quem bebeu no meu copo? Foi boca de gente, foi boca de gente...
Mas quando o sétimo corvo acabou de esvaziar seu copo, o anel caiu lá de dentro. Ele olhou bem e reconheceu que era um anel do pai e da mãe deles, e disse:
- Quem dera que fosse a nossa irmãzinha, porque aí a gente ficava livre.
Quando a menina, que estava escondida atrás da porta, ouviu esse desejo, apareceu de repente e todos os corvos viraram gente outra vez. Começaram todos a se abraçar e se beijar e a se fazer mil carinhos e depois voltaram para casa muito felizes.

A Moça Tecelã

Marina Colasanti

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava se ao tear.
Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela. Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fi dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu:

— Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo. Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer

barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear. Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela. A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu. Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.